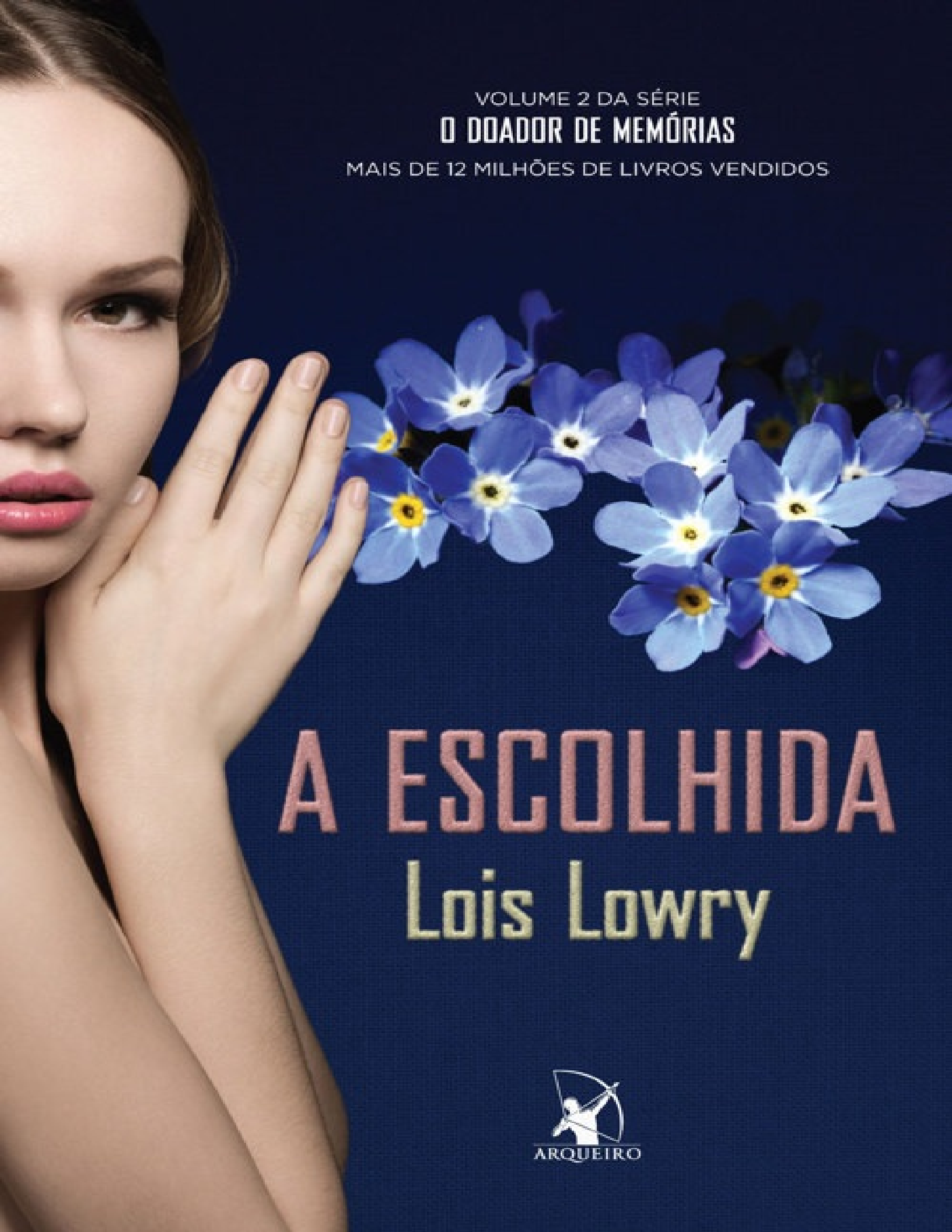
VOLUME 2 DA SÉRIE

O DOADOR DE MEMÓRIAS

MAIS DE 12 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS



A ESCOLHIDA

Lois Lowry

ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A ESCOLHIDA



O Arqueiro

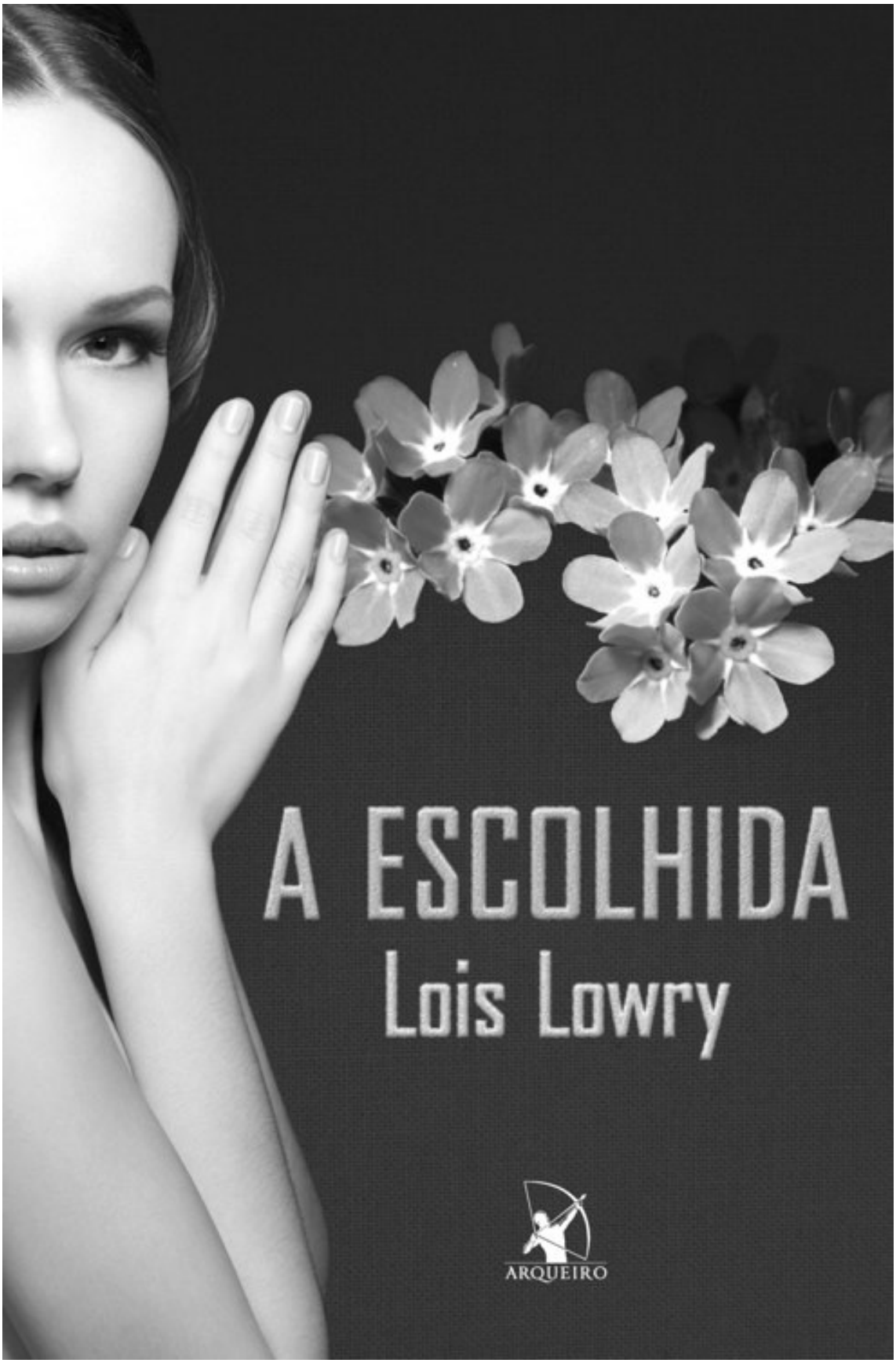
Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


A ESCOLHIDA
Lois Lowry
ARQUEIRO

Título original: *Gathering Blue*

Copyright © 2000 por Lois Lowry
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fabiano Morais

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Ana Grillo e Rebeca Bolite

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Victor Burton e Luisa Primo

imagens de capa: menina: photo pictures project / iStock Photo; flores: briandaly / iStock Photo

ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L956e

Lowry, Lois
A escolhida [recurso eletrônico] / Lois Lowry [tradução de Fabiano Morais]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: Gathering blue
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-348-9 (recurso eletrônico)

1. Distopia - Ficção infantojuvenil americana. 3. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

14-16161

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

1

– Mãe?

Não houve resposta. Ela não esperava que houvesse. Fazia quatro dias que sua mãe estava morta e Kira percebia que os últimos resquícios do seu espírito já se dissipavam.

– Mãe? – repetiu ela, baixinho, para o que quer que estivesse partindo.

Achava que conseguia senti-lo ir, como é possível sentir o leve sussurrar de uma brisa noturna.

Agora ela estava completamente sozinha. Kira experimentou a solidão, a incerteza e um grande pesar.

Aquela tinha sido sua mãe, a mulher afetuosa e cheia de vida que se chamava Katrina. Então, após uma doença breve e inesperada, se tornara o corpo de Katrina, ainda contendo o espírito relutante. Depois de quatro crepúsculos e quatro alvoradas, o espírito também partiu. Agora, restava apenas a carne. Coveiros viriam para jogar uma camada de terra sobre o cadáver, mas ainda assim ele seria devorado pelas criaturas escavadoras e famintas que apareciam à noite. Os ossos se espalhariam, apodreceriam e se esfacelariam, tornando-se parte da terra.

Kira enxugou rapidamente os olhos, que haviam se enchido de lágrimas de repente. Amava a mãe e sentiria muita falta dela, mas precisava ir embora. Fincou o cajado no solo macio, apoiou-se nele e se levantou.

Olhou ao redor, indecisa. Ainda era jovem e não tivera nenhuma experiência com a morte, não em sua pequena família composta apenas de mãe e filha. É claro que já vira outros cumprirem os rituais. Podia ver alguns agora, no amplo e malcheiroso Campo da Partida, reunidos em volta dos entes queridos, cuidando dos espíritos relutantes. Ela sabia que uma mulher chamada Helena estava ali, velando o espírito do seu bebê, que havia nascido prematuro. Helena tinha chegado ao Campo apenas no dia anterior. Não era necessária uma vigília de quatro dias para os bebês; seus espíritos frágeis, recém-chegados, dissipavam-se rapidamente. Assim, Helena logo voltaria para junto da família no vilarejo.

Já Kira não tinha mais família nem lar. O casebre que dividia com a mãe fora queimado. Era o que sempre acontecia em caso de doença. A habitação humilde, o único lugar que Kira já havia chamado de lar, não existia mais. De onde estivera sentada junto ao corpo, ela pôde ver a fumaça ao longe. Enquanto observava o espírito da mãe partir, também vira as cinzas de sua infância subirem, rodopiantes, em direção ao céu.

Tremeu levemente de medo. O temor sempre fizera parte da vida das pessoas. Por causa do medo, elas construíam abrigos, buscavam comida e plantavam hortas. Pelo mesmo motivo, armazenavam armas, precavidas. Havia o medo do frio, da doença, da fome, das feras.

E foi o medo que a impulsionou naquele momento, apoiada em seu cajado. Ela lançou um último olhar para o corpo sem vida que um dia abrigara sua mãe e perguntou-se aonde poderia ir.



Kira pensou em reconstruir a casa. Se conseguisse ajuda, por mais improvável que isso fosse, não demoraria muito para erguer um casebre, especialmente naquela época do ano, início do verão, em que os galhos das árvores estavam moles e a lama era grossa e abundante à margem do rio. Já tinha visto muitas vezes outras pessoas construírem casas e achava que conseguiria edificar algum tipo de abrigo para si mesma. As quinas e a chaminé talvez não ficassem retas. O telhado seria difícil, pois sua perna ruim praticamente a impedia de subir aonde quer que fosse. Mas ela daria um jeito. Encontraria uma forma de construir um casebre. Depois, arranjaria um modo de ganhar a vida.

O irmão de sua mãe passara dois dias junto dela no Campo, não velando Katrina, mas sentado em silêncio ao lado do corpo da própria mulher, a geniosa Solora, e do bebezinho deles, que era novo demais até para ter um nome. Ela e o tio trocaram um meneio de cabeça. Porém, ele foi embora logo após cumprir seu tempo no Campo da Partida. Precisava cuidar de seus outros dois pequenos. Eles ainda eram novos, seus nomes ainda tinham apenas uma sílaba: Dan e Mar. *Talvez eu possa cuidar deles*, pensou Kira por um instante, tentando encontrar o próprio futuro dentro do vilarejo. Contudo, mesmo enquanto o pensamento ainda surgia, ela já sabia que não lhe dariam permissão. Os pequenos de Solora seriam dados, distribuídos entre aqueles que não tivessem nenhum. Pequenos saudáveis e fortes

eram valiosos; se bem treinados, poderiam contribuir para as necessidades da família e seriam muito desejáveis.

Ninguém desejaria Kira. Ninguém jamais a havia desejado, a não ser sua mãe. Katrina contara várias vezes a Kira a história do seu parto – o nascimento de uma menina sem pai e com uma perna torta – e de como lutara para mantê-la viva.

– Eles vieram buscar você – sussurrou a mãe para ela certa noite, no casebre onde moravam, com o fogo bem alimentado e brilhante. – Você tinha um dia de idade, ainda nem havia recebido o nome infantil de uma sílaba só...

– Kir.

– Isso mesmo: Kir. Eles me trouxeram comida e pretendiam levá-la embora para o Campo...

Kira estremeceu. Era a lei, a tradição e um gesto de misericórdia devolver uma criança sem nome e imperfeita à terra antes de seu espírito poder preenchê-la e torná-la humana. Mas a ideia a enchia de pavor.

Katrina acariciou os cabelos da filha.

– Eles não fizeram por mal – lembrou-lhe a mãe.

Kira assentiu.

– Não sabiam que era *eu*.

– Não *era* você, não ainda.

– Conte de novo por que não deixou que eles me levassem – sussurrou Kira.

A mãe suspirou, lembrando-se daquele dia.

– Eu sabia que não teria outra criança. Seu pai fora levado pelas feras. Fazia vários meses que ele havia saído para caçar e nunca mais voltara. Então eu não daria à luz novamente.

Ela fez uma pausa e prosseguiu:

– Bem, talvez eles tivessem me dado outra criança um dia, um órfão para eu criar. Mas quando segurei você nos meus braços... mesmo que seu espírito ainda não tivesse chegado e sua perna fosse tão torcida para o lado errado que você obviamente nunca conseguiria correr... seus olhos brilhavam. Eu pude ver o início de algo extraordinário neles. E seus dedos eram longos...

– E fortes. Minhas mãos eram fortes – acrescentou Kira, satisfeita.

Já tinha ouvido a história várias vezes; sempre que tornava a escutá-la, olhava para as próprias mãos fortes com orgulho.

A mãe riu.

– Tão fortes que agarraram meu polegar e não queriam soltar mais. Depois de sentir a gana com que você puxava meu dedo, não pude deixar que a levassem embora. Simplesmente me neguei.

– Eles ficaram irritados.

– Ficaram. Mas eu fui firme. E meu pai ainda estava vivo, é claro. Ele já era velho, tinha quatro sílabas, e fora o líder do nosso povo, o guardião-chefe, durante muito tempo. E o seu pai também teria sido um líder muito respeitado se não tivesse morrido durante a longa caçada. Já o haviam escolhido para ser guardião.

– Diga o nome do meu pai para mim – pediu Kira.

Katrina sorriu à luz do fogo.

– Christopher. Você sabe.

– Mas gosto de ouvi-lo. Gosto de ouvir você falar o nome dele.

– Quer que eu continue?

Kira fez que sim.

– Você foi firme. Insistiu – relembrou a menina.

– Mesmo assim, eles me fizeram prometer que você não se tornaria um fardo.

– Eu não me tornei, certo?

– Claro que não. Suas mãos fortes e sua inteligência compensam a perna defeituosa. Você é uma ajudante robusta e confiável no galpão de tecelagem; todas as mulheres que trabalham lá dizem isso. E a perna torta não tem nenhuma importância se levarmos em conta sua sagacidade. As histórias que você conta aos pequenos, as imagens que cria com palavras... e com as linhas! Os bordados que faz! Ninguém nunca viu nada parecido. São muito melhores do que qualquer coisa que eu poderia fazer! – Sua mãe riu. – Chega. Não me faça bajulá-la. Lembre-se de que você ainda é uma menina, com tendência a ser teimosa. Esta manhã mesmo, Kira, você se esqueceu de arrumar a casa, embora tenha me prometido que faria isso.

– Não me esquecerei amanhã – garantiu Kira, sonolenta, aconchegando-se junto à mãe na esteira de dormir suspensa. Ela acomodou a perna torta em uma posição mais confortável. – Prometo.



Mas agora não havia ninguém para ajudá-la. Não lhe restava nenhuma família e ela não era uma pessoa especialmente útil para o vilarejo. Seu trabalho diário era ajudar no galpão de tecelagem, catando os retalhos e sobras, mas a perna deformada diminuía seu valor como trabalhadora e, futuramente, até como parceira.

Sim, as mulheres gostavam das histórias fantásticas que ela contava para entreter os pequenos irrequietos e admiravam seus pequenos bordados. Mas essas coisas eram distrações, não trabalho.

O sol não estava mais a pino e projetava no Campo da Partida as sombras das árvores e arbustos de espinhos que o cercavam. Passava, e muito, do meio-dia. Sua incerteza a fizera ficar mais tempo do que devia por ali. Com cuidado, reuniu as peles sobre as quais dormira durante aquelas quatro noites em que velara o espírito da mãe. Sua fogueira, agora uma mancha escura no chão, reduzira-se a cinzas frias. Seu cantil estava vazio e não havia comida alguma.

Devagar, usando o cajado, mancou em direção à trilha que conduzia de volta ao vilarejo, agarrando-se à tênue esperança de que talvez ainda fosse bem-vinda lá.

Pequenos brincavam nos limites da clareira, correndo pelo chão coberto de limo. Agulhas de pinheiros estavam presas aos seus corpos nus e aos seus cabelos. Ela sorriu. Reconheceu cada um deles. Lá se encontrava o filho de cabelos loiros da amiga de sua mãe; ela recordava seu nascimento, havia dois solstícios de verão. E a menina cuja irmã gêmea tinha morrido, mais nova do que o loirinho, que mal sabia andar, mas ria e soltava gritinhos com os outros, brincando de pique-pega. Todos brigavam, trocando tapas e pontapés, apanhando gravetos que usavam como armas de brinquedo, brandindo os pequenos punhos. Kira lembrou-se de quando observava os amigos de infância brincarem daquele jeito, preparando-se para as lutas reais da vida adulta. Incapaz de participar por conta da perna defeituosa, ela olhava com inveja.

Uma criança mais velha, um menino de rosto sujo de 8 ou 9 anos, ainda jovem demais para a puberdade e o nome de duas sílabas que receberia, a encarou. Ele estava ocupado arrancando a vegetação rasteira e juntando feixes de galhos para uma fogueira. Kira sorriu. Era Matt, que sempre tinha sido seu amigo. Ele vivia no Brejo, um lugar pantanoso e desagradável, talvez filho de um apanhador ou coveiro. Mas andava livremente pelo vilarejo com os colegas desordeiros, sempre seguido pelo cão. Estava sempre parando, como agora, para fazer alguma tarefa ou pequeno serviço em troca de algumas moedas ou um doce. Kira gritou um cumprimento para o garoto. O cão encurvou o rabo, enroscou-se nos galhos e folhas, pisoteou o chão, e o menino sorriu em resposta.

– Então ocê já voltou do Campo – disse ele. – Como é que é lá? Ocê ficou assustada? Apareceu alguma criatura de noite?

Kira fez que não com a cabeça e sorriu. Pequenos de uma sílaba só não podiam ir ao Campo, então era natural que Matt estivesse curioso e um pouco impressionado.

– Não vi nenhuma criatura. Fiz uma fogueira, que as manteve longe.

– Quer dizer que Katrina já deu o fora do corpo dela? – perguntou o menino em seu dialeto.

As pessoas de Fen eram estranhas, diferentes. Facilmente identificadas pelo jeito esquisito de falar e pelos maus modos, eram desprezadas por quase todos. Mas não por Kira, que gostava muito de Matt.

– O espírito da minha mãe já se foi. Eu o vi deixar o corpo dela. Foi soprado para longe como uma névoa.

Matt se aproximou dela, ainda carregando galhos em seus braços arranhados e sujos. Estreitou os olhos, fazendo cara de triste, e enrugou o nariz.

– Seu barraco tá todo queimado.

Kira sabia que sua casa tinha sido destruída, embora no fundo nutrisse esperanças de que estivesse enganada.

– Sim – falou ela com um suspiro. – E as coisas que estavam dentro? Meu quadro? Queimaram meu quadro de tear?

Matt franziu a testa.

– Tentei salvar as coisas, mas queimou quase tudo. Só o seu barraco, Kira. Não foi igual quando tem doença braba. Desta vez, foi só a sua mãe mesmo.

– Eu sei.

Kira tornou a suspirar. No passado, doenças haviam se alastrado de um casebre para outro, causando muitas mortes. Quando isso acontecia, fazia-se uma grande queimada, seguida de uma reconstrução que se tornava quase festiva, com o barulho dos trabalhadores espalhando barro úmido sobre as novas estruturas de madeira e alisando-o metodicamente. O cheiro de queimado continuava no ar mesmo depois de os novos casebres já estarem de pé.

Mas naquele dia não havia festividade. Apenas os sons habituais. A morte de Katrina não trouxera nenhuma mudança para as vidas dos habitantes do vilarejo. Ela costumava estar ali. Agora não estava mais. Vida que segue.

Ainda acompanhada de Matt, Kira parou diante do poço e encheu de água seu cantil. Ela ouvia discussões por toda parte. A cadência dos bate-bocas era uma trilha sonora constante no vilarejo: as declarações ríspidas de homens lutando por poder; as bravatas e provocações estridentes de mulheres invejosas e irritadas com os pequenos que chiavam e choramingavam aos seus pés e geralmente eram chutados para longe.

Ela protegeu os olhos com a mão para não ser ofuscada pelo sol da tarde, procurando o espaço que o próprio casebre costumava ocupar. Respirou fundo. Não seria nada fácil juntar madeira, e mais trabalhoso ainda escavar a lama da margem do rio. Além disso, as vigas eram pesadas, tornando complicada a tarefa de arrastá-las.

– Preciso começar a reconstruir minha casa. Quer me ajudar? Pode ser divertido se formos nós dois. – Após uma pausa, Kira acrescentou: – Não posso lhe pagar, mas prometo contar histórias novas.

O menino balançou a cabeça.

– Vou levar uma coça se num terminar de catar esses gravetos pra fogueira. – Matt se virou para ir embora. Após uma hesitação, voltou-se outra vez para Kira e falou baixinho: – Eu ouvi as pessoas falando. Elas não querem que ocê continue aqui. Tão planejando te expulsar agora que a sua mãe morreu. Querem te largar no Campo pras feras pegarem. Vão mandar os apanhadores te levarem pra lá.

Kira sentiu um nó no estômago, apavorada, mas tentou manter a voz calma. Precisava extrair informações de Matt, que ficaria desconfiado se soubesse que ela estava com medo.

– Quem são essas "pessoas"? – perguntou ela em um tom de voz contrariado, altivo.

– As mulheres. Ouvi elas falando lá no poço. Eu tava catando umas lascas de madeira no lixo e nem notaram que eu tava ouvindo. Mas elas querem o seu lugar. Lá onde era o seu barraco. Querem construir um cercado ali, pra deixar os pequenos e as galinhas presos e não precisar ficar correndo atrás deles o tempo todo.

Kira o encarou com um olhar firme. A tranquilidade com que aquelas mulheres podiam ser tão cruéis era aterrorizante, quase inacreditável. Por um motivo banal, iam jogá-la às feras que ficavam à espreita na floresta para suprir o Campo.

– Qual delas parecia estar mais contra mim? – perguntou ela após alguns instantes.

Matt pôs-se a refletir, revirando os galhos nas mãos. Kira notou que ele relutava em se envolver com aqueles problemas, por medo do que poderia lhe acontecer. Mas Matt sempre fora seu amigo. Por fim, olhando ao redor para se assegurar de que ninguém o ouvia, ele lhe sussurrou o nome da pessoa que Kira precisaria enfrentar:

– Vandara.

Não era nenhuma surpresa. Mesmo assim, Kira sentiu um nó no estômago.

2

Primeiro, decidiu Kira, seria melhor fingir que não sabia de nada. Ela voltaria ao antigo local do casebre em que vivia com a mãe e começaria a reconstruí-lo. Talvez o simples fato de vê-la ali trabalhando dissuadisse as mulheres que esperavam expulsá-la.

Apoiando-se no cajado, ela atravessou o vilarejo apinhado de gente. Aqui e ali, as pessoas a cumprimentavam com um breve aceno de cabeça, mas estavam todos ocupados, encarregando-se de suas tarefas diárias, e amenidades não faziam parte de seus costumes.

Ela viu o tio trabalhando com o filho, Dan, no jardim ao lado do casebre onde vivera com Solora e os pequenos. O mato tinha crescido à vontade enquanto sua esposa chegava ao fim da gravidez, dava à luz e morria. Então, mais dias se passaram e mais mato surgiu durante o tempo em que ele ficou sentado no Campo com a mulher e o filho morto.

As varas que sustentavam os feijões-trepadores haviam tombado e ele as endireitava com irritação, sendo ajudado por Dan; a caçula, uma pequena chamada Mar, estava sentada por perto, brincando com a terra. Kira viu o homem estapear Dan no ombro com força, ralhando com ele por não ter segurado a vara direito.

Ela passou por eles, fincando o cajado com força no chão a cada passo, planejando menear a cabeça em resposta se a cumprimentassem. Mas a menininha que brincava com a terra apenas resmungou e cuspiu; vinha provando algumas pedrinhas, do jeito que as pequenas costumavam fazer, e acabou por colocar um punhado de cascalhos asquerosos na boca. Dan fitou Kira, mas não fez menção de cumprimentá-la nem pareceu reconhecê-la, encolhido por conta do tapa do pai. O único irmão de Katrina não desviou o olhar do que fazia.

Kira suspirou. Pelo menos ele tinha ajuda. A não ser que conseguisse convencer Matt e alguns de seus colegas, precisaria executar sozinha todo o trabalho de reconstrução e jardinagem – isso se a deixassem ficar ali.

Sua barriga roncou e ela percebeu como estava faminta. Contornando a trilha que passava por uma fileira de casebres pequenos, chegou ao próprio lote e se viu

diante do monte de cinzas negras que um dia tinha sido sua casa. Não restava nada do que havia lá dentro. Mas ela ficou feliz ao ver que o pequeno espaço de jardim e horta resistira. As flores de sua mãe ainda estavam abertas e os legumes de início de verão amadureciam sob o sol. Pelo menos por ora ela ainda teria comida.

De repente, uma mulher saiu correndo das árvores próximas, olhou de relance para Kira e pôs-se a arrancar descaradamente as cenouras da horta que a menina e sua mãe haviam plantado juntas.

– Pare! Isso é meu! – Kira lançou-se para a frente o mais rápido que pôde, arrastando a perna deformada.

Rindo com desdém, a mulher se afastou sem pressa com as mãos cheias de cenouras encrostadas de terra.

Kira correu até o que restava da horta. Largou o cantil no chão, desenterrou alguns tubérculos, limpou a terra com as mãos e começou a comê-los. Como não havia nenhum caçador em sua família, ela e a mãe comiam carne esporadicamente, quando conseguiam apanhar algum animal pequeno dentro dos limites do vilarejo. Não podiam se embrenhar na floresta para caçar como faziam os homens. O rio era abundante em peixes, fáceis de pegar, logo não sentiam necessidade de outros alimentos.

Porém, os legumes eram fundamentais. Ela tivera sorte, percebeu, porque a horta não fora totalmente saqueada durante os quatro dias no Campo.

Depois de matar a fome, sentou-se para descansar a perna e olhou ao redor. Uma pilha de ramos arrancados havia sido depositada à beira do seu terreno, perto das cinzas, como se alguém se preparasse para ajudá-la a reconstruir o casebre.

Mas Kira sabia que não era o caso. Ela se levantou e apanhou um dos ramos finos e maleáveis.

Vandara surgiu imediatamente da clareira perto dali; havia estado à espreita o tempo todo. Kira não sabia onde ela vivia ou quem poderiam ser seu marido ou filhos. Não morava em nenhum dos casebres mais próximos. Mas as pessoas sussurravam boatos a seu respeito. Ela era famosa e respeitada. Ou temida.

A mulher era alta e musculosa, com cabelos longos e enrolados, puxados grosseiramente para trás e amarrados com uma tira de couro na nuca. Seus olhos escuros e firmes dilaceravam qualquer calma que Kira pudesse sentir. Dizia-se que a cicatriz irregular que se destacava em seu queixo e prosseguia pelo pescoço até o ombro largo era o vestígio de uma batalha travada tempos antes contra uma das criaturas da floresta. Nenhuma outra pessoa jamais sobrevivera a um ferimento como aquele e a marca era um lembrete a todos da coragem e da força de Vandara, assim como da sua maldade. As crianças falavam que a mãe de uma criatura a havia

atacado e ferido com suas garras ao ver que ela tentava roubar um filhote do seu covil.

Agora, diante de Kira, ela novamente se preparava para destruir o "filhote" de outra mãe.

Ao contrário da criatura da floresta, Kira não tinha garras para lutar. Ela agarrou o cajado de madeira com força e tentou retribuir o olhar da mulher sem demonstrar medo.

– Eu voltei para reconstruir minha casa.

– Já não há espaço para você aqui. Este local pertence a mim agora. Estes ramos são meus.

– Cortarei outros para mim – retrucou Kira. – Mas irei reconstruir minha casa neste espaço, que era do meu pai antes de eu nascer, e da minha mãe depois que ele morreu. Agora que ela está morta, ele é meu.

Outras mulheres saíram dos casebres ao redor.

– Nós precisamos dele – gritou uma delas. – Vamos usar os ramos para construir um cercado para os pequenos. Foi Vandara quem teve a ideia.

Kira encarou a mulher, que segurava com força o braço de uma pequena.

– Talvez seja uma boa ideia. Mas não neste terreno. Podem construir um cercado em qualquer outro lugar.

Vandara se agachou e apanhou uma pedra do tamanho do punho de um pequeno.

– Não queremos você aqui. Seu lugar não é mais no vilarejo. Você é inútil com essa perna. Sua mãe sempre a protegeu, mas agora ela está morta. Você também deveria partir. Por que simplesmente não ficou no Campo?

Kira notou que estava cercada de mulheres hostis, que observavam Vandara à espera de instruções e liderança. Várias delas seguravam pedras. Sabia que, se uma só atirasse, seria imitada pelas outras. Todas esperavam pela primeira pedra.

O que minha mãe teria feito?, pensou, apavorada, tentando evocar a sabedoria do pouquinho do espírito de sua mãe que vivia nela agora.

Ou meu pai, que nunca soube que eu nasci? O espírito dele está em mim também.

Kira empertigou os ombros e começou a falar, mantendo a voz firme.

– Vocês sabem que, quando surge um conflito no vilarejo com potencial de morte, nós devemos ir ao Conselho dos Guardiões.

Tentou olhar nos olhos de todas as mulheres, uma por uma. Algumas baixaram a vista para o chão. Isso era bom. Significava que eram fracas.

Houve um burburinho de concordância. Vandara continuava com a pedra na mão, os ombros tensos, preparados para lançá-la.

Kira olhou diretamente para Vandara, mas, ao prosseguir, também se dirigia às outras mulheres, pois necessitava de seu apoio. Apelava não à compaixão delas, pois sabia que não tinham nenhuma, mas ao seu medo.

– Lembrem que, se um conflito não for levado ao Conselho dos Guardiões e houver morte...

Mais murmúrios. "Se houve morte...", ouviu uma mulher repetir em um tom de voz incerto, apreensivo.

Kira esperou. Manteve-se o mais empertigada possível.

Por fim, uma mulher do grupo completou as palavras da lei.

– O causador-da-morte deve morrer.

– Sim, o causador-da-morte deve morrer – repetiram outras vozes.

Uma a uma, elas largaram as pedras. Kira se permitiu relaxar um pouco e ficou à espera. Observando.

Apenas Vandara ainda carregava sua arma. Fulminando-a com os olhos, a ameaçou, flexionando o braço como se fosse atirar a pedra. Mas acabou jogando-a de forma inofensiva no chão, na direção de Kira.

– Então eu vou levá-la ao Conselho dos Guardiões – anunciou para as mulheres. – Estou disposta a ser a acusadora. Que *eles* a expulsem. – Ela soltou uma risada perversa. – Não há necessidade de desperdiçarmos uma vida para nos livrarmos dela. Ao pôr do sol de amanhã, este terreno será nosso e ela não estará mais aqui. Estará no Campo, à espera das feras.

Todas as mulheres olharam em direção à floresta, àquela altura já mergulhada nas sombras. Kira forçou-se a não imitá-las.

Com a mesma mão que havia segurado a pedra, Vandara acariciou a cicatriz no pescoço. Ela abriu um sorriso cruel.

– Ainda me lembro como foi ver meu próprio sangue sendo derramado no chão. Eu sobrevivi. Sobrevivi porque sou forte. Ao cair da noite de amanhã, quando ela sentir as garras no seu pescoço, este equívoco de duas sílabas em forma de garota irá desejar ter morrido doente como a mãe.

Assentindo, as mulheres deram as costas para Kira e se afastaram, enchendo de broncas e pontapés os pequenos que as acompanhavam. O sol já estava baixo no céu. Elas iriam cuidar dos afazeres do fim do dia, preparando-se para o retorno dos homens do vilarejo, que precisariam de comida, fogo e cuidados com seus ferimentos.

Uma mulher estava prestes a dar à luz, talvez naquela noite mesmo. As outras tratariam dela, abafando seus gritos e estimando o valor da criança. Outros

acasalariam, gerando pessoas, novos caçadores para substituir os mais velhos, que morriam por conta de feridas, doença ou velhice.

Kira não sabia o que o Conselho dos Guardiões iria decidir. Sabia apenas que, se ficasse ou partisse, se reconstruísse sua morada ou tivesse de ir para o Campo, estaria sozinha. Exaurida, sentou-se na terra escurecida pelas cinzas para esperar a noite.

Apanhou um pedaço de madeira e o girou nas mãos, avaliando sua solidez e retidão. Para erguer um casebre, precisaria de ripas firmes e resistentes. Iria até Martin, o marceneiro, que tinha sido amigo de sua mãe. Poderia negociar com ele, talvez propor decorar um tecido para sua mulher em troca das madeiras de que precisaria.

Para o trabalho que acreditava poder fazer para ganhar a vida, também precisaria de alguns pedaços de madeira pequenos e retos. Aquele ali era muito flexível, não serviria, por isso o largou no chão. No dia seguinte, se a decisão do Conselho fosse favorável a ela, Kira iria procurar o tipo de madeira de que precisava: pedaços curtos e lisos cujas pontas pudesse encaixar umas às outras. Já planejava construir um novo quadro de tear.

Kira sempre tinha sido habilidosa com as mãos. Quando ainda era pequena, a mãe lhe ensinara a usar uma agulha, a passá-la através de um tecido e criar um padrão com fios coloridos. Mas, nos últimos tempos, isso havia se tornado mais do que uma mera habilidade. Em um extraordinário arroubo de criatividade, seu talento fora muito além dos ensinamentos maternos. Agora, sem nenhuma instrução ou prática, e sem hesitar, seus dedos instintivamente entrelaçavam, cerziam e tramavam os fios para criar desenhos exuberantes, verdadeiras explosões de cores. Ela não entendia como tinha adquirido aquele conhecimento. Mas ele estava ali, na ponta dos dedos que agora tremiam um pouco, ansiosos por começar. Se ao menos lhe fosse permitido ficar ali...

3

Um mensageiro, entediado e coçando uma picada de inseto no pescoço, veio até Kira ao raiar do dia e lhe informou que ela deveria se apresentar ao Conselho dos Guardiões no fim da manhã. Perto do meio-dia, ela se aprontou e pôs-se a caminho.

O Edifício do Conselho era surpreendentemente majestoso. Ele era remanescente do período anterior à Ruína, uma época tão remota em que nenhuma das pessoas vivas agora, ou mesmo seus pais ou avós, havia nascido. A Ruína era conhecida apenas por conta do Hino entoado durante a Congregação anual.

Dizia-se que o Cantor, cuja única função no vilarejo era realizar a apresentação anual do Hino, preparava sua voz fazendo um repouso de vários dias e bebendo certos óleos. O Hino da Ruína era longo e extenuante. Começava com o início dos tempos, contando toda a história das pessoas ao longo de incontáveis séculos. O passado era assustador, repleto de guerras e calamidades. A parte mais aterrorizante era a da Ruína, o fim da civilização dos ancestrais. Os versos falavam de gases fumacentos e venenosos, de grandes rachaduras na terra, de desabamentos de grandes edifícios, varridos pelos mares. Todos eram obrigados a ouvi-lo anualmente, mas às vezes as mães tapavam, protetoras, os ouvidos de seus pequenos durante a descrição da Ruína.

Muito pouco sobrevivera à Ruína, mas a estrutura chamada de Edifício do Conselho permanecera firme de pé. Incalculavelmente antigo, tinha várias janelas com vitrais em padrões vermelho-escuros e dourados, algo impressionante, pois havia muito tempo o conhecimento para fabricar vidros daquele tipo se perdera. Algumas janelas quebradas estavam tapadas com um vidro grosso e comum, que distorcia a vista por conta de suas bolhas e ondulações. Outras eram fechadas por ripas de madeira, mergulhando certas partes do interior do prédio em um breu. Mesmo assim, o Edifício era magnífico em comparação aos barracos e casebres ordinários do vilarejo.

Kira apresentou-se ao meio-dia, conforme lhe fora ordenado, e agora atravessava sozinha um longo corredor iluminado de ambos os lados pelas chamas crepitantes de compridos candeeiros a óleo. Conseguia ouvir a assembleia reunida mais à frente,

atrás de uma porta fechada: vozes masculinas abafadas, envolvidas em uma discussão. Seu cajado batia contra o chão de madeira e a perna defeituosa raspava as tábuas, soando como uma vassoura.

"Orgulhe-se de sua dor", sua mãe sempre lhe dizia. "Você é mais forte do que aqueles que não sentem dor alguma."

Tentou encontrar o orgulho que sua mãe lhe ensinara a sentir. Empertigou os ombros magros e alisou as dobras do vestido grosseiro. Havia se lavado meticulosamente nas águas límpidas do rio e limpado as unhas com um graveto afiado. Penteara os cabelos com o pente de madeira talhada que tinha pertencido à mãe, acrescentado ao pequeno saco de utensílios após a morte dela. Por fim, entrelaçara suas mechas negras e grossas com destreza, amarrando a ponta da trança com uma tira de couro.

Respirando fundo para se acalmar, Kira bateu à porta pesada da sala da assembleia do Conselho dos Guardiões, que se entreabriu, espalhando uma nesga de luz pela penumbra do corredor. Um homem olhou para fora, fitando-a com desconfiança. Então, escancarou a porta e a chamou para entrar com um gesto.

– Kira, a órfã acusada, está aqui! – anunciou o guarda, fazendo o burburinho desaparecer.

Em silêncio, todos se viraram para vê-la entrar.

A câmara era imensa. Kira já havia estado ali antes com a mãe, durante eventos cerimoniais como a Congregação. Na ocasião, elas tinham se sentado com o restante da plateia em fileiras de bancos, de frente para o palco contendo apenas um altar que sustentava o Objeto de Adoração: o misterioso artefato de madeira composto de dois paus formando uma cruz. Dizia-se que ele fora muito poderoso no passado e que as pessoas sempre faziam uma breve e humilde reverência diante dele.

Mas agora ela estava sozinha. Não havia plateia ou cidadãos comuns, apenas o Conselho: doze homens que a encaravam sentados ao longo de uma extensa mesa à beira do palco. Fileiras de lamparinas a óleo iluminavam o recinto e cada um dos guardiões tinha uma tocha atrás de si, que lançava luz sobre os papéis empilhados e espalhados sobre a mesa. Eles a observaram enquanto ela se aproximava, hesitante, pelo corredor central.

Rapidamente, lembrando-se do procedimento que vira em todas as cerimônias, Kira colocou as mãos em uma posição reverente, unindo-as e posicionando as pontas dos dedos debaixo do queixo ao chegar diante da mesa, olhando com uma expressão respeitosa para o Objeto de Adoração. Os guardiões assentiram, aprovando o gesto. Pelo jeito, tinha sido a coisa certa a fazer. Ela relaxou um pouco, esperando, perguntando-se o que aconteceria em seguida.

O guarda atendeu a uma segunda batida à porta.

– A acusadora, Vandara! – anunciou ele.

Kira observou Vandara se encaminhar a passos rápidos em direção à mesa até as duas estarem lado a lado, diante do Conselho. Ficou um pouco satisfeita ao notar que os pés da mulher estavam descalços e seu rosto, sujo; ela não havia feito nenhuma preparação especial. Talvez não fosse mesmo necessário. Mas Kira achava que tinha conquistado um pouco de respeito, uma ligeira vantagem, com seu asseio.

Vandara fez o gesto de adoração com as mãos. Quanto a isso, estavam quites. Então, a mulher fez uma reverência e Kira viu com uma pontada de preocupação que os guardiões menearam suas cabeças para ela.

Eu deveria ter feito uma reverência. Preciso encontrar uma brecha para fazer isso.

– Estamos aqui reunidos para julgar um conflito – falou com uma voz autoritária o guardião-chefe, um homem de cabelos brancos com um nome de quatro sílabas que Kira nunca conseguiria lembrar.

Não entrei em conflito nenhum. Eu só queria reconstruir minha casa e viver minha vida.

– Quem é a acusadora? – indagou o homem.

Era óbvio que ele sabia a resposta, pensou Kira. Mas a pergunta parecia cerimonial, parte dos procedimentos formais, e foi respondida por um guardião corpulento, sentado à ponta da mesa diante de vários livros grossos e uma pilha de papéis. Kira fitou os volumes, curiosa. Sempre tivera vontade de ler. Mas não era permitido às mulheres.

– Guardião-chefe, o nome da acusadora é Vandara.

– E da acusada?

– A acusada é a órfã Kira.

O homem olhou para os papéis, mas não pareceu ler nada.

Acusada? Do que estou sendo acusada? Kira sentiu-se invadida pelo pânico ao pensar na palavra. *Mas posso usar esta oportunidade para fazer uma reverência e demonstrar humildade.* Ela inclinou-se ligeiramente, reconhecendo ser a acusada.

O homem de cabelos brancos olhou para as duas com uma expressão fria. Apoiando-se no cajado, Kira tentou manter-se o mais ereta possível. Era quase tão alta quanto a acusadora, porém Vandara era mais velha, mais pesada e perfeita, exceto pela cicatriz – o lembrete de que ela havia lutado contra uma fera e escapado. Por mais horrorosa que fosse, a marca reafirmava sua força. O defeito de Kira não remetia a nenhuma história louvável e ela sentiu-se fraca, inepta e condenada ao lado da mulher desfigurada e colérica.

– A acusadora será a primeira a falar – instruiu o guardião-chefe.

A voz de Vandara soou firme e amarga:

– A garota deveria ter sido levada para o Campo quando nasceu e ainda não tinha nome. É a lei.

– Prossiga.

– Ela era imperfeita. E também órfã de pai. Não deveria ter sido poupada.

Mas eu era forte. E meus olhos eram brilhantes. Foi o que minha mãe me disse. Ela se recusou a me abandonar. Kira apoiou o peso do seu corpo no outro pé, dando um descanso para a perna deformada, lembrando-se da história do seu nascimento e perguntando a si mesma se teria chance de contá-la ali. *Eu segurei o polegar dela com tanta força...*

– Há anos todos toleramos a presença dela – continuou Vandara. – Mas ela não fez nenhuma contribuição. Não pode cavar, plantar ou semear, ou mesmo cuidar dos animais domésticos, como fazem as outras garotas da sua idade. Arrasta essa perna morta como um fardo inútil. É lenta e come demais.

O Conselho escutava com atenção. O rosto de Kira ficou vermelho de vergonha. Era verdade, ela comia demais. Era *tudo* verdade.

Posso tentar comer menos. Posso suportar a fome. Kira começou a preparar sua defesa, mas pressentia que ela seria fraca e lamuriosa.

– Ela foi poupada, contra as regras, porque o avô ainda era vivo e tinha poder. Mas ele já morreu há tempos e foi substituído por um novo líder *mais* poderoso e sábio...

A adulação de Vandara tinha o objetivo de fortalecer os argumentos e Kira fitou o guardião-chefe para ver se aquilo surtira efeito. Mas o rosto do homem continuava impassível.

– O pai foi morto pelas feras antes mesmo de ela nascer. E agora a mãe também está morta – prosseguiu a acusadora. – Temos todos os motivos para crer que sua mãe possa ter sido portadora de uma doença que colocará em risco os outros habitantes do vilarejo...

Não! Ela foi a única a ficar doente! Olhem para mim! Eu estava deitada ao seu lado quando ela morreu e estou saudável!

– ... e as mulheres precisam do espaço do antigo casebre delas. Não há lugar para esta garota inútil. Ela não pode se casar. Ninguém vai querer uma aleijada. Ela é um desperdício de espaço e de comida e atrapalha o disciplinamento dos pequenos ao lhes contar histórias e ensinar brincadeiras barulhentas que prejudicam o trabalho...

O guardião-chefe acenou com a mão.

– Basta – anunciou ele.

Vandara fechou a cara e caiu em silêncio, fazendo uma leve reverência.

O homem correu os olhos pela mesa, perscrutando os outros onze como se buscasse comentários ou perguntas. Um a um, eles lhe assentiram. Ninguém falou nada.

– Kira – falou o guardião-chefe –, por ser uma garota de duas sílabas, você não é obrigada a se defender.

– Não me defender? Mas...

Kira tinha planejado se inclinar de novo, mas, de tão aflita, deixara passar a oportunidade adequada. Quando se lembrou, acabou fazendo uma mesura desajeitada e apressada.

Ele tornou a acenar, mandando-a fazer silêncio. Ela se forçou a ficar quieta e ouvir.

– Por ser tão jovem, você tem uma escolha. Pode defender-se por conta própria...

– Isso! Eu quero me def...

– ... ou iremos indicar alguém para defendê-la. O seu defensor será um de nós, que usaremos nossa maior sabedoria e experiência. Reflita um pouco antes de decidir, Kira, pois sua vida pode depender disso.

Mas vocês nem me conhecem! Como podem contar a história do meu nascimento? Como podem descrever meus olhos brilhantes, a força da minha mão quando agarrei o polegar da minha mãe?

Kira ficou ali, desamparada, seu futuro em jogo. Sentia a hostilidade que emanava ao seu lado; a respiração de Vandara estava rápida e irritada. Ela olhou para os homens sentados ao redor da mesa, tentando avaliar qual poderia ser o defensor. Mas não lhe pareceu haver inimizade nem sequer muito interesse por parte deles, apenas um ar de expectativa.

Angustiada, Kira enfiou as mãos nos bolsos fundos do vestido. Sentiu os contornos familiares do pente de madeira da mãe e o alisou para se tranquilizar. Com o polegar, tateou um pequeno bordado quadrangular. Havia se esquecido daquele pedaço de tecido em meio à confusão dos últimos dias; agora, ao tocá-lo, lembrou como aquele padrão tinha se formado espontaneamente, sem que suas mãos percebessem, enquanto ela estava ao lado da mãe nos seus últimos dias de vida.

Quando Kira era bem mais nova, o conhecimento lhe viera de forma muito inesperada. Ela se recordava da expressão de espanto no rosto de Katrina ao ver a filha escolher e trançar os fios com uma segurança repentina.

– Nunca lhe ensinei isso! – exclamou a mãe, rindo com alegria e espanto. – Nem saberia como!

Kira também não sabia como. Havia acontecido de forma quase mágica, como se os fios tivessem cantado ou falado com ela. Desde então, o conhecimento só progredira.

A menina segurou o tecido, lembrando-se da confiança que antes a inspirava. Não sentia nem um pingo dela agora. Não conseguia encontrar dentro de si um discurso de defesa. Sabia que precisaria delegar essa função a um daqueles homens, que lhe eram todos estranhos.

Kira os fitou, assustada, e viu que um dos guardiões lhe retribuía o olhar com uma expressão calma, tranquilizadora. Kira pressentiu como ele podia lhe ser importante. E ainda algo mais: sagacidade, experiência. Ela respirou fundo. O tecido bordado era quente e familiar ao toque. Estava tremendo, mas sua voz soou resoluta:

– Peço que me indiquem um defensor.

O guardião-chefe assentiu.

– Jamison – chamou ele com firmeza, meneando a cabeça para o terceiro guardião à sua esquerda.

O homem de olhos serenos e atenciosos levantou-se para defender Kira. Ela aguardou.

4

Então esse era o nome dele: Jamison. Não lhe era familiar. Havia muitas pessoas no vilarejo e o afastamento entre homens e mulheres era bem grande depois da infância.

Kira o observou se levantar. Ele era alto, com cabelos pretos mais para longos, bem penteados e presos na nuca com um ornamento de madeira que ela reconheceu ser trabalho do jovem entalhador... Como era mesmo o nome dele? Thomas. Isso. Era conhecido como Thomas, o Entalhador. Ainda um menino, não mais velho do que a própria Kira, mas já tinha se destacado por seu grande talento; as peças entalhadas produzidas por suas mãos habilidosas eram muito requisitadas pela elite do vilarejo. Pessoas comuns não se ornamentavam. A mãe de Kira costumava usar um pingente em uma tira de couro em volta do pescoço, mas o mantinha sempre escondido debaixo da gola do vestido.

Jamison apanhou a pilha de papéis sobre a mesa à sua frente, onde Kira o observara fazer anotações meticulosamente enquanto ouvia a acusadora. Suas mãos eram grandes, de dedos longos, e moviam-se com segurança – nenhuma hesitação, nenhuma incerteza. Seu defensor usava um bracelete de couro trançado no punho esquerdo e seu braço era firme e musculoso. Ele não era velho: seu nome ainda era formado por apenas três sílabas e seu cabelo ainda não ficara grisalho. Kira estimava que fosse um homem de meia-idade, talvez com a mesma quantidade de anos de sua mãe à morte.

Ele baixou o olhos para o papel que encimava a pilha em suas mãos e Kira pôde ver as anotações. Como seria bom se soubesse ler!

– Abordarei as acusações uma a uma – falou ele. Olhando para o papel, repetiu as palavras ditas por Vandara, embora tenha preferido não imitar seu tom raivoso: – "A garota deveria ter sido levada para o Campo quando nasceu e ainda não tinha nome. É a lei."

Então era isso que ele tinha anotado! Ele havia escrito as palavras para poder repeti-las! Por mais doloroso que fosse tornar a ouvir as acusações, Kira percebeu, maravilhada, o valor daquela repetição. Assim, não haveria como refutar o que fora

dito. Quantas vezes não haviam começado brigas e discussões entre os pequenos por que sicrano dizia que fulano falou, ou fulano falava que beltrano disse, e todas as infinitas variações da mesma lenga-lenga?

Jamison largou os papéis na mesa e apanhou um volume pesado encadernado em couro verde. Kira notou que cada um dos guardiões possuía um tomo idêntico.

Ele abriu em uma página que havia marcado durante os procedimentos.

– A acusadora tem razão ao afirmar que esta é a lei – continuou Jamison, dirigindo-se aos guardiões.

Kira sentiu-se traída. Ele não era seu defensor?

Jamison apontou para a página, para o texto em letra miúda, e alguns dos homens folhearam seus tomos em busca dela. Outros apenas fizeram que sim com a cabeça, como se soubessem aquilo de cor e não precisassem reler.

Ela notou Vandara esboçar um sorriso.

Derrotada, Kira tateou novamente o pequeno bordado no bolso. Já não parecia quente. Tampouco tranquilizador.

– Se consultarmos, no entanto, o terceiro conjunto de emendas... – prosseguiu Jamison.

Todos os guardiões viraram as páginas, mesmo aqueles que não tinham mexido antes em seus tomos.

– Está claro que pode haver exceções.

– Pode haver exceções – repetiu um dos guardiões, arrastando os dedos pela página para ler as palavras.

– Então podemos descartar a afirmação de que esta é a lei – anunciou Jamison com ar determinado. – A lei *nem sempre* se aplica.

Ele é meu defensor. Talvez encontre uma maneira de salvar minha vida!

– Tem algo a acrescentar? – perguntou Jamison a Kira.

Tocando o tecido, ela balançou a cabeça negativamente.

Ele prosseguiu, consultando suas anotações:

– "Ela era imperfeita. E também órfã de pai. Não deveria ter sido poupada."

A segunda repetição lhe doía, porque era verdade. As pernas de Kira também doíam: não estava habituada a ficar tanto tempo de pé, sem se mexer. Tentou redistribuir o peso do corpo para diminuir a pressão sobre o lado defeituoso.

– Essas acusações são verdadeiras – disse Jamison, exprimindo o óbvio com sua voz firme. – A menina Kira nasceu com uma imperfeição. Ela possuía um defeito visível e incurável.

Os guardiões a encaravam. Vandara também, com desprezo. Kira estava acostumada a olhares desse tipo. Havia sido ridicularizada a infância inteira. A mãe

fora sua mestre e guia e a ensinara a manter a cabeça erguida. E era isso que ela fazia agora, fitando seus juízes nos olhos.

– E também órfã de pai – continuou Jamison.

Em suas lembranças, Kira, ainda muito pequena, podia ouvir a mãe lhe explicando com brandura por que nunca havia tido um pai: "Ele não voltou da grande caçada. Isso foi antes de você nascer. Ele foi levado pelas feras."

Jamison repetiu a história que ecoava em seus pensamentos como se pudesse ouvi-la:

– Antes de ela nascer, seu pai foi levado pelas feras.

O guardião-chefe ergueu os olhos dos papéis. Voltando-se para os outros ocupantes da mesa, interveio:

– O pai dela chamava-se Christopher. Era um excelente caçador, um dos melhores. Alguns de vocês devem se lembrar dele.

Vários confirmaram com a cabeça. Seu defensor fez o mesmo.

– Eu estava com a equipe de caça naquele dia e o vi ser levado.

Você viu meu pai ser levado? Kira nunca tinha ouvido detalhes da tragédia; sabia apenas o que a mãe lhe contara. Mas aquele homem conhecera seu pai. Ele tinha estado lá!

Ele sentiu medo? Meu pai sentiu medo? Era uma pergunta estranha, inadequada, e ela não a fez em voz alta. Porém, Kira estava com muito medo. Conseguia sentir o ódio de Vandara como uma presença física ao seu lado. Sentia-se como se também estivesse sendo levada por feras, prestes a morrer. Imaginava como teria sido aquele momento para o pai.

– A terceira emenda também se aplica neste caso – anunciou Jamison. – Diante da acusação de que ela "não deveria ter sido poupada", argumento que, de acordo com a terceira emenda, pode haver exceções.

O guardião-chefe assentiu.

– O pai dela era um excelente caçador – repetiu.

Os outros membros da mesa, aproveitando a deixa, murmuram sua concordância.

– Tem algo a acrescentar? – perguntaram-lhe os juízes.

Kira tornou a balançar a cabeça. Sentiu-se outra vez momentaneamente poupada.

– "Mas ela não fez nenhuma contribuição" – leu Jamison em seguida. – "Não pode cavar, plantar ou semear, ou mesmo cuidar dos animais domésticos, como fazem as outras garotas da sua idade. Arrasta essa perna morta como um fardo inútil. É lenta" – prosseguiu ele e esboçou um sorriso ao concluir: – "e come demais".

Ele ficou calado por alguns instantes, então continuou:

– Como defensor, sou obrigado a aceitar alguns desses argumentos. Está claro que ela não pode cavar, plantar, semear ou cuidar de animais domésticos. Acredito, no entanto, que ela tenha encontrado uma maneira de contribuir. Não é verdade, Kira, que você trabalha no galpão de tecelagem?

Kira fez que sim, surpresa. Como ele sabia daquilo? Os homens não davam nenhuma atenção ao trabalho das mulheres.

– Sim – respondeu ela, sua voz fraca por conta do nervosismo. – Eu ajudo lá. Não com a tecelagem propriamente. Mas recolho as sobras de tecido e ajudo a preparar os teares. É um trabalho que posso fazer com minhas mãos e braços. E sou forte.

Ela se perguntou se deveria mencionar a habilidade com as linhas, sua esperança de que talvez pudesse usá-la como uma maneira de ganhar a vida. Mas não conseguia pensar em uma forma de fazê-lo sem parecer presunçosa, então pemaneceu calada.

– Kira, demonstre seu defeito para o Conselho dos Guardiões – ordenou ele, olhando em sua direção. – Mostre-nos como você anda. Vá até a porta e volte.

Aquilo era crueldade, pensou ela. Todos sabiam da sua perna deformada. Por que ela precisava fazer isso na frente deles, submeter-se aos olhares humilhantes? Por um instante, sentiu-se tentada a recusar ou pelo menos argumentar. Porém, era arriscado demais. Aquilo não era uma brincadeira de criança, em que costumavam acontecer brigas e discussões. O que estava em jogo era o seu futuro, ou mesmo se teria um futuro. Kira suspirou e deu meia-volta. Apoiou-se no cajado e andou devagar em direção à porta. Mordendo o lábio, arrastou a perna dolorida passo a passo, sentindo os olhos cheios de desprezo de Vandara nas suas costas.

Quando chegou à porta, Kira tornou a se virar e voltou lentamente até o lugar de antes. A dor começava em seu pé e subia queimando pela perna deformada. Precisava desesperadamente se sentar.

– Ela arrasta a perna e é lenta. – Jamison apontou, sem necessidade. – Isso é inegável. Porém, trabalha com competência no galpão de tecelagem, todos os dias, em tempo integral, e nunca se atrasa. As mulheres valorizam sua ajuda. Ela come muito? – perguntou, dando uma risadinha. – Não me parece. Vejam como é magra. Seu peso refuta essa acusação. Mas imagino que esteja com fome agora. Eu estou. Sugiro que façamos uma pausa para uma refeição.

O guardião-chefe se levantou.

– Tem algo a acrescentar? – perguntou a Kira pela terceira vez.

De novo, ela balançou a cabeça negativamente. Sentia-se exausta.

– Podem se sentar – ordenou ele a Kira e Vandara. – A comida será trazida até aqui.

Agradecida, Kira se deixou cair no banco mais próximo e esfregou a perna latejante com uma das mãos. Do outro lado do corredor central, viu Vandara fazer uma reverência – *esqueci de novo, devia ter feito isso também!* – e sentar-se com o rosto impassível.

O guardião-chefe baixou os olhos para a própria pilha de papéis.

– Há mais cinco acusações. Lidaremos com elas e tomaremos uma decisão após a refeição.

A comida apareceu, trazida pelo guarda. Um prato foi entregue a Kira. Ela sentiu o cheiro de galinha assada e de pão quente e crocante, salpicado de grãos. Havia dias vinha comendo apenas legumes crus e fazia meses não provava carne de galinha. Mas a voz de Vandara ainda ecoava em sua cabeça, estridente, imputando acusações vingativas: "Ela come demais."

Temendo as consequências se demonstrasse estar faminta, Kira forçou-se a apenas beliscar a refeição tentadora. Então, arrastou para o lado o prato ainda pela metade e bebericou água do copo que haviam trazido. Cansada, ainda com fome e assustada, acariciou o tecido no bolso enquanto esperava a próxima rodada de acusações.



Os doze guardiões retiraram-se por uma porta lateral, provavelmente dirigindo-se a um refeitório particular. Depois de um tempo, guardas vieram recolher sua bandeja e anunciaram um período de sesta. Disseram-lhe que o julgamento seria retomado quando o sino repicasse duas vezes. Vandara levantou-se e deixou o recinto. Kira aguardou alguns instantes e, por fim, encaminhou-se para a porta do Edifício do Conselho, atravessou o longo saguão e saiu do prédio.

O mundo continuava igual. Pessoas iam e vinham, fazendo diversos trabalhos, discutindo em voz alta. Kira ouvia vozes estridentes no mercado: mulheres gritando, indignadas com os preços, e vendedores dando justificativas aos berros. Bebês chorando, pequenos brigando, cães vira-latas rosnando e ameaçando uns aos outros enquanto competiam por restos caídos no chão.

Matt apareceu, correndo com alguns colegas. Titubeou ao ver Kira, então parou e foi em sua direção.

– A gente arranjou uns galhos procê – sussurrou ele. – Eu e uns pequenos. A gente fez uma pilha. Se quiser, a gente pode começar a fazer seu barraco mais tarde. – Ele se deteve, curioso. – Quer dizer, se você precisar dum barraco. Que que tá acontecendo aqui?

Então Matt sabia do julgamento. Isso não era surpresa. O menino parecia saber tudo o que acontecia no vilarejo. Kira deu de ombros, fingindo indiferença. Não queria que ele visse o quanto estava apavorada.

– Uma falação sem fim.

– E ela tá aí dentro? A da cicatriz feia?

Kira sabia muito bem de quem ele estava falando.

– Sim. Ela é a acusadora.

– Ela é ruim, essa Vandara. Dizem que matou o pequeno dela mesma, que fez ele comer folha de espirradeira. O garoto não queria, mas ela segurou a cabeça dele até ele engolir.

Kira conhecia a história.

– Os juízes decidiram que foi um acidente – lembrou ela a Matt, embora tivesse suas dúvidas. – Outros pequenos já comeram folhas de espirradeira antes. É perigoso ter uma planta venenosa como essa crescendo por todo lado. Deviam colocar todas em um lugar alto, não deixá-las ao alcance dos pequenos.

Matt balançou a cabeça.

– A gente precisa delas assim pra aprender. Minha mãe, ela me dava um tapa quando eu mexia na folha. Era um tapão tão forte na cabeça que eu achava que meu pescoço ia quebrar. Foi assim que eu aprendi a não mexer na espirradeira.

– Bem, o Conselho dos Guardiões julgou Vandara e chegou à conclusão de que não foi ela – repetiu Kira.

– Ela é ruim de qualquer jeito. Dizem que é por causa daquele machucado feio pra danar. Que a dor deixou ela má.

A dor me deixa orgulhosa, pensou Kira, mas não falou nada.

– Quando é que ocê vai estar livre?

– Hoje mais tarde.

– A gente vai trabalhar no seu barraco. Alguns dos meus colegas já falaram que vão ajudar.

– Obrigada, Matt. Você é um bom amigo.

Ele fez uma careta, encabulado.

– Ocê vai precisar de um barraco. – Ele se virou para correr atrás dos outros meninos. – Até porque é ocê quem conta as histórias pra gente. Tem que ter um lugar pra isso.

Kira sorriu enquanto o observava sair correndo. O sino no topo do Edifício do Conselho repicou duas vezes. Ela deu meia-volta para retornar ao prédio.



– "Ela foi poupada, contra as regras, porque o avô ainda era vivo e tinha poder. Mas ele já morreu há tempos" – leu Jamison.

Eles lhe haviam permitido ficar sentada naquela sessão. E mandaram Vandara se sentar também. Kira ficou grata. Se a acusadora tivesse ficado de pé, ela teria se forçado a ignorar a dor na perna para fazer o mesmo.

Novamente, seu defensor reiterou que podia haver exceções. Àquela altura, por mais assustadoras que as acusações fossem, a repetição já havia se tornado cansativa. Kira tentou se manter alerta. Com a mão no bolso, tateou o pedacinho de tecido bordado e visualizou as cores dele em sua mente.

As roupas usadas na comunidade eram sem graça, todas de cor parda; os vestidos e calças disformes usados pelas pessoas, confeccionados para proteção contra eventuais chuvas repentinas, espinhos cortantes ou heras venenosas. Os tecidos normalmente usados nos vilarejos não eram decorados.

Contudo, a mãe de Kira era versada na arte das tinturas. Eram suas mãos manchadas de tinta que produziam os fios coloridos usados para os raros ornamentos. A túnica utilizada todos os anos pelo Cantor ao entoar o Hino da Ruína era repleta de bordados suntuosos. Os padrões complexos que ela ostentava estavam ali havia séculos e a vestimenta havia sido trajada por cada Cantor que já existira. Certa vez, muitos anos atrás, Katrina fora convocada para substituir alguns fios que tinham se soltado. Na época, Kira ainda era muito pequena, mas lembrava-se de ter ficado escondida em um canto sombreado do casebre quando um guardião trouxe a fabulosa túnica e esperou sua mãe fazer o pequeno remendo. Observara, fascinada, Katrina usar uma agulha de osso com um fio colorido grosso para atravessar o tecido, a cor dourada e viva substituindo aos poucos o pequeno rasgo em uma das mangas. Então, eles levaram a túnica embora.

Durante a Congregação naquele ano, ela e a mãe estreitaram os olhos, tentando encontrar as partes remendadas enquanto o Cantor movia os braços, gesticulando durante o Hino. Mas elas estavam longe demais e o reparo era muito pequeno.

Todo ano, eles traziam a túnica antiquíssima para sua mãe fazer pequenos consertos.

– Um dia, minha filha poderá fazer isto – afirmou Katrina em um desses anos para o guardião. – Veja o que ela fez! – A mãe lhe mostrara o pequeno bordado que Kira acabara de fazer, o que havia se formado de modo tão mágico em suas mãos. – Ela é muito mais habilidosa do que eu.

Kira ficou quieta, encabulada mas orgulhosa, enquanto o guardião examinava o bordado. Ele não fez nenhum comentário, apenas assentiu e devolveu o pequeno quadrado. Mas ela notou um brilho de interesse em seus olhos. Depois disso, todos os anos ele pedia para ver seu trabalho.

Kira sempre ficava ao lado da mãe, sem nunca tocar o tecido velho e frágil, maravilhando-se todas as vezes com as cores vivas que contavam a história do mundo. Dourados, vermelhos e marrons. E aqui e ali, partes desbotadas, quase reduzidas a branco, que antes tinham sido azuis. Katrina exibia os pontos que ainda guardavam um pouco da cor original.

Sua mãe não sabia como fazer o azul. Às vezes elas falavam sobre isso, olhando o céu que cobria seu mundo como uma enorme tigela virada do avesso. "Quem me dera poder fazer o azul", dizia Katrina. "Parece que em algum lugar existe uma planta especial." Ela contemplava o próprio jardim, apinhado de flores e brotos, a partir dos quais conseguia criar tinturas douradas, verdes e cor-de-rosa, e balançava a cabeça, cobiçando a única cor que não podia criar.

Agora a mãe dela estava morta.

Agora a mãe dela está morta.

Kira se forçou a acordar do devaneio. Alguém estava dizendo essas palavras. Ela prestou atenção.

– "... E agora a mãe também está morta. Temos todos os motivos para crer que sua mãe possa ter sido portadora de uma doença que colocará em risco os outros habitantes do vilarejo... e as mulheres precisam do espaço do antigo casebre delas. Não há lugar para esta garota inútil. Ela não pode se casar. Ninguém vai querer uma aleijada. Ela é um desperdício de espaço e de comida e atrapalha o disciplinamento dos pequenos ao lhes contar histórias e ensinar brincadeiras barulhentas que prejudicam o trabalho..."

Era a mesma ladainha. As acusações de Vandara eram recitadas e o defensor tornava a reiterar a emenda que aventava a possibilidade de exceções.

Mas Kira notou uma mudança de tom. Era sutil, mas perceptível. Algo havia ocorrido no Conselho dos Guardiões quando os membros se recolheram para o almoço. Ela notou Vandara se remexer em seu banco, aflita, e teve certeza de que sua acusadora também havia percebido a diferença.

Agarrando o talismã de pano, Kira notou de repente que ele voltara a lhe parecer quente e tranquilizador.

Durante seus poucos momentos de lazer, ela costumava fazer experiências com pequenos bordados coloridos, sentindo o entusiasmo na ponta dos dedos à medida que aquela sua habilidade surpreendente se desenvolvia. Usava sobras do galpão de tecelagem. Não estava violando nenhuma regra: Kira sempre pedia permissão antes de levá-las para o seu casebre.

Se ficava satisfeita com o resultado, mostrava o trabalho à mãe e recebia um breve e orgulhoso sorriso de aprovação. Mas muitas vezes suas tentativas eram decepcionantes, bordados irregulares de uma garota que ainda tinha muito a aprender, e geralmente os jogava fora.

O que segurava agora entre os dedos aflitos da mão direita ela havia feito enquanto a mãe estava acamada por conta da doença. Kira debruçava-se o tempo todo sobre a mulher moribunda, impotente, para levar um copo d'água aos seus lábios. Alisava os cabelos da mãe, massageava seus pés frios e segurava-lhe as mãos trêmulas, sabendo que não havia nada a fazer além daquilo. Durante o sono agitado dela, Kira recolhia os fios tingidos em seu cesto e começava a bordá-los no retalho com uma agulha de osso. Isso a acalmava e servia para passar o tempo.

Os fios começaram a cantar para ela. Não era uma música feita de palavras ou notas, mas uma espécie de latejar, de vibração nas mãos, como se eles tivessem vida. Pela primeira vez, seus dedos não direcionavam os fios, mas eram conduzidos por eles. Kira podia fechar os olhos e simplesmente sentir a agulha se mover através do tecido, puxada pelos fios impetuosos e vibrantes.

Quando a mãe gemia, Kira inclinava-se para a frente com o copo d'água e lhe umedecia os lábios secos. Só então ela olhava o pequeno bordado em seu colo. Era radiante. Apesar da penumbra do casebre – já começava a anoitecer –, os tons dourados e vermelhos pulsavam como se o próprio sol da manhã tivesse entrelaçado seus raios no tecido. Os fios reluzentes se entrecruzavam em um padrão complexo de pontos e nós que Kira nunca tinha visto na vida, que ela jamais poderia ter criado, que não conhecia ou do qual sequer ouvira falar.

Quando os olhos da mãe se abriram pela última vez, Kira ergueu o bordado vibrante para que ela pudesse vê-lo. Katrina já não conseguia falar àquela altura. Mas ela sorriu.

Agora, escondido em sua mão, o bordado parecia transmitir uma mensagem silenciosa e pulsante para Kira. Ele lhe dizia que o perigo ainda não havia passado. Mas também que ela seria salva.

5

Kira notou que uma caixa grande tinha sido colocada no chão atrás dos assentos do Conselho dos Guardiões.

Ela não estava lá antes da pausa para o almoço.

Em resposta a um meneio de cabeça do guardião-chefe, um dos guardas colocou a caixa em cima da mesa e levantou a tampa. Jamison removeu e desdobrou algo lá de dentro que ela reconheceu imediatamente.

– A túnica do Cantor! – exclamou Kira, maravilhada.

– Isso não tem a menor relevância – murmurou Vandara, embora também estivesse se inclinando à frente para ver.

A vestimenta magnífica foi estendida sobre a mesa para que todos a contemplassem. Normalmente, aparecia apenas uma vez por ano, na Congregação. A maioria dos cidadãos, que se reuniam no auditório para a ocasião, via a túnica do Cantor apenas de longe; empurravam-se e acotovelavam-se, na esperança de conseguir olhá-la mais de perto.

Porém, Kira a conhecia bem devido ao meticuloso trabalho anual da mãe, quando um guardião as vigiava com atenção. Orientada a não tocar a vestimenta, Kira limitava-se a observar, encantada com o talento materno, com sua habilidade de escolher o tom perfeitamente adequado.

Ali, no ombro esquerdo! Kira lembrava-se daquele pedaço, onde, no ano passado mesmo, alguns fios tinham se esgarçado e a mãe havia soltado cuidadosamente as linhas partidas. Em seguida, selecionara tons claros de rosa, além de outros um pouco mais escuros, cada cor apenas um pouco mais fechada do que a anterior, até chegar ao carmesim. Então, pôs-se a costurar, mesclando os fios de forma impecável às bordas do padrão complexo.

Enquanto as lembranças lhe vinham, Kira era observada por Jamison.

– Sua mãe estava ensinando esta arte a você.

Kira assentiu.

– Desde que eu era pequena – confirmou ela em voz alta.

– Sua mãe era habilidosa. As tinturas dela eram de qualidade. Nunca desbotaram.

– Ela era cuidadosa e meticulosa.

– Já nos disseram que você é ainda mais talentosa do que ela.

Então eles sabiam.

– Ainda tenho muito a aprender.

– Além de bordar, ela também a ensinou a tingir?

Kira aquiesceu, pois sabia que o defensor esperava isso dela. Mas não era exatamente verdade. A mãe tinha planos de lhe ensinar a arte das tinturas, mas caíra doente antes de ter tempo.

– Ela estava começando a me ensinar – respondeu, tentando ser honesta. – Contou-me que tinha aprendido com uma mulher chamada Annabel.

– Annabella agora.

Kira ficou surpresa.

– Ela ainda é viva? E tem quatro sílabas?

– Já está muito velha. E sua visão já está um tanto comprometida. Mas ainda poderíamos recorrer a ela.

Recorrer a ela para quê? Mas Kira permaneceu calada. Sentia o bordado quente em seu bolso.

Vandara levantou de repente.

– Peço que o julgamento seja retomado – falou ela de forma abrupta e ríspida. – Isto é uma tática de protelação por parte do defensor.

O guardião-chefe se ergueu. Os demais, que vinham conversando em voz baixa, calaram-se.

O homem de cabelos brancos se dirigiu a Vandara, mas não havia severidade em sua voz:

– Pode se retirar. O julgamento está encerrado. Já chegamos à nossa decisão.

Vandara ficou em silêncio, imóvel, e o fuzilou com um olhar desafiador. O guardião-chefe meneou a cabeça e dois guardas se aproximaram para escoltá-la.

– Tenho o direito de saber qual foi a decisão! – gritou Vandara, o rosto transfigurado de raiva.

Ela se desvencilhou dos guardas e encarou firme o Conselho.

– Na verdade – retrucou o guardião-chefe com uma voz calma –, você não tem direito algum. Mas vou relatá-la para que não haja mal-entendidos: a menina órfã Kira continuará no vilarejo e terá uma nova atribuição.

Ele gesticulou para a túnica do Cantor, ainda estendida sobre a mesa.

– Kira – prosseguiu o homem, encarando-a –, você dará continuidade ao trabalho de sua mãe. Fará mais do que isso, na verdade, pois seu talento é muito maior do que o dela jamais foi. Primeiro, você remendará a túnica como sua mãe sempre fez. Em seguida, vai restaurá-la. Então, seu verdadeiro trabalho terá início. Você *concluirá* a túnica.

Ele indicou o grande pedaço de tecido não decorado que havia ao longo dos ombros. Erguendo uma sobrancelha, olhando-a como se fizesse uma pergunta.

Nervosa, Kira assentiu e fez uma breve reverência.

– Quanto a você... – O guardião-chefe voltou a fitar Vandara, que estava emburrada entre os dois guardas. Novamente, ele falava de forma educada. – Não sairá perdendo. Você exigiu o terreno da menina e poderá ficar com ele, você e as outras mulheres. Construam o cercado. É uma boa ideia: eles são arruaceiros e talvez seja melhor contê-los. Agora saia.

Vandara virou-se para ir embora; seu rosto era uma máscara de fúria. Ela se desvencilhou das mãos dos guardas, inclinou-se para a frente e sussurrou com rispidez para Kira:

– Você vai fracassar. E então eles vão matá-la. – Ela abriu um sorriso frio para Jamison. – Muito bem, fiquem vocês com a garota.

Ela atravessou a passos firmes o corredor e saiu pela porta larga.

O guardião-chefe e os demais membros do Conselho ignoraram a explosão de ira de Vandara, como se ela não passasse de um inseto irritante que tinha finalmente sido expulso. Um funcionário estava dobrando de novo a túnica do Cantor.

– Kira – disse Jamison –, vá e busque as coisas de que precisa. Tudo o que possa querer levar consigo. Esteja de volta quando o sino repicar quatro vezes. Então vamos levá-la aos seus aposentos, o lugar em que viverá a partir de agora.

Confusa, Kira aguardou alguns instantes. Porém, não houve mais nenhuma instrução. Os guardiões estavam arrumando os papéis e recolhendo os livros e os pertences. Pareciam ter se esquecido da sua presença. Por fim, ela se levantou, apoiou-se no cajado e saiu mancando do recinto.

Ao sair do Edifício do Conselho em direção à luz do sol forte e à confusão habitual da praça principal do vilarejo, percebeu que mal passava do meio da tarde, ainda um dia comum na existência daquelas pessoas, e que nenhuma outra vida ali tinha mudado além da sua.



Era início de verão e fazia calor. Uma multidão havia se reunido perto da escadaria do Edifício para assistir ao abate de um porco nos fundos do açougue. Após a venda das partes nobres, os miúdos e sobras seriam jogados para a multidão. Pessoas e cães se empurrariam e brigariam para apanhar os restos. O cheiro dos montes espessos de estrume debaixo dos porcos aterrorizados e seus guinchos estridentes de horror deixaram Kira zonza e nauseada. Ela contornou a turba às pressas, abrindo caminho rumo ao galpão de tecelagem.

– Ocê já saiu! O que aconteceu? Vai pro Campo? Vão te entregar pras feras?

Era Matt, gritando entusiasmado. Kira sorriu. Simpatizava com a curiosidade do menino – era parecida com a dela mesma – e, por trás do seu jeito arisco, ela acreditava que existia um bom coração. Lembrava-se de como ele tinha arranjado seu animal de estimação, o cãozinho que o acompanhava, um vira-lata inútil, sempre no meio do caminho, cavoucando por todo lado em busca de comida. Durante uma tarde chuvosa, fora atropelado e jogado longe por uma carroça que passava puxada por um jumento. Gravemente ferido, o animal ficou caído na lama, esvaindo-se em sangue, e teria morrido ali sem que ninguém desse importância. Mas Matt o escondeu em meio a um monte de arbustos até suas feridas sararem. No galpão de tecelagem, Kira observara todos os dias o menino ir sorrateiramente alimentar o cachorro convalescente. Agora o cão, animado e saudável apesar de um rabo tão torto e inútil quanto a perna de Kira, nunca saía do lado de Matt. Ele o chamava de Toquinho, por conta do toco de madeira que havia usado como tala para o seu rabo ferido.

Kira se agachou e fez carinho atrás da orelha do vira-lata feioso.

– Estou livre – disse ela ao menino.

Matt arregalou os olhos. Depois sorriu.

– Então a gente ainda vai ter histórias, eu e meus colegas – falou ele, satisfeito. – Eu vi Vandara. Ela saiu assim, ó.

Matt subiu correndo a escadaria do Edifício e, em seguida, desceu-a a passos firmes com a cara fechada. A imitação fez Kira sorrir.

– Agora ela vai te odiar, com certeza – acrescentou Matt, risonho.

– Bem, eles deram meu terreno, para que ela e as outras possam fazer um cercado para os seus pequenos, como queriam. Espero que você não tenha começado a fazer um novo casebre para mim – acrescentou Kira, lembrando-se que o menino havia se oferecido.

Matt sorriu.

– A gente ainda não começou. Ia começar daqui a pouco. Mas se ocê tivesse sido levada pras feras, não ia ter necessidade.

Ele fez uma pausa, coçando Toquinho com o pé descalço.

– Onde ocê vai morar, então?

Kira estapeou um mosquito em seu braço e limpou com a mão a pequena mancha de sangue deixada pela picada.

– Não sei. Ele me mandaram voltar ao Edifício quando o sino repicasse quatro vezes. Falaram que eu devia juntar minhas coisas. – Ela deu uma risadinha. – Não que eu tenha muito para juntar. Está quase tudo queimado.

Matt tornou a sorrir.

– Eu salvei umas coisas suas – falou ele, alegre. – Catei elas do seu barraco antes de queimarem ele. Não falei antes porque queria ver o que iam fazer contigo.

Mais à frente, depois do açougue onde o porco estava sendo abatido, os colegas de Matt o chamavam para se juntar a eles.

– A gente tem que ir agora, eu e Toquinho, mas eu trago as suas coisas quando o sino bater quatro vezes. Aqui pra escada, tá certo?

– Obrigada, Matt. Espero você na escada.

Sorridente, Kira o observou partir, suas pernas finas e sujas levantando poeira pelo caminho enquanto ele corria. Toquinho o seguia, com o coto quebrado que lhe servia de rabo balançando torto.

Kira continuou a atravessar a multidão, passando pelas barracas de comida e pelo alarido das mulheres que discutiam e pechinchavam. Cães latiam; dois rosnavam um para o outro, encarando-se com os dentes à mostra no meio do caminho, um pedaço de comida entre deles. Perto dali, um pequeno de cabelos encaracolados observava aqueles cachorros com atenção, então saltou agilmente entre eles, apanhou o bocado e o enfiou na própria boca. Sua mãe, que negociava em uma barraca logo ao lado, olhou ao redor e o arrastou para longe, puxando seu braço e dando-lhe um tapa violento na cabeça. O pequeno se encolheu, mastigando com avidez o que quer que tivesse apanhado do chão.

O galpão de tecelagem ficava mais à frente, em uma área misericordiosamente protegida pelas sombras de árvores grandes. Era mais silencioso ali, e mais fresco, embora houvesse mosquitos em maior quantidade. Sentadas diante de seus teares de madeira, as mulheres cumprimentaram Kira com um aceno de cabeça quando ela chegou.

– Tem um monte de sobras para apanhar – avisou uma delas, apontando com a cabeça, sem parar seu trabalho.

Limpar a bagunça era a função habitual de Kira. Ainda não tinha permissão para operar os teares, embora sempre tivesse observado tudo com atenção e acreditasse ser capaz de fazer o serviço se fosse preciso.

Fazia dias estava afastada do galpão, desde que a mãe adoecera e morrera. Muita coisa havia acontecido. Muita coisa havia mudado. Ela imaginava que não fosse voltar ali agora que seu status parecia ser diferente. Mas, como a tinham chamado de modo tão amigável, Kira atravessou o galpão, em meio ao barulho do trabalho ao redor, apanhando as sobras do chão. Um dos teares estava parado; não havia ninguém nele. Era o quarto a partir do último, contou ela. Geralmente era Camilla quem ficava ali.

Kira se deteve ali e esperou uma fiandeira reajustar sua lançadeira.

– Onde está Camilla? – perguntou Kira, curiosa.

Às vezes, as mulheres tiravam pequenas folgas para casar ou dar à luz ou simplesmente recebiam outra tarefa temporária.

A fiandeira olhou para o lado, com as mãos ainda ocupadas e os pés acionando o pedal.

– Ela caiu de mau jeito lá no riacho. Enquanto lavava roupa. As pedras são cheias de limo.

– São mesmo; é escorregadio ali. – Kira às vezes escorregava à beira do riacho, onde as lavadeiras ficavam.

A mulher deu de ombros.

– Ela quebrou feio o braço. Não dá para consertar. Nunca mais vai ficar direito. Não presta mais para trabalhar no tear. O marido dela tentou de tudo quanto é jeito endireitar o braço, porque precisa dela. Para cuidar dos pequenos e tudo o mais. Mas ela vai acabar sendo levada para o Campo.

Kira se arrepiou, imaginando a dor que Camilla devia ter sentido enquanto o marido tentava colocar o braço quebrado numa posição em que ele pudesse sarar.

– Ela tem cinco pequenos, a Camilla. Agora não pode cuidar deles ou trabalhar. Eles vão ser dados. Não quer um? – A mulher sorriu para Kira. Tinha poucos dentes.

Kira balançou a cabeça. Abriu um sorriso sem graça e continuou a avançar pelo corredor entre os teares.

– Quer ficar com o tear dela? – indagou a mulher. – Vão precisar que alguém trabalhe nele. Você já deve estar pronta.

Kira tornou a fazer que não. Ela já tinha desejado trabalhar na tecelagem. As fiandeiras sempre haviam sido boas com ela. Mas seu futuro parecia diferente agora.

Os teares seguiam fazendo barulho. Das sombras do galpão, Kira notou que o sol estava mais baixo no céu. Logo o sino bateria quatro vezes. Ela meneou a cabeça para se despedir das mulheres e se dirigiu para o lugar onde vivera com a mãe, o

lugar em que durante tanto tempo estivera seu casebre, o lugar do único lar que ela havia conhecido na vida. Sentia necessidade de dizer adeus.

6

O enorme sino na torre do Edifício do Conselho começou a repicar. Ele governava a vida das pessoas. Dizia-lhes quando começar a trabalhar e quando parar; quando se reunir para uma assembleia; quando se preparar para uma caçada, celebrar um acontecimento ou armar-se para enfrentar perigos. Quatro batidas – a terceira ressoava agora – indicavam o fim do dia de trabalho. Para Kira, significava que era hora de se apresentar ao Conselho dos Guardiões. Ela se apressou na direção da praça principal, atravessando a turba que deixava o serviço.

Matt estava esperando nos degraus da escada como havia prometido. Toquinho brincava animadamente com um grande besouro iridescente, bloqueando seu caminho com uma pata todas as vezes que o inseto tentava passar. O cão olhou para cima e balançou o rabo torto em resposta ao cumprimento de Kira.

– O que é que ocê trouxe? – perguntou Matt, olhando para a pequena trouxa que Kira carregava nas costas.

– Não muita coisa. – Ela riu com melancolia. – Mas eu tinha levado algumas coisas para a clareira, então elas sobreviveram ao incêndio. Meu cesto de linhas e alguns retalhos de tecido. E olhe só isto, Matt. – Ela enfiou a mão no bolso e sacou um objeto oblongo cheio de caroços. – Encontrei meu sabão em cima da rocha onde o tinha deixado. Isso é ótimo, porque não sei como fazer um desses e não tenho moedas para comprar outro.

Então ela riu, notando que Matt, apesar de imundo e desgrenhado, não achava útil um sabão. Imaginava que o amigo tivesse uma mãe em algum lugar, e geralmente as mães davam banho em seus pequenos, mas ela nunca o vira limpo.

– Ei, eu trouxe isto aqui. – Matt indicou uma pilha de objetos embrulhados de qualquer jeito em um pano sujo no degrau mais próximo dele. – Umas coisas eu peguei antes da queimada, pro caso deles te deixarem ficar.

– Obrigada, Matt. – Kira tentou imaginar o que ele teria escolhido salvar.

– Mas ocê não vai poder carregar isso tudo por causa da sua perna troncha. Então vou ser o seu carregador, assim que eles disserem pra onde ocê vai. É bom que eu fico sabendo também.

Kira gostou da ideia de Matt acompanhá-la e saber onde ela moraria. Faria aquilo tudo parecer menos estranho.

– Espere aqui, então. Preciso entrar. E eles vão me mostrar onde vou morar a partir de agora. Depois eu volto para buscar você. Tenho que me apressar, Matt, porque o sino já parou de tocar e eles me disseram para vir logo que soassem as quatro batidas.

– Eu e Toquinho podemos esperar. Tenho um chupa-chupa que roubei duma barraca aqui. – Matt retirou um doce coberto de sujeira do bolso. – E Toquinho adora quando tem um inseto monstruoso pra cutucar, como ele tá fazendo agora.

O cão levantou as orelhas ao ouvir seu nome, mas nem desviou os olhos do besouro no degrau.

Kira entrou às pressas no Edifício do Conselho.



Apenas Jamison estava à sua espera no amplo salão. Ela se perguntou se, por ter sido designado seu defensor no julgamento, ele agora seria seu supervisor. Kira sentiu-se um pouco irritada, pois era velha o suficiente para se virar sozinha. Muitas garotas da sua idade já estavam se preparando para o casamento. Sempre soubera que não iria se casar: sua perna deformada descartava totalmente essa hipótese; ela jamais poderia ser uma boa esposa e tampouco conseguiria executar as muitas tarefas exigidas de uma mulher casada. Mas certamente conseguiria se virar sozinha. Sua mãe tinha conseguido e lhe ensinara como.

Quando ele a recebeu com um gesto de boas-vindas, sua breve irritação desapareceu e foi logo esquecida.

– Aí está você. – Jamison se levantou e dobrou os papéis que estava lendo. – Vou lhe mostrar seus aposentos. É aqui perto, em uma das alas deste edifício. – Ele fitou Kira e a pequena trouxa que ela carregava nas costas. – Isto é tudo o que você tem?

Kira ficou feliz com a pergunta, pois lhe deu a oportunidade de mencionar Matt.

– Não exatamente. Mas não posso carregar muita coisa por causa da... – Ela indicou a própria perna e Jamison assentiu. – Logo, um garoto me ajuda. O nome dele é Matt. Espero que não se importe, mas ele está esperando nos degraus de entrada com minhas outras coisas. O senhor o deixaria continuar comigo, como meu ajudante? Ele é um bom menino.

Jamison franziu um pouco a testa. Então, virou-se e ordenou a um dos guardas:

– Traga o menino que está na escadas.

– Ah – interveio Kira. Tanto Jamison quanto o guarda se viraram para ela. Constrangida, a menina até se inclinou um pouco, em uma reverência involuntária, e pôs-se a falar baixinho, em tom de desculpas: – Ele tem um cachorro. Não vai para lugar nenhum sem ele. – E acrescentou com um sussurro: – O cachorro é bem pequenininho.

Jamison a encarou com impaciência, como se tivesse percebido de repente o fardo que ela representaria. Por fim, suspirou.

– Traga o cachorro também – ordenou ao guarda.



Os três foram conduzidos por um corredor. Eram um trio estranho: Kira à frente, apoiada no cajado, arrastando a perna com aquele som característico de vassoura; Matt logo atrás, calado para variar, os olhos arregalados, assimilando a grandiosidade que o cercava; e por fim, com as unhas ressoando contra o piso de ladrilhos, o cachorro de rabo torto carregava alegremente um besouro que se contorcia em sua boca.



Matt largou a trouxa com os pertences de Kira no chão em frente à porta, mas decidiu não entrar no quarto. Assimilou tudo com uma expressão respeitosa e solene nos olhos esbugalhados e anunciou:

– Eu e Toquinho, a gente vai esperar aqui fora no... Como é que chama isto mesmo? – Ele contemplou o espaço amplo em que estava parado.

– Corredor – respondeu Jamison.

Matt fez que sim com a cabeça.

– A gente vai esperar aqui no corredor, então. Não vai entrar por causa dos bichinhos miúdos.

Kira olhou para baixo, mas o besouro já havia sido devorado. E, pensando bem, o inseto não tinha nada de miúdo e o próprio Matt dissera que era monstruoso.

– Bichinhos miúdos? – indagou Jamison, com a testa franzida.

– Toquinho tem pulgas – explicou Matt, fitando o chão.

Jamison balançou a cabeça. Kira viu seus lábios se remexerem, como se estivesse achando graça. Ele a conduziu para o quarto.

Kira ficou pasma. O casebre onde vivera com a mãe era um simples barraco de chão de terra. Suas camas eram prateleiras de madeira suspensas forradas de palha. Utensílios artesanais continham seus pertences e alimentos; as duas sempre comiam juntas à mesa de madeira que o pai havia feito bem antes de ela nascer. Kira se entristecera ao perder aquela mesa no incêndio por conta das lembranças que ela lhe trazia da mãe. Katrina costumava descrever as mãos fortes do marido lixando a madeira e arredondando as quinas para não colocar em perigo o bebê que estava por vir. Agora, tudo se reduzira a cinzas: a madeira lisa, os cantos abaulados, a memória das mãos dele.

O quarto em que estava agora tinha várias mesas, entalhadas e delicadas, feitas por mãos habilidosas. E a cama era de madeira, coberta com lençóis finos. Kira nunca vira uma daquelas e imaginava que seus pés altos servissem para proteger as pessoas de animais ferozes ou insetos. Mas certamente não havia nada parecido ali, no Edifício do Conselho; até Matt notara isso e preferira manter as pulgas de seu cão no corredor. Pelas janelas envidraçadas, Kira podia ver o topo das árvores; o quarto dava para a floresta atrás do prédio.

Jamison abriu uma porta dentro do quarto, revelando um aposento menor, sem janelas, repleto de gavetas largas.

– A túnica do Cantor fica guardada aqui.

Ele entreabriu uma das gavetas e ela enxergou a túnica dobrada com seus bordados de cores fortes lá dentro. Então, fechou-a e gesticulou para outras gavetas menores.

– Materiais. Tudo o que você possa precisar.

Ele retornou ao quarto e abriu uma porta do outro lado. A princípio, ela teve a impressão de vislumbrar apenas pedras lisas, mas era na verdade um chão de ladrilhos verde-claros.

– Aqui você tem água – explicou Jamison –, para se lavar e para todas as suas demais necessidades.

Água? Dentro de casa?

Jamison voltou à porta de entrada e olhou para Matt e Toquinho. O garoto estava agachado no chão, chupando seu doce.

– Se quiser que o menino fique com você, pode dar um banho nele aqui. No cão também. Há uma banheira para isso.

Matt o ouviu e ergueu os olhos para Kira, angustiado.

– Não. Eu e Toquinho, a gente tem que ir andando. – Com uma expressão preocupada, perguntou: – Ocê não vai ficar presa aqui, vai?

– Não, ela não vai ficar presa – garantiu Jamison. – Por que acha que faríamos uma coisa dessas?

Voltando-se para Kira, ele avisou:

– Sua ceia será trazida para cá. Você não está sozinha: o Entalhador vive mais à frente, na outra ponta do corredor. – Ele gesticulou para uma porta fechada.

– O Entalhador? O menino chamado Thomas? – Kira ficou surpresa. – Ele também mora aqui?

– Mora. Você pode visitar o quarto dele. Os dois devem trabalhar durante o dia, mas podem fazer as refeições juntos. Por enquanto, tente se habituar com seus aposentos e com as ferramentas. Descanse um pouco. Amanhã conversaremos sobre o seu trabalho. Agora, deixe-me acompanhar o menino e o cachorro até a saída.

Ela ficou parada no umbral, observando o trio se afastar pelo longo corredor: o homem liderando o grupo, Matt andando de peito estufado logo atrás e o cão seguindo-o de perto. O menino olhou para trás, acenou rapidamente para ela e sorriu com uma expressão intrigada. Seu rosto, sujo de doce, exibia entusiasmo. Ela sabia que em poucos minutos ele contaria aos colegas que conseguira escapar de um banho. Seu cachorro também, assim como todas as pulgas dele. Por um triz.

Sem fazer barulho, ela fechou a porta e olhou ao redor.



Kira teve dificuldade em dormir. Era tudo muito estranho.

Apenas a lua lhe parecia familiar. Naquela noite ela estava quase cheia, inundando seu novo lar com uma luz prateada. Se fosse uma noite parecida com a de sua outra vida, no antigo casebre sem janelas, ela talvez tivesse se arriscado a aproveitar aquele brilho. Em algumas noites de luar, ela e a mãe saíam de fininho para ficarem juntas na brisa, matando mosquitos e observando as nuvens deslizarem à frente da esfera cintilante no céu noturno.

Ali, por uma janela um pouco entreaberta, a brisa noturna e o luar entravam juntos no quarto. A luz escorria pela mesa de canto e derramava-se pelo chão de madeira encerada. Ela via seu par de sandálias ao lado da cadeira em que se sentara para tirá-las. Via o cajado apoiado em uma quina, sua sombra projetada na parede.

Via as formas dos objetos em cima da mesa, as coisas que Matt havia trazido em uma trouxa para ela. Perguntou-se como ele escolhera o que levar. Provavelmente

tinha decidido às pressas, enquanto o incêndio começava; talvez tivesse apenas apanhado o que foi possível com suas mãos pequenas, impulsivas e generosas.

Seu quadro de tear estava ali. Ela agradeceu mentalmente a Matt. O amigo havia se lembrado de como o objeto era importante para ela.

Ervas desidratadas em um pequeno cesto. Kira ficou feliz por ainda tê-las e esperava conseguir recordar a utilidade de cada uma delas. Não que as ervas tivessem servido de alguma coisa contra aquela doença terrível da mãe; mas para coisas pequenas, como uma dor no ombro, uma picada inflamada ou inchada, eram úteis. E também ficou contente pelo cesto: lembrava-se de quando a mãe o trançara usando o mato que crescia à beira do rio.

Algumas batatas massudas. Kira sorriu ao imaginar Matt pegando a comida, provavelmente aproveitando para dar umas mordiscadas. Não precisava mais delas. A refeição que lhe haviam trazido em uma bandeja no fim da tarde tinha sido farta: fatias grossas de pão e uma sopa de carne com cevada e seleta de legumes, fortemente condimentada com especiarias saborosas que ela não conseguiu identificar. Kira a comera em uma tigela de cerâmica esmaltada com uma colher feita de osso, e então limpara a boca e as mãos com um pano de tecido fino.

Kira nunca tinha feito uma refeição tão elegante. Ou tão solitária.

Em meio ao pequeno conjunto de itens, havia peças de roupas dobradas de sua mãe: um xale grosso com a ponta franjada e uma saia manchada pelas tinturas que ela costumava usar, dando a impressão de que o pano simples e liso era estampado com listras coloridas. Pensando sonolenta naquela saia, Kira imaginou como poderia usar suas linhas para destacar as listras e, com habilidade – e com o tempo, pois isso levaria tempo –, transformá-la em uma peça de roupa adequada para algum tipo de comemoração.

Não que ela já houvesse tido motivo para comemorar algo. Exceto talvez os últimos acontecimentos: seus novos aposentos, seu novo trabalho, o fato de sua vida ter sido poupada.

Kira revirava-se de um lado para o outro na cama. Sentiu um objeto em seu pescoço, que também tinha vindo no embrulho trazido por Matt; na opinião dela, a coisa mais valiosa que ele havia salvado. Era o pingente que sua mãe usava escondido debaixo das roupas. Kira sabia da existência dele, o tocara e acariciara várias vezes quando era uma pequena que ainda mamava. Tratava-se de um pedaço de pedra brilhante, cortada de modo a ficar lisa de um lado, mas cravejada de cristais roxos e reluzentes do outro, com um buraco pelo qual passava uma tira de couro. Era um objeto simples, porém incomum. Fora presente do pai de Kira e era estimado por Katrina como uma espécie de talismã. Kira o havia tirado quando a

mãe estava doente, para poder lavar seu corpo febril, colocando-o na prateleira ao lado do cesto de ervas. Matt provavelmente o encontrara ali.

Usando-o agora em volta do próprio pescoço, Kira o levou à sua face, na esperança de evocar de novo a presença da mãe, talvez de sentir o seu cheiro: ervas, tinturas e flores secas. Mas a pequena pedra era inerte e inodora, sem o menor vestígio de recordações ou vida.

Em contraste, o retalho que Kira carregara no bolso, o mesmo que havia tomado forma de maneira tão mágica em seus dedos, se mexeu perto da sua cabeça, onde o deixara. Talvez tivesse sido movido pela brisa noturna que entrava pela janela aberta. Concentrada no luar e em seus pensamentos, a princípio Kira nem notou. Então, viu o bordado tremular um pouco sob a luz esbranquiçada, como se tivesse vida própria. Ela sorriu e passou-lhe pela cabeça que ele era como o cãozinho de Matt, olhando para cima, balançando as orelhas, sacudindo seu pobre rabo, louco por atenção.

Kira estendeu a mão e tocou o bordado. Sentindo seu calor, fechou os olhos.

Uma nuvem ocultou a lua e o quarto foi engolido pela escuridão. Enfim, ela adormeceu, sem sonhos. Quando Kira acordou pela manhã, o pequeno retalho estava sem vida, nada mais do que a sobra amarrotada de um tecido bonito em cima da sua cama.

7

Um ovo! Isso era um luxo. Além do ovo cozido, sua bandeja de café da manhã continha mais daquelas fatias grossas de pão e uma tigela de cereais quentes nadando em creme de leite. Kira bocejou e pôs-se a comer.

Ao acordar, ela e a mãe geralmente andavam até o riacho. Imaginava que o recinto de azulejos verde-claros estivesse ali para substituí-lo. Mas Kira estava aflita em relação a ele. Tinha entrado ali na noite anterior e aberto as várias torneiras reluzentes. Para seu espanto, água quente saiu de algumas delas. Devia ser para cozinhar. Pelo jeito havia um fogo aceso em algum lugar lá embaixo. Aquela água fora levada até ali de alguma maneira, mas o que deveria fazer com ela? Não havia necessidade de preparar comida, tornou a pensar Kira, pois recebia refeições quentes.

Ainda confusa, Kira voltou sua atenção para a banheira longa e baixa. Jamison tinha sugerido que ela desse banho em Matt ali. Havia algo nela que parecia e cheirava como sabão. Debruçando-se sobre a beirada da banheira, tentou se limpar, mas o processo lhe pareceu complicado e antinatural; era muito mais simples no riacho, onde podia lavar suas roupas e pendurá-las nos arbustos. Ali, naquele recinto pequeno e sem janelas, não havia lugar para secar nada. Nem brisa. Muito menos sol.

Era interessante, concluiu Kira, que eles tivessem encontrado uma maneira de trazer água para dentro do edifício, mas que não fosse algo prático ou salubre; além disso, não havia onde enterrar os dejetos. Ela enxugou o rosto e as mãos com a toalha que encontrou no recinto azulejado e decidiu que voltaria ao riacho todos os dias para fazer suas necessidades como deveria ser.

Vestiu-se depressa, amarrou as sandálias, penteou os cabelos longos com seu pente de madeira, apanhou o cajado e cruzou a passos rápidos o corredor vazio para sair de sua nova casa e dar uma caminhada matinal. Mas, antes que pudesse chegar muito longe, uma porta se abriu e um rapaz conhecido saiu.

– Kira, a Bordadora – disse ele. – Me contaram que você viria.

– Você é o Entalhador. Jamison me contou que estava aqui.

– Sim, sou Thomas.

Ele abriu um sorriso.

Thomas parecia ser mais ou menos da idade de Kira, tendo recebido havia pouco sua segunda sílaba. Era um rapaz bonito, de pele clara e olhos vivos. Seus cabelos eram bastos e arruivados. Quando sorria, via-se que um dos dentes da frente era lascado.

– É aqui que eu moro – explicou ele, e abriu mais a porta para que ela pudesse ver o interior.

Seu quarto era quase igual ao dela, só que, por estar do outro lado do corredor, sua janela dava para a ampla praça principal. Kira também notou que o aposento parecia mais "habitado", com as coisas de Thomas espalhadas por todo lado.

– Aqui também é minha oficina. – Ele indicou com um gesto uma mesa grande com suas ferramentas e pedaços de madeira. – E tenho uma despensa, para as coisas de que preciso. – Ele também a apontou.

– Sim, o meu é igual. Minha despensa tem um monte de gavetas. Ainda não comecei a trabalhar, mas tenho uma mesa debaixo das janelas e a luz é boa ali. Acho que é nela que vou bordar. E aquilo ali... aquela porta? É sua água de cozinhar e sua banheira? Você usa aquilo? Parece tão complicado, ainda mais com o riacho tão perto daqui.

– Os cuidadores vão lhe mostrar como funciona – afirmou Thomas.

– Cuidadores?

– Sabe aquele sujeito que trouxe sua comida? Ele é um cuidador. Eles vão ajudá-la com tudo o que você quiser. E um guardião virá supervisioná-la todos os dias.

Ótimo, Thomas parecia saber como as coisas funcionavam ali. Seria uma grande ajuda, pois tudo era novo e estranho.

– Faz muito tempo que você mora aqui? – perguntou Kira educadamente.

– Faz. Desde que eu era bem novo.

– Como foi que veio para cá?

O menino franziu a testa, tentando se recordar.

– Eu tinha acabado de começar a entalhar madeira. Ainda era muito pequeno, mas descobri, sei lá como, que se pegasse uma ferramenta afiada e um pedaço de madeira, eu podia gravar figuras nele. Todos acharam muito impressionante. – Ele riu. – Deve ter sido mesmo.

Kira também riu um pouco, pois lembrou-se de quando ela mesma, ainda muito pequena, descobriu que seus dedos canalizavam uma espécie de magia ao segurarem as linhas coloridas e viu o espanto da mãe e a expressão no rosto do guardião. Devia ter sido mais ou menos assim para Thomas.

– Os guardiões ficaram sabendo do meu trabalho de alguma forma. Eles vieram à nossa casa para analisá-lo.

Tão parecido..., pensou Kira.

– Então – prosseguiu Thomas –, pouco depois disso, meus pais morreram durante uma tempestade. Foram atingidos por um raio, os dois ao mesmo tempo.

Kira ficou chocada. Já ouvira falar de árvores derrubadas por relâmpagos. Mas nunca pessoas. Ninguém costumava sair durante as tempestades.

– Você estava lá? Como não foi atingido também?

– Não, eu estava sozinho em casa. Meus pais tinham saído para fazer alguma coisa. Lembro que um mensageiro veio chamá-los e, depois, alguns guardiões me buscaram e contaram como eles haviam morrido. Tive sorte de eles saberem quem eu era e considerarem meu trabalho valioso, mesmo eu sendo tão pequeno. Caso contrário, eu teria sido dado para outra pessoa. Em vez disso, eles me trouxeram para cá.

Ele indicou o quarto com um gesto.

– Desde então, tenho vivido aqui. Durante muito tempo, apenas pratiquei e aprendi mais. E fiz ornamentos para muitos guardiões. Mas agora trabalho de verdade. Um trabalho importante.

Ele apontou um longo pedaço de madeira que estava recostado contra a mesa, do mesmo jeito que ela havia apoiado o seu cajado. Mas o pau estava cheio de entalhes complexos e, pelas raspas em cima da mesa, Kira percebeu que o menino vinha trabalhando nele.

– Eles me deram ferramentas maravilhosas.

O sino tocou lá fora. Kira ficou aflita. Quando morava no vilarejo, o repicar significava hora de ir para o trabalho.

– Devo voltar aos meus aposentos? Eu pretendia caminhar até o riacho.

Thomas deu de ombros.

– Tanto faz. Você pode fazer o que quiser. No fundo, não existem regras. A única exigência é que você faça o trabalho do qual foi encarregada. Eles vão conferir seu serviço todos os dias. Eu vou sair agora para visitar a irmã da minha mãe. Ela teve outro filho. Uma menina. Olhe! Vou levar um brinquedo de presente.

Ele enfiou a mão no bolso e mostrou a Kira um pássaro oco entalhado com esmero. Thomas o levou a boca e o fez apitar.

– Fiz ontem. Gastei tempo do meu horário de trabalho, mas não muito. Foi fácil. – Então, ele acrescentou: – Estarei de volta para almoçar, pois tenho trabalho para fazer à tarde. Quer que eu leve minha bandeja aos seus aposentos para podermos comer juntos?

Kira concordou alegremente.

– Olhe, a cuidadora que vem buscar as bandejas do café da manhã está vindo – avisou Thomas. – Ela é muito simpática. Peça a ela... Não, espere. Deixe que eu peço.

Enquanto Kira observava, curiosa, Thomas foi até a mulher e trocou algumas palavras. A cuidadora assentiu.

– Vá com ela até os seus aposentos, Kira. Não precisa ir até o riacho: ela vai lhe mostrar como funciona o banheiro. Até a hora do almoço!

Ele guardou o passarinho entalhado no bolso, fechou a porta do seu quarto e enveredou pelo corredor. Kira refez os próprios passos, seguindo a cuidadora.



Jamison veio ao seu quarto logo depois do almoço. Thomas tinha comido e voltado depressa aos aposentos para retomar seu trabalho. Kira acabara de ir ao pequeno espaço repleto de gavetas e abrira a que continha a túnica do Cantor. Ainda não a havia desdobrado. Não lhe era permitido tocá-la antes e agora sentia-se intimidada por ela e um pouco nervosa. Estava contemplando o tecido ricamente decorado, lembrando-se das mãos habilidosas da mãe segurando a agulha de osso, quando ouviu uma batida à porta e a entrada de Jamison.

– Ah – falou ele. – A túnica.

– Estava pensando que devo começar meu trabalho em breve, mas tenho um pouco de medo de dar início. É tudo muito novo para mim.

Ele tirou a túnica da gaveta e a levou até a mesa sob a janela. Ali, sob a luz, as cores ficavam ainda mais magníficas e Kira sentiu-se ainda mais deslocada.

– Está confortável aqui? – quis saber Jamison. – Dormiu bem? Eles lhe trouxeram comida? Estava boa?

Muitas perguntas. Kira ficou em dúvida se deveria ou não contar a ele que sua noite de sono fora agitada, mas preferiu não fazê-lo. Fitou a cama para ver se as cobertas poderiam revelar o quanto tinha se revirado, mas notou que alguém, provavelmente a cuidadora, arrumara tudo de tal forma que não havia nenhum indício de que Kira dormira ali.

– Sim – respondeu ela. – Obrigada. E conheci Thomas, o Entalhador. Ele almoçou comigo. Foi bom ter alguém com quem conversar.

Depois de uma pausa, Kira acrescentou:

– E a cuidadora me explicou as coisas que eu precisava saber. Achei que a água quente fosse para cozinhar. Nunca tinha usado água quente para me lavar antes.

Ele não estava prestando atenção à sua explicação constrangida sobre o banheiro, mas analisava a túnica com cuidado, deslizando a mão pelo tecido.

– Sua mãe fez pequenos reparos ao longo dos anos. Mas agora ela deve ser totalmente restaurada. Este é o seu trabalho.

– Entendo – falou ela, embora não compreendesse muito bem.

– Esta é toda a história do nosso mundo. Precisamos mantê-la intacta. *Mais* do que intacta. – Kira percebeu que ele agora acariciava o grande trecho não decorado do tecido, a parte que recaía sobre os ombros do Cantor. – O futuro será contado aqui. Nosso mundo depende desse relato.

Jamison fez uma pausa e então perguntou:

– E quanto aos seus materiais? São adequados? Há muito trabalho a fazer aqui.

Materiais? Kira lembrou-se de ter trazido um cesto com as próprias linhas. Olhando para a túnica magnífica, ela soube que sua humilde coleção – algumas sobras de linhas coloridas que a mãe lhe deixara usar para os seus bordados – não era nem um pouco adequada. Mesmo que tivesse a habilidade necessária, e nem disso estava segura, jamais poderia restaurar a vestimenta com o que havia trazido. Então, recordou-se das gavetas que ainda não tinha aberto.

– Ainda não olhei – confessou ela.

Kira foi até as gavetas menores. Estavam cheias de carretéis de linhas brancas de várias espessuras e texturas. Havia também agulhas de todos os tamanhos e ferramentas de corte dispostas em fileiras bem organizadas.

Kira sentiu um aperto no peito, pois esperava que as linhas já estivessem tingidas. Tornando a fitar a túnica estendida na mesa e a enorme variedade de tons, ela se sentiu esmagada pela responsabilidade. Se ao menos tivesse conseguido salvar as linhas de sua mãe! Porém, elas não existiam mais, tinham sido todas queimadas.

Ela mordeu o lábio e olhou aflita para Jamison.

– Elas não são coloridas – murmurou.

– Você disse que sua mãe a estava ensinando a tingir.

Kira assentiu. Ela falara isso, mas não era totalmente verdade. Sua mãe tinha *planos* de lhe ensinar.

– Ainda tenho muito a aprender – confessou. – Mas aprendo rápido – acrescentou, torcendo para não ter soado presunçosa.

Jamison a encarou com uma expressão um pouco sisuda.

– Vou enviar você para Annabella, que pode concluir o treinamento iniciado por sua mãe. Ela mora nos confins da floresta, mas a trilha é segura. O Hino da Ruína

só será cantado no início do outono. Ainda faltam alguns meses. O Cantor não precisará da túnica antes disso. Você terá tempo de sobra.

Kira aquiesceu, insegura. Jamison tinha sido seu defensor. Agora, parecia ser seu conselheiro. Kira ficou grata pela ajuda dele, mas ainda assim sentia uma tensão, uma ansiedade em sua voz que não havia notado antes.

Jamison indicou na parede um cordão que ela poderia puxar caso precisasse de alguma coisa, então saiu do quarto. Kira tornou a olhar a túnica exposta sobre a mesa. Eram muitas cores, em tantos tons diferentes! Apesar das palavras tranquilizadoras de Jamison, o início do outono não estava tão longe.

Naquele dia, decidiu Kira, iria analisar a vestimenta e traçar um plano. No dia seguinte, assim que acordasse, iria em busca de Annabella para implorar ajuda.

8

Matt queria ir com ela.

– Ocê vai precisar de mim e de Toquinho pra te proteger. A floresta tá cheia de bichos ferozes.

– *Vocês* vão me proteger? – perguntou Kira, rindo.

– Eu e Toquinho somos brabos. – Matt flexionou o que se passava por músculos em seus braços franzinos. – Eu só *pareço* pequenininho.

– Jamison falou que é seguro, desde que não desviemos da trilha.

Em seu íntimo, Kira achava que seria divertido ter o menino e o cachorro como companhia.

– Mas e se você se perder? – questionou Matt. – Eu e Toquinho sabemos sair de qualquer enrascada. Ocê com certeza vai precisar da gente se ficar perdida.

– Mas vou passar o dia inteiro fora. Você vai ficar com fome.

Triunfante, Matt sacou um pedaço de pão grosso do bolso de seu short folgado.

– Roubei esse pão cascudo do padeiro – anunciou ele com orgulho.

Então o menino venceu, para alegria de Kira, e ela passou a ter companhia para sua jornada floresta adentro.

Era uma caminhada de cerca de uma hora. Jamison tinha razão: não parecia haver perigo. Embora árvores grossas mergulhassem a trilha nas sombras e eles pudessem ouvir a vegetação rasteira farfalhar e os gritos de pássaros selvagens desconhecidos, não se sentiam ameaçados. De vez em quando, Toquinho caçava um pequeno roedor ou vasculhava com o focinho algum buraco na terra, assustando qualquer animalzinho que o usasse como toca.

– Deve ter cobra por tudo quanto é lado aqui – comentou Matt com um sorriso travesso.

– Não tenho medo de cobras.

– A maioria das garotas tem.

– Eu, não. Sempre apareciam cobras pequenas no jardim da minha mãe. Ela dizia que eram amigas das plantas, pois comem os insetos.

– Igual ao Toquinho. Olha, ele pegou mais um. – Matt apontou o cachorro, que havia saltado em cima de uma criatura azarada de pernas longas e finas. – O nome desse aí é papai pernalonga.

– Papai pernalonga? – Kira riu. Nunca tinha ouvido aquele nome na vida. – E você, tem um pai? – perguntou, curiosa.

– Não. Até já tive. Mas agora tenho só a minha mãe.

– O que aconteceu com seu pai?

Ele deu de ombros.

– Num sei. Lá no Brejo é diferente. Um monte de gente lá não tem pai. E quem tem fica com medo deles, porque tão sempre batendo pra danar nos pequenos. Minha mãe também bate em mim – revelou com um suspiro.

– Eu tive um pai. Ele era um excelente caçador – contou-lhe Kira, orgulhosa. – Até Jamison falou que era. Mas meu pai foi levado pelas feras.

– É, ouvi dizer.

Kira notou que Matt tentava parecer triste por ela, mas isso era difícil para um menino de temperamento tão alegre. Logo ele já estava apontando para uma borboleta, animado ao ver o brilho de suas asas salpicadas de laranja na penumbra da floresta.

– Está vendo isto? – perguntou ela, puxando o pingente para fora do vestido. – Você trouxe com as coisas da minha mãe, lembra?

Matt assentiu.

– É todo feito de pedrinha roxa. E brilhoso de olhar.

Kira o ocultou de novo.

– Meu pai deu de presente para a minha mãe.

Matt contraiu o rosto, remoendo a palavra.

– Presente?

Kira se espantou por ele não entender.

– É quando você dá algo especial para alguém porque se importa com a pessoa. Algo que ela vai guardar com carinho. Isso é um presente.

Matt deu uma gargalhada.

– Lá no Brejo a gente não tem disso. No Brejo, se forem te dar uma coisa especial, vai ser um chute no traseiro. – Então, acrescentou educadamente: – Mas é bonito isso que ocê tem. Sorte que eu salvei procê.

Era uma longa viagem para Kira, que precisava arrastar a perna deformada por todo o caminho. Seu cajado ficava preso nas raízes enroscadas e vez por outra ela tropeçava. Mas estava acostumada a esse tipo de dificuldade e de dor. Eram velhas conhecidas suas.

Matt tinha saído correndo à sua frente com Toquinho, mas voltou empolgado, anunciando que o destino deles estava logo depois da curva seguinte.

– É uma cabaninha de nada! E tem uma velha coroca no jardim, com as mãos tortas cheias de arco-íris!

Kira apertou o passo, dobrou a curva e entendeu o que ele queria dizer. Em frente à pequena construção, uma velha encurvada e de cabelos brancos trabalhava perto de um viçoso jardim de flores. Estava debruçada sobre um cesto no chão, erguendo punhados de fios coloridos – vários tons de amarelo, desde o amarelo-limão mais claro até o dourado-escuro mais acastanhado – e pendurando-os ao longo de uma corda presa de uma árvore a outra, de onde já pendiam tons mais escuros de ferrugem e vermelho.

Annabella ergueu uma das mãos retorcidas e manchadas para cumprimentá-los. Tinha poucos dentes e sua pele era coberta de rugas, mas os olhos eram lúcidos. Aproximou-se deles, apoiando-se em uma bengala de madeira e aparentemente nada surpresa com a chegada repentina dos visitantes. Ela perscrutou o rosto de Kira.

– Ocê é igualzinha a sua mãe.

– A senhora me conhece? – perguntou Kira, confusa. A velha assentiu. – Minha mãe morreu.

– Sim. Eu soube.

Como? Como ficou sabendo?

– Eu me chamo Kira. Este é meu amigo. O nome dele é Matt.

Matt deu um passo à frente, um pouco tímido de repente.

– Eu trouxe um pão pra mim. Eu e meu cãozinho, a gente não vai incomodar a senhora.

– Senta – disse Annabella a Kira, ignorando Matt e Toquinho, que estava ocupado cheirando o jardim, procurando o lugar ideal para se aliviar. – Aposto que ocê tá cansada e com dor.

Ela indicou um toco de árvore baixo e liso e Kira deixou-se sentar ali, agradecida, massageando a perna dolorida. Desamarrou as sandálias e sacudiu-as para retirar as pedrinhas.

– Ocê precisa aprender a tingir – falou a velha. – Não é pra isso que veio aqui? Sua mãe aprendeu e ela iria ensinar procê.

– Não houve tempo. – Kira suspirou. – E agora eles querem que eu aprenda tudo e faça o trabalho... a restauração da túnica do Cantor. A senhora está sabendo?

Annabella aquiesceu. Ela voltou ao varal e terminou de pendurar os fios amarelos.

– Posso dar algumas linhas pro início dos reparos. Mas ocê precisa aprender a fazer as tinturas. Eles também vão pedir outras coisas.

Kira voltou a pensar no trecho intocado nas costas e ombros da túnica. Era isso que eles iriam exigir dela, que preenchesse aquele espaço com o futuro.

– Ocê deve vir aqui todos os dias. Deve conhecer todas as plantas. Veja...

A mulher gesticulou para o jardim repleto de plantas viçosas, muitas desabrochadas com a chegada do verão.

– Erva-coalheira. – Annabella apontou uma planta alta cheia de flores amarelo-ouro. – As raízes dela dão um bom vermelho. Mas, para a cor vermelha, a garança é o que tem de melhor. A minha tá lá atrás. – Ela tornou a apontar e Kira viu uma planta que se esparramava por um canteiro suspenso, tomando conta de todo o espaço. – Esta não é a época certa pra tirar as raízes da garança. O ideal é no começo do outono, quando ela tá dormente.

Erva-coalheira, garança. Preciso me lembrar disso. Preciso conhecer essas plantas.

– Flor-de-tintureiro – anunciou a mulher, cutucando com a bengala um arbusto de flores pequenas. – Use os caules pra conseguir um bom amarelo. Mas só troque a planta de lugar se não tiver outro jeito. Ela não gosta de ser transplantada.

Flor-de-tintureiro. Para o amarelo.

Kira acompanhou Annabella enquanto ela contornava um canto do jardim. A mulher parou e cutucou uma planta compacta com caules rígidos e pequenas folhas ovais.

– Esta aqui é resistente que só ela – disse a velha de forma quase afetuosa. – Erva-de-são-joão, é como se chama. Ainda não desabrochou; tá muito cedo ainda. Mas, quando chega a época, você consegue um lindo marrom das flores dela. Só que vai manchar suas mãos. – Ela ergueu as suas próprias e soltou uma gargalhada. – Ocê vai precisar de verdes. A camomila é boa pra isso. Ela precisa de bastante água. Mas tire só as folhas pra conseguir o verde. Guarde as flores pra fazer chá.

A cabeça de Kira já estava rodando pelo esforço de lembrar os nomes das plantas e as cores que elas criariam, e Annabella tinha descrito apenas uma pequena fração do jardim. Ao ouvir as palavras “água” e “chá”, percebeu que estava com sede.

– Desculpe, mas a senhora tem um poço? Será que poderia me dar um pouco d'água?

– E pro Toquinho também? – Matt surgiu ao lado de Kira; quase havia se esquecido de que o amigo estava ali. – Ele tava procurando um riacho mas não encontrou nenhum.

Annabella os levou até o poço atrás da cabana e eles beberam. Matt despejou água na fenda de uma pedra curvada para o seu cão, que a lambeu avidamente e aguardou por mais.

Por fim, Kira e Annabella sentaram-se juntas à sombra. Arrancando dentadas do seu pão, Matt afastou-se, com Toquinho em seu encalço.

– Ocê deve vir todos os dias – repetiu Annabella. – Precisa conhecer todas as plantas, todas as cores. Como sua mãe fez quando era menina.

– Eu virei. Prometo.

– Ela disse que ocê tinha o conhecimento nos seus dedos. Mais até do que ela mesma.

Kira fitou as próprias mãos, entrelaçadas sobre o colo.

– Algo acontece quando trabalho com as linhas. Elas parecem saber o que fazer sozinhas e meus dedos apenas as acompanham.

– Isso é o conhecimento. Eu tenho pras cores, mas nunca tive pras linhas. Minhas mãos sempre foram rudes demais. – Ela as ergueu, manchadas e disformes. – Mas pra usar o conhecimento das linhas, ocê precisa aprender a fazer as tinturas. Quando entristecer elas na panela de ferro. Como desabrochar as cores. Como sangrar.

Entristecer. Desabrochar. Sangrar. Que escolha estranha de palavras.

– E os mordentes também. Ocê precisa aprender sobre eles. Sumagre pode servir. Noz-de-galha também é bom. Alguns liquens. Mas o melhor é... Vem cá, deixa eu mostrar. Quero ver se consegue adivinhar de onde veio esse mordente.

Com uma agilidade impressionante para uma mulher de quatro sílabas, Annabella levantou-se e conduziu Kira até uma vasilha coberta. Ao lado, um caldeirão d'água – grande demais para ser um simples de preparar comida – estava suspenso sobre as brasas de uma fogueira.

Kira se inclinou à frente para ver, mas, quando Annabella levantou a tampa, teve uma surpresa desagradável e recuou a cabeça. O líquido fedia horrores. Annabella escangalhou-se de rir.

– Algum palpite?

Kira balançou a cabeça. Não conseguia sequer imaginar o que havia na vasilha malcheirosa ou qual poderia ser sua origem.

Annabella tampou o recipiente, ainda às gargalhadas.

– É só guardar e deixar envelhecer à vontade. Ele realça e ajuda a firmar os tons. – Com uma última risadinha satisfeita, ela explicou: – É xixi velho!

Mais tarde, Kira retornaria com a bolsa cheia das linhas coloridas de Annabella.

– Essas vão quebrar o galho por enquanto – falou a velha tintureira. – Mas ocê precisa aprender a fazer as suas próprias. Repita pra mim agora as que conseguiu guardar na memória.

Kira fechou os olhos, pensou e disse em voz alta:

– Garança para o vermelho. Erva-coalheira para o vermelho também, só as raízes. Ponta de tanásia para o amarelo e flor-de-tintureiro para o amarelo também. E milefólio: amarelo e dourado. Malva-escura, só as pétalas, para o roxo.

– *Flor-de-ranho* – completou Matt com um sorriso, limpando o próprio nariz ranhoso em sua manga suja.

– Shh – fez Kira para ele, rindo. – Não é hora para brincadeira. É importante que eu me lembre.

– Capim-membeca – acrescentou ela. – Amarelo-ouro e marrom. E erva-de-são-joão também para marrons, mas vai manchar minhas mãos. E funcho, tanto as folhas quanto as flores; precisa ser fresco e é comestível. Camomila para fazer chá e tons de verde. Isso é tudo que me lembro agora – concluiu Kira em tom de desculpas. Havia muitas outras.

Annabella assentiu, satisfeita.

– Já é alguma coisa – falou.

– Matt e eu temos que ir ou vai escurecer antes de chegarmos – avisou Kira, virando-se para partir.

Quando olhou o céu para calcular as horas, lembrou-se de uma coisa de repente:

– A senhora sabe fazer azul?

O rosto de Annabella ficou carregado.

– Ocê vai precisar de pastel-dos-tintureiros. De folhas frescas do primeiro ano dessa planta. E água da chuva; é assim que se faz o azul. – Ela balançou a cabeça. – Não tenho aqui comigo. Outros têm, mas vivem longe daqui.

– Quem são esses outros? – perguntou Matt.

A velha ficou em silêncio e apontou o canto mais afastado do seu jardim, onde a floresta começava e parecia haver uma trilha estreita e coberta de vegetação. Então, voltou-se em direção à cabana. Kira ainda a ouviu falar em voz baixa:

– Nunca consegui ir até lá. Mas eles têm azul praqueles lados.

9

A túnica do Cantor continha apenas alguns pontinhos minúsculos de azul, tão desbotados que eram quase brancos. Após o jantar, depois que as lamparinas foram acesas, Kira os examinou meticulosamente. Ela dispôs as linhas – tanto as da sua pequena coleção quanto as muitas outras que Annabella lhe dera – sobre a mesa grande, sabendo que precisaria combinar os tons com cuidado à luz do dia antes de começar os reparos. Foi então que notou que não havia mais azul de verdade, apenas um leve resquício do que ele fora um dia. Sentiu-se aliviada, pois, se fosse possível repará-lo, não saberia como; mas decepcionada porque a cor do céu teria sido um lindo acréscimo ao padrão.

Ela repetiu várias vezes os nomes das plantas em voz alta, tentando fazer uma canção para memorizá-los com mais facilidade.

– Malva-escura e tanásia; garança e erva-coalheira...

Porém, não conseguia arranjá-las em um bom ritmo e os nomes não rimavam.

Thomas bateu à porta. Kira o recebeu com animação, mostrou-lhe a túnica e as linhas e lhe contou sobre o dia que havia passado com a velha tintureira.

– Não consigo lembrar todos os nomes – admitiu ela, frustrada. – Mas acho que, se pela manhã eu voltar até onde meu velho casebre costumava ficar, talvez as plantas do jardim da minha mãe, as que ela costumava usar para as tinturas, ainda estejam lá. Então, quando eu as vir, os nomes farão mais sentido. Só espero que Vandara...

Kira se interrompeu. Não tinha contado ao entalhador sobre sua inimiga e o simples fato de dizer seu nome a deixou apreensiva.

– A mulher da cicatriz? – perguntou Thomas.

– Você a conhece?

Ele balançou a cabeça.

– Mas sei quem ela é. Todo mundo sabe.

Thomas apanhou uma pequena meada de um carmesim-escuro.

– Como a tintureira fez este? – indagou, curioso.

Garança para o vermelho, pensou Kira.

– Garança. Só as raízes.

– Garança... – repetiu ele, então teve uma ideia. – Posso escrever os nomes para você, Kira. Assim seria mais fácil memorizar.

– Você sabe escrever? E ler?

– Aprendi quando era mais novo. Os meninos podem aprender, pelo menos os escolhidos. E alguns entalhes que faço têm palavras.

– Mas eu não sei. Mesmo que você escrevesse os nomes, eu não poderia lê-los. E meninas são proibidas de aprender.

– Mesmo assim, pode ajudá-la a lembrar. Se você falasse os nomes para mim e eu os escrevesse, poderia lê-los depois para você. Tenho certeza de que seria útil.

Provavelmente Thomas tinha razão. Ele trouxe caneta, tinta e papel dos seus aposentos e ela tornou a dizer as palavras, aquelas de que ainda lembrava. Sob a luz tremulante, Kira o observou escrevê-las com cuidado. Viu como as combinações de retas e curvas geravam os sons, permitindo que Thomas repetisse os nomes para ela depois.

Quando ele leu a palavra *malva*, apontando-a com o dedo, Kira notou que havia uma linha alta bem no meio dela, como um caule. Então, desviou os olhos depressa para não aprendê-la, pois não queria ser culpada de fazer algo claramente proibido para ela. Mas não pôde deixar de sorrir ao ver o nome escrito, ao notar como a pena desenhava as formas, que contavam uma história.



Bem de manhãzinha, Kira comeu depressa e seguiu para o lugar onde o jardim de cores da mãe costumava ficar. Achou que fosse encontrar Matt e Toquinho, mas havia pouco movimento àquela hora, ao raiar do dia, e o vilarejo estava silencioso. Vez por outra, ouvia um pequeno chorar e algumas galinhas cacarejando baixinho. Mas a barulheira diurna ainda não tinha começado.

À medida que se aproximava, notou que parte do cercado já havia sido construída. Em poucos dias, as mulheres tinham arranjado arbustos espinhosos para cercar os destroços do casebre em que Kira crescera. O terreno delimitado ainda não passava de um monte de cinzas e escombros. Muito em breve, a sebe de espinhos isolaria a área por completo; Kira imaginava que fossem construir alguma espécie de portão e, então, jogariam suas galinhas e pequenos lá dentro. Haveria pedaços de madeira afiados e cacos pontudos de potes quebrados. Ela suspirou ao ver aquilo. Os pequenos seriam arranhados e feridos pelo entulho do seu próprio passado

destruído, mas não havia nada que ela pudesse fazer a respeito. Contornou rapidamente os destroços e a cerca inacabada, e encontrou o que restava do jardim de cores à beira da floresta.

A horta de legumes fora totalmente saqueada, mas o canteiro de flores continuava ali, embora as plantas estivessem pisoteadas. Era óbvio que as mulheres haviam passado por cima da área, arrastando os arbustos que usaram para fazer o cercado. Mesmo assim, as flores continuavam a desabrochar e ela ficou maravilhada ao ver que a vida pulsante ainda lutava para resistir a toda aquela destruição.

Kira pôs-se a nomeá-las, até onde sua memória permitia, e apanhou tudo o que pôde, enchendo o pano que trouxera. Annabella lhe dissera que a maioria das flores e folhas poderia ser secada para uso posterior. Mas algumas, como o funcho, não. "Precisa ser fresco", informara. Kira o deixou onde estava e imaginou se as mulheres saberiam que era comestível.

Um cão latiu por perto e ela ouviu uma discussão: um marido gritando com a esposa, um pequeno levando uma bofetada. O vilarejo despertava para a sua rotina. Estava na hora de voltar; aquele já não era mais o seu lugar.

Kira amarrou as pontas do pano com as plantas e jogou a trouxa sobre o ombro. Apanhou o cajado e apressou-se a sair dali. Enquanto seguia por uma trilha secundária, evitando a via central do vilarejo, Kira avistou Vandara, mas desviou o olhar. A mulher a chamou com uma voz arrogante, provocadora.

– Está gostando da sua nova vida? – gritou, e deu uma risada hostil.

Kira dobrou rapidamente uma esquina para evitar o conflito, mas a pergunta sarcástica e o riso malicioso da mulher a acompanharam por todo o caminho.



– Vou precisar de um espaço para cultivar um jardim de cores – disse ela a Jamison, hesitante, alguns dias depois – e de um lugar arejado para secar as plantas. E também de um local em que possa fazer uma fogueira, além de panelas para tingir as linhas. – Ela pensou um pouco mais e acrescentou: – E água.

Jamison assentiu e garantiu que todas aquelas coisas podiam ser providenciadas.

Ele vinha todas as noites para avaliar seu trabalho e perguntar se ela precisava de algo. Para Kira, era estranho poder fazer pedidos e ser atendida.

Porém, Thomas afirmou que sempre havia sido assim com ele também. As diversas variedades de madeira – freixo, cerne, nogueira, bordo – eram trazidas

quando ele as solicitava. E eles tinham lhe dado toda sorte de ferramentas, algumas que ele nem conhecia antes.

Os dias passavam, atarefados, cansativos.

Certa manhã, quando Kira se preparava para ir à cabana da tintureira, Thomas apareceu em seu quarto.

– Você ouviu algo na noite passada? – perguntou ele, inseguro. – Talvez algum som que tenha acordado você?

Kira pensou antes de responder:

– Não. Dormi como uma pedra. Por quê?

Ele pareceu intrigado, como se tentasse lembrar alguma coisa.

– Pensei ter ouvido algo parecido com uma criança chorando. Achei que tinha me acordado. Mas talvez tenha sido apenas um sonho. É, deve ter sido isso.

Ele sorriu e deu de ombros, descartando o pequeno mistério.

– Fiz uma coisa para você. Andei trabalhando nela de manhã cedo, antes de começar meu serviço normal.

– Qual é o seu serviço normal, Thomas? – perguntou Kira. – O meu é a túnica, claro. Mas o que eles mandaram você fazer?

– O cajado do Cantor. É muito antigo e as mãos dele... e as dos outros Cantores do passado, imagino... desgastaram os entalhes de tal forma que eles precisam ser refeitos. É um trabalho difícil. Mas importante. O Cantor usa os entalhes no cajado para se localizar; eles servem como lembretes dos trechos do Hino. E há um espaço vazio bem grande no alto. Um dia eu irei entalhar essa parte com minhas próprias gravuras. – Ele riu. – Bem, não exatamente minhas. Eles me dirão o que colocar ali.

Encabulado, Thomas enfiou a mão no bolso e lhe entregou o presente.

– Tome.

Ele fizera para Kira uma pequena caixa com uma tampa que a vedava perfeitamente; o topo e as laterais eram ornamentados com entalhes complexos que imitavam o desenho das plantas que ela vinha aprendendo a discernir e conhecer. Ela a examinou, fascinada. Reconheceu os talos altos dos milefólios e seus compactos ramalhetes de flores; em volta deles, entrelaçavam-se os caules maleáveis das coreópsis, sobre um amontoado das folhas escuras, em formato de pluma, daquela planta.

Ela soube na mesma hora o que queria guardar naquela caixa tão linda. O retalho que havia trazido em seu bolso no dia do julgamento e que aliviara sua solidão antes de dormir estava escondido em uma das gavetas de materiais. Já não o carregava consigo por medo de perdê-lo durante as caminhadas pela floresta e os longos dias de trabalho duro junto à tintureira.

Agora, na frente de Thomas, ela pegou o bordado e o colocou dentro da caixa.

– É muito bonito – comentou ele ao ver o tecido.

Kira o afagou antes de fechar a tampa.

– Ele fala comigo de alguma forma. É quase como se tivesse vida própria.

Ela sorriu, constrangida, pois sabia que era uma coisa estranha de se dizer e que ele não só não entenderia como talvez a achasse tola.

Porém, Thomas assentiu.

– Sei como é – falou ele para sua surpresa. – Tenho um pedaço de madeira que faz a mesma coisa. Um que entalhei muito tempo atrás, quando ainda era só um pequeno. E às vezes sinto nas minhas mãos o conhecimento que eu tinha na época.

Ele se virou para ir embora.

Que você tinha na época? Quer dizer que não o tem mais? O conhecimento não é para sempre? Kira ficou consternada com essa hipótese, mas permaneceu em silêncio.



Embora ainda precisasse extrair muitas informações de Annabella, Kira foi obrigada a reduzir seu tempo de treinamento na cabana da tintureira, pois precisava da luz do dia para trabalhar na túnica do Cantor. Sentia-se grata agora pelo banheiro azulejado que tanta confusão lhe havia causado a princípio. A água quente e o sabão ajudavam a livrar suas mãos das manchas e era fundamental que elas estivessem limpas quando ela manuseasse a vestimenta.

Kira ainda guardava seu pequeno quadro de tear, que Matt salvara do fogo, mas ele já não era necessário. Entre os materiais que recebera, havia um novo e ótimo tear dobrável sustentado por pernas de madeira firmes, que não precisava ser apoiado no colo. Kira posicionou o quadro em frente à janela, diante de uma cadeira.

Estendeu a túnica sobre a mesa grande para examiná-la com atenção e selecionar o ponto em que começaria seu trabalho. Foi então que Kira começou a compreender pela primeira vez a imensidão a partir da qual o Cantor criava o Hino. Toda a história do seu povo, culminando com o episódio aterrorizante da Ruína, era retratada de forma extraordinariamente complexa nas dobras volumosas da roupa.

Kira via o mar verde-claro e, em suas profundezas, peixes de todos os tipos, alguns maiores do que homens, maiores do que dez homens juntos. O mar se misturava de forma imperceptível a vastas extensões de terra povoadas apenas por gravuras de animais que ela não conhecia, criaturas gigantescas que pastavam em um

matagal alto e castanho. Tudo isso compunha apenas uma pequena extremidade da túnica. Correndo os olhos pelo tecido, notou que, além do mar, próximo das pastagens, erguia-se outro território, habitado por homens. Os pontos minúsculos criavam figuras de caçadores com lanças e outros armamentos; pequenos nós vermelhos (*Garança para o vermelho. Só as raízes*) tinham sido usados para fazer o sangue dos homens caídos, capturados pelas feras.

Ela pensou no pai. Mas aquela cena retratava um tempo muito antigo, bem anterior ao seu pai, a qualquer pessoa da época em que viviam. Os homens sem vida salpicados de nós vermelhos ocupavam apenas uma parte ínfima da túnica, um mero piscar de olhos, já esquecidos atualmente se não fosse pelo Hino, aquele momento em que o Cantor os fazia recordar o passado.

Olhando para a vestimenta e alisando-a com a mão lavada, Kira suspirou e percebeu que não havia tempo para estudá-la daquela forma. Tinha um trabalho importante a realizar e ela notara que Jamison parecia cada vez mais ansioso. Ele visitava repetidas vezes o seu quarto, conferindo, certificando-se de que ela estava dedicada à sua função e que faria um serviço meticuloso.

Kira esticou uma seção da manga que precisava ser reparada com urgência no tear. Com todo o cuidado, usando ferramentas de corte delicadas, Kira cortou os fios esgarçados. Havia uma pequena mancha sobre uma flor bordada de forma complexa em tons de dourado, parte de uma paisagem que retratava fileiras de girassóis ao lado de um córrego verde-claro. Tempos atrás, alguém que dominava a arte de bordar dera a impressão de movimento ao córrego ao bordar linhas brancas curvas que pareciam espumas. Como a pessoa devia ter sido talentosa! Mas agora era preciso substituir as linhas manchadas.

O trabalho era de uma lentidão excruciante. Embora não dispusesse do conhecimento quase mágico da filha, Katrina era mais experiente e habilidosa e faria tudo mais rápido.

Kira ergueu as linhas douradas novas contra a janela e examinou as sutis mudanças de tom, escolhendo as mais adequadas para o reparo.

Quando a luz de fim de tarde começou a ficar mais fraca, Kira parou de trabalhar. Olhou os poucos centímetros esticados no tear, analisando o que havia conseguido fazer, e decidiu que estava se saindo bem. Sua mãe teria ficado satisfeita. Jamison ficaria satisfeito. Ela esperava que o Cantor também ficasse ao vesti-la.

Mas seus dedos estavam doloridos. Kira os massageou e deu um suspiro. Aquilo era bem diferente dos seus próprios bordados, os pequenos trabalhos que tinha feito durante toda a infância. Certamente não era como o bordado especial que começara a se mover por vontade própria em suas mãos junto ao leito de morte da mãe, a entrelaçar-se e combinar as linhas de maneiras que ela nunca havia aprendido, a formar motivos que nunca vira antes. Suas mãos não tinham se cansado naquela época.

Pensando no retalho especial, Kira apanhou a caixa entalhada, desdobrou o pedaço de pano e o pôs no bolso. Teve uma sensação de familiaridade e boas-vindas ao colocá-lo ali, como se recebesse a visita de um amigo.

Sua refeição da noite devia estar prestes a chegar. Kira cobriu a túnica estendida com um pano para protegê-la, atravessou o corredor e bateu à porta de Thomas.

O jovem entalhador também finalizava o trabalho. Quando Kira entrou, ele limpava as lâminas das ferramentas e as guardava. O cajado longo estava deitado sobre a mesa de trabalho, preso em um torno. Ele sorriu ao vê-la. Os dois haviam passado a fazer a refeição noturna juntos.

– Ouça – falou Thomas, apontando para a janela.

Ela ouvia barulho vindo da praça principal mais abaixo. Seu próprio quarto, que dava para a floresta, era sempre silencioso.

– O que está havendo?

– Dê uma olhada. Eles estão se preparando para uma caçada amanhã.

Kira foi até a janela. Lá embaixo, os homens estavam reunidos para a distribuição de armas. As caçadas sempre começavam de manhã bem cedo; os homens saíam do vilarejo antes do raiar do dia. Mas aquilo era uma preparação. Kira via lanças longas sendo trazidas de um anexo ao lado do Edifício do Conselho e empilhadas no meio da praça.

Homens erguiam as lanças, testando o peso delas, procurando as que parecessem mais adequadas. Alguns discutiam. Dois homens agarraram o cabo de uma mesma, determinados a pegá-la para si, e gritavam um com o outro.

No meio do caos barulhento, Kira viu um pequeno vulto passar correndo pelos homens e pegar uma lança. Ninguém pareceu perceber: estavam preocupados demais em empurrar uns aos outros. Ela notou que um homem já sangrava, ferido pela ponta de uma lança, e claramente haveria outras vítimas antes do término daquela distribuição desorganizada. Empunhando uma lança que ninguém parecia querer, o garoto se separou da multidão com um ar triunfante. Um cachorro corria junto aos seus pés descalços.

– É o Matt! – exclamou Kira, apavorada. – Ele é apenas um pequeno, Thomas! É jovem demais para participar de uma caçada!

Thomas se aproximou da janela e viu quem Kira apontava, o menino que estava um pouco afastado dos outros com sua lança.

Thomas deu uma risadinha.

– Às vezes os pequenos fazem isso. Os homens não ligam. Permitem que eles os acompanhem na caçada.

– Mas é perigoso demais para um pequeno, Thomas!

– E o que você tem a ver com isso? – Thomas parecia genuinamente intrigado. – São só pequenos. Eles já são muitos, de qualquer forma.

– Ele é meu amigo!

Foi então que Thomas entendeu e tornou a olhar o menino, preocupado. Matt já estava cercado pelo bando de arruaceiros mirins que sempre o acompanhava. Ele brandia a lança, contemplado pelos demais com admiração.

Kira sentiu um incômodo – um latejar próximo do seu quadril. Levou a mão até lá, pretendendo massagear o local, achando que tivesse se apoiado com força demais contra o parapeito. Mas enfiou instintivamente a mão no bolso, onde estava o pedaço de pano. Tocou o tecido e sentiu a tensão, o perigo e o alerta que parecia emanar dele.

– Por favor, Thomas, me ajude a impedi-lo! – pediu Kira, aflita.

10

Era difícil atravessar a multidão. Kira seguiu Thomas, que era mais alto e abria caminho entre os homens que gritavam e criavam confusão. Reconheceu alguns deles: o açougueiro, que soltava impropérios, e o irmão de sua mãe, que comparava os pesos das armas, vangloriando-se aos berros de suas escolhas junto com outros caçadores.

Kira nunca havia passado muito tempo no mundo dos homens, pois eles levavam vidas separadas das mulheres. Jamais os invejara. Agora, enquanto era empurrada de um lado para outro por seus corpos grandalhões, suados e fedidos e ouvia seus resmungos e gritos de irritação, sentia-se ao mesmo tempo assustada e aborrecida. Mas entendia que aquele era um comportamento de caça, um momento em que os homens se exibiam e contavam vantagem, em que testavam uns aos outros. Não era de espantar que Matt, convencido como era, quisesse fazer parte daquilo.

Um homem de cabelos claros com o braço sujo de sangue saiu de um empurra-empurra e a agarrou.

– Olhem, um troféu! – gritou ele.

Porém, seus companheiros estavam envolvidos demais em sua própria discussão. Usando o cajado para se defender, Kira empurrou o homem para longe e libertou o punho.

– Você não deveria estar aqui – sussurrou Thomas quando ela o alcançou. Eles já estavam quase chegando à lateral da praça, onde tinham visto Matt pela última vez. – Só há homens. E na época da caça eles agem com selvageria.

Kira sabia disso. Notava pelo cheiro, pela hostilidade e pelo barulho que aquele não era lugar para meninas ou mulheres, portanto manteve a cabeça baixa, torcendo para não ser notada e agarrada novamente.

– Lá está Toquinho! – Ela apontou para o cãozinho, que a reconheceu e balançou o rabo. – Matt deve estar por perto!

Ao lado de Thomas, abriu caminho e chegou até o amigo, que ainda se exibia com a lança. A ponta afiada da arma estava perigosamente próxima dos outros

pequenos.

– Matt! – chamou ela com uma voz enfezada.

Ele a viu, acenou e abriu um sorriso.

– É Mattie agora!

Furiosa, Kira agarrou o cabo da lança logo acima da mão dele.

– Ainda falta muito para você ter duas sílabas, Matt. Thomas, segure isto.

Ela tirou a lança de Matt e a entregou com cuidado para o Entalhador.

– Não falta nada! – exclamou Matt, risonho e orgulhoso. – Olha aqui! Já tenho até pelo de homem!

O rapazinho levantou os dois braços sobre a cabeça para explicar a piada: suas axilas estavam cobertas de algum tipo de planta.

– O que é isso? – Ela enrugou o nariz. – Como fede! – Tocou a planta, arrancou um pouco e começou a rir. – Matt, isto é erva-do-pântano. Onde estava com a cabeça para se lambuzar todo com esta coisa horrível? – questionou ela ao notar que ele havia espalhado aquilo no peito também.

Thomas entregou a lança para um homem, que a agarrou sem titubear. Ele baixou os olhos para Matt, que agitava os ombros para se desvencilhar de Kira.

– Você parece um menino-lobo! O que me diz, Kira? Parece que está na hora de mostrarmos o banheiro para Matt! Não acha que devemos lhe dar um bom banho e lavar esta segunda sílaba dele?

Ao ouvir a palavra "banho", Matt se debateu mais ainda, tentando se libertar. Thomas e Kira o seguraram juntos e ele acabou por permitir que o Entalhador o carregasse sobre os ombros, erguendo-o acima da multidão.

Como a fascinante e perigosa lança tinha sido levada, o jovem grupo de admiradores de Matt se dispersou. Matt gritava "Vejam, vejam, sou o menino-lobo!", mas ninguém olhou ou deu importância. Ela encontrou Toquinho em meio à confusão de pernas e o apanhou para evitar que fosse pisoteado. Carregando o cão debaixo do braço livre, Kira apoiou-se no cajado e seguiu Thomas; eles contornaram a multidão e voltaram ao silêncio dos corredores do edifício.



Kira ficou ouvindo, às gargalhadas, os uivos e lamentos de Matt e Toquinho enquanto Thomas os esfregava sem dó na banheira de seu quarto.

– Não! Meu cabelo, não! – protestou Matt quando Thomas despejava água sobre a sua cabeleira desgrenhada. – Ocê tá me afogando!

Por fim, Matt apareceu com o rosto rosado e uma expressão de derrota, o cabelo lavado preso em uma toalha e o corpo limpo envolvido em um cobertor. Ele dividiu uma refeição com Kira e Thomas. Toquinho sacudiu-se rapidamente, como se tivesse acabado de brincar em um riacho, então acomodou-se no chão e pôs-se a comer as migalhas que lhe eram dadas.

Matt cheirou desconfiado a própria mão e fez uma careta.

– Esse sabão é ruim pra danar. Mas gostei da comida – comentou, tornando a encher o prato.

Depois do jantar, Kira penteou o cabelo de Matt, que reclamou aos berros. Ao término, segurou um espelho na frente dele. Espelhos também tinham sido uma novidade para ela e mostravam uma imagem diferente dos reflexos no riacho, o único lugar onde já se tinha visto. Matt examinou a própria imagem com interesse, enrugando o nariz e erguendo as sobrancelhas. Ele mostrou os dentes, rosnou para o espelho e olhou para Toquinho, que dormia debaixo da mesa.

– Sou brabo à beça – anunciou Matt, convencido. – Ocê queria me afogar, mas eu não deixei de tão brabo que sou.

Por fim, tornaram a vesti-lo com as roupas esfarrapadas. Ele baixou os olhos para o próprio corpo. Então, esticou a mão de repente para pegar a tira de couro em volta do pescoço de Kira.

– Me dá.

Ela recuou, irritada.

– Não, Matt – negou Kira, soltando o colar da mão do menino. – Não se pega as coisas assim. Se quiser alguma coisa, deve pedir antes.

– "Me dá" é pedir – argumentou ele, intrigado.

– Não, não é. Você precisa aprender a se comportar. De qualquer forma, você não pode ficar com ele. Eu lhe disse que é especial.

– Um presente.

– Isso. Um presente do meu pai para minha mãe.

– Pra ele ser a pessoa preferida dela.

Kira riu.

– Talvez sim. Mas ele já era a pessoa preferida da minha mãe.

– Eu quero um presente. Nunca me deram nenhum.

Thomas e Kira riram e lhe deram a barra de sabão, que ele guardou solenemente no bolso. Então eles o deixaram ir embora. Àquela altura, os homens e as lanças já haviam partido. Os dois observaram da janela o pequeno vulto, seguido pelo seu cão, atravessar a praça deserta e desaparecer noite adentro.

Sozinha com Thomas, Kira tentou explicar, hesitante, o alerta que havia recebido de seu bordado:

– Ele me faz sentir algo em minha mão. Olhe.

Tirou-o do bolso e segurou-o contra a luz. Mas ele estava inerte. Conseguia sentir uma espécie de conforto e silêncio emanar do tecido, mas nada como a tensão que o fizera pulsar mais cedo. Ficou decepcionada ao ver que agora ele parecia um mero pedaço de pano; queria que Thomas entendesse.

Ela suspirou.

– Desculpe. Ele parece sem vida, eu sei. Mas às vezes...

– Talvez só você seja capaz de sentir. Deixe-me mostrar o meu pedaço de madeira para você.

Thomas foi até uma prateleira que havia sobre a sua mesa, onde mantinha as ferramentas, e apanhou um pedaço de pinho de cor clara pequeno o bastante para caber na palma da mão. Kira podia ver que ele era decorado com desenhos complexos, que se entrelaçavam ao seu redor em curvas rebuscadas.

– Você entalhou isso quando era apenas um pequeno? – perguntou ela, assombrada.

Nunca tinha visto nada tão extraordinário. As caixas e ornamentos sobre a sua mesa de trabalho, por mais bonitos que fossem, eram muito mais simples do que aquela pequena peça.

Thomas balançou a cabeça, negando.

– Apenas dei início. Estava aprendendo a usar as ferramentas. Comecei a experimentá-las neste toco de madeira que tinha sido jogado fora. E ele...

Thomas hesitou. Olhou para a madeira como se ainda fosse um mistério.

– Ele se entalhou sozinho? – perguntou Kira.

– Isso. Pelo menos foi o que pareceu.

– Como aconteceu comigo.

– Por isso entendo quando você diz que o bordado fala com você. A madeira também fala comigo. Consigo sentir na minha mão. Às vezes ela...

– Alerta você? – indagou Kira, lembrando-se de como o retalho tinha parecido ficar tenso e agitado.

Thomas fez que sim com cabeça.

– E ela me acalma. Eu vim para cá muito novo e às vezes me sentia muito sozinho e assustado. Mas a sensação da madeira me tranquilizava.

– Sim, o bordado também me acalma às vezes. Eu tive medo no começo, igual a você, quando tudo ainda era novidade. Mas segurar o pano me reconfortava. – Ela pensou por um instante, tentando imaginar como a vida no Edifício devia ter sido para Thomas. – Acho que é mais fácil para mim porque não estou sozinha como você estava. Jamison vem todos os dias conferir meu trabalho. E tenho você logo do outro lado do corredor.

Os dois amigos ficaram calados por um tempo. Então, Kira guardou o retalho no bolso e levantou-se da cadeira.

– Preciso voltar para o meu quarto. Ainda tenho muita coisa para fazer. Obrigada por ter me ajudado com Matt. Ele é muito levado, não é?

Thomas concordou com um sorriso enquanto recolocava o pedaço de madeira entalhada na prateleira.

– Levado pra danar – disse ele, e os dois riram carinhosamente de seu pequeno amigo.

11

Kira chegou correndo, trêmula, à clareira onde ficava a pequena cabana de Annabella.

Ela estava sozinha naquela manhã. Matt a acompanhava de vez em quando, mas ficava entediado com a velha tintureira e suas instruções intermináveis. Era mais comum que ele e seu cão estivessem em outro lugar, inventando aventuras. Além do mais, Matt ainda estava ofendido por causa do banho; seus colegas tinham rido muito ao vê-lo tão limpo.

Naquela manhã, sozinha, havia sentido medo pela primeira vez.

– Qual é o problema? – perguntou Annabella, que estava junto à fogueira.

Ela devia ter se levantado antes do amanhecer para o fogo estar tão quente àquela hora. Ele crepitava e cuspia faíscas debaixo do enorme caldeirão de ferro. Mas o sol mal tinha nascido quando Kira saíra de casa.

Recuperando o fôlego, Kira atravessou mancando os jardins até a velha, suando à medida que o calor das chamas pulsava e brilhava no ar. Havia uma aura de segurança ali, sentiu Kira. Ela forçou o corpo a relaxar.

– Vejo que ocê tá com medo – observou a tintureira.

– Uma fera me seguiu pela trilha – explicou Kira, tentando respirar normalmente. O pânico começava a diminuir, mas ela ainda se sentia tensa. – Eu a ouvi se mexer nos arbustos. Escutei passos e às vezes ela rosnava.

Para sua surpresa, Annabella riu. A velha sempre tinha sido gentil e paciente com ela. Por que riria de seu medo?

– Não posso correr – explicou Kira –, por causa da minha perna.

– Não tem motivo pra correr. – Annabella mexeu a água dentro do caldeirão, cuja superfície começava a exibir bolhas pequenas aqui e ali. – Vamos ferver equináceas pra conseguir um verde-amarronzado. Só as cabeças das flores. As folhas e talos dão o dourado. – Ela indicou com a cabeça um saco no chão, cheio de cabeças de flores.

Kira apanhou o saco. Depois que testou a água com uma vareta e meneou a cabeça, Annabella o esvaziou dentro do caldeirão. As duas observaram juntas a

mistura começar a ferver. Então, a tintureira largou a vareta no chão.

– Entre – pediu a velha. – Vou fazer um chá procê se acalmar.

Ela apanhou uma chaleira de uma fogueira menor e a carregou para dentro da cabana.

Kira a acompanhou. Ela sabia que as flores precisariam ferver até o meio-dia e depois continuar em infusão na água por várias horas. Extrair as cores era sempre um processo lento. A água de tintura das equináceas só estaria pronta para uso na manhã seguinte.

Por conta do fogo, o quintal onde as tinturas eram feitas já estava abafado e quase sufocante. Mas o interior da cabana, protegido por paredes grossas, estava fresco. Plantas secas, frágeis e de cor bege, pendiam das vigas do teto. Em uma mesa de madeira maciça diante da janela, pilhas de linhas coloridas estavam prontas para ser separadas. Fazia parte do aprendizado de Kira aprender a nomear e separá-las. Ela foi para o seu lugar à mesa de separação, apoiou o cajado na parede e sentou-se. Atrás dela, Annabella despejou água da chaleira sobre folhas secas que havia depositado em duas canecas.

– Este marrom-escuro vem do broto de vara-de-ouro, não é? – Kira ergueu os fios contra a luz que entrava pela janela. – Parece mais claro do que quando está molhado. Mas ainda é um belo tom de marrom. – Ela tinha ajudado a tintureira a preparar os brotos para a infusão alguns dias antes.

Annabella trouxe as canecas à mesa. Olhou para as linhas nas mãos de Kira e assentiu.

– As varas-de-ouro daqui a pouco vão desabrochar. Vamos usar as flores frescas, não secas, prum amarelo mais forte. E as flores vão ser fervidas por pouco tempo, não tanto quanto os brotos.

Mais gotas de conhecimento para assimilar e guardar na memória. Ela pediria a Thomas para escrever aquilo também. Kira bebericou o chá quente e forte e tornou a pensar no som ameaçador que a havia seguido pela floresta.

– Senti muito medo na minha vinda para cá – confessou ela. – É verdade, Annabella, eu não consigo correr. Minha perna não presta para nada. – Kira baixou os olhos para o membro defeituoso, envergonhada.

A velha deu de ombros.

– Ela te trouxe até aqui.

– Sim, e sou grata por isso. Mas sou muito lenta. – Kira alisou a caneca de barro, pensativa. – Quando Matt e Toquinho vêm comigo, nada me persegue. Quem sabe Matt não me deixe trazer Toquinho todos os dias? Talvez até um cão pequeno como ele afugente as feras.

Annabella riu.

– Não tem fera nenhuma.

Kira a encarou firme. É claro que nenhuma fera viria àquela clareira, onde sempre havia uma fogueira acesa. E a velha nunca parecia sair dali e atravessar a trilha até o vilarejo. "Tenho tudo o que preciso aqui", dissera ela a Kira certa vez, referindo-se com desprezo ao vilarejo e à sua vida caótica. Mesmo assim, ela tinha quatro sílabas e havia adquirido quatro gerações de sabedoria. Por que soava de repente como uma criança ignorante, fingindo não haver perigo? Como Matt, que batia no peito com arrogância e lambuzava-se com erva-do-pântano para fingir ter "pelo de homem".

Fingir não garantia a segurança de ninguém.

– Eu ouvi o rosnado dela – retrucou Kira em voz baixa.

– Dê nome às linhas – ordenou Annabella.

Kira suspirou.

– Milefólio – começou ela, pousando os fios amarelo-claros ao lado dos marrom-escuros.

A tintureira assentiu, satisfeita. Kira examinou um tom mais forte de amarelo sob a luz.

– Tanásia.

– Não tem fera nenhuma – repetiu a tintureira, sua voz firme.

Kira continuou a separar e nomear as linhas.

– Garança – prosseguiu ela, afagando os fios vermelho-escuros, um de seus tons preferidos. Apanhou as linhas violeta-claras que havia ao lado deles e franziu a testa. – Não conheço esta. É bonita.

– Baga de sabugueiro. Mas a cor não pega bem. Desbota logo, logo.

Kira enrolou os fios violeta em sua mão.

– Annabella, ela rosnou. Rosnou, *sim*.

– Então foi alguém se fazendo de fera – replicou Annabella, inflexível e segura de si. – Alguém que quer que ocê tenha medo da floresta. Não tem fera nenhuma.

Juntas, sem pressa, elas separaram e nomearam as linhas.

Mais tarde, voltando para casa pela floresta silenciosa, sem sons assustadores dos arbustos cerrados que ladeavam a trilha, Kira se perguntou quem poderia tê-la seguido e por quê.

– Thomas, você já viu uma fera? – perguntou Kira durante o jantar.

– Viva, não.

– Então já viu uma morta?

– Todos já vimos. Quando os caçadores as trazem para o vilarejo. Não se lembra de poucas noites atrás? Eles as trouxeram depois da caçada. Tinha uma pilha enorme delas lá no quintal do açougueiro.

A lembrança fez Kira enrugar o nariz.

– Fedia muito... Mas, Thomas...

Ele esperou pela pergunta. Para a refeição daquela noite, havia carne com um molho espesso e batatinhas assadas.

Kira apontou para a carne no próprio prato.

– Foi *isto* que os caçadores trouxeram. É lebre, eu acho. – Thomas assentiu e ela acrescentou: – Tudo o que os caçadores trouxeram até hoje era assim. Coelhos selvagens. Algumas aves. Nunca houve nada, bem, nada muito grande.

– Já trouxeram cervos. Eu vi dois no açougue.

– Mas cervos são animais dóceis e medrosos. Os caçadores não trazem nada com garras ou presas. Nunca apanham nada que pudéssemos chamar de fera.

Thomas sentiu um calafrio.

– Sorte nossa. Feras são mortais.

Kira pensou em seu pai. Levado pelas feras.

– Annabella diz que não existem feras – confidenciou ela.

– Não existem? – indagou Thomas, intrigado.

– Foi o que ela disse: "Não tem fera nenhuma."

– Ela fala igual a Matt?

Thomas não conhecia a velha tintureira.

– Um pouco. Talvez ela tenha crescido no Brejo.

Eles comeram em silêncio por alguns instantes. Por fim, Kira repetiu a pergunta:

– Então quer dizer que você nunca viu uma fera de verdade?

– Não – admitiu Thomas.

– Mas deve conhecer alguém que tenha visto.

Ele pensou um pouco e balançou a cabeça.

– E você?

Kira olhou para a mesa. Sempre tivera dificuldade em falar no assunto, até mesmo com a mãe.

– Meu pai foi levado pelas feras.

– Você viu? – indagou ele, chocado.

– Não. Eu ainda não tinha nascido.

– E sua mãe viu?

Ela tentou se lembrar do relato da mãe.

– Não. Ela também não. Ele tinha ido caçar. Todos dizem que era um excelente caçador. Mas não voltou. Deram a notícia para a minha mãe, falaram que ele foi atacado e levado pelas feras durante a caçada. – Ela o encarou, confusa. – Mas Annabella afirma que elas não existem.

– Como ela poderia saber? – perguntou ele, cético.

– Ela tem quatro sílabas, Thomas. Os que vivem até as quatro sílabas sabem tudo o que há para saber.

Thomas aquiesceu, então bocejou; havia trabalhado duro o dia inteiro. Suas ferramentas ainda estavam espalhadas sobre a mesa de trabalho: pequenos cinzéis para reentalhar meticulosamente a madeira, remodelando as partes gastas e lisas do cajado elaborado que o Cantor usava. Era um serviço árduo que não permitia erros. Thomas contava que muitas vezes sua cabeça doía e ele precisava parar diversas vezes para descansar os olhos.

– Vou embora para você poder descansar – falou Kira. – Preciso guardar meu trabalho também antes de ir para a cama.

Ela voltou ao seu quarto na outra ponta do corredor e dobrou a túnica que ainda estava sobre a mesa. Depois de voltar da floresta, havia passado a tarde trabalhando nos bordados. Mostrara seu serviço a Jamison, como fazia todos os dias, e ele assentira, satisfeito. Agora Kira também estava cansada. As longas caminhadas até a cabana da tintureira eram extenuantes, mas ao mesmo tempo o ar fresco a revigorava. Thomas deveria sair mais, pensou ela, e então riu de si mesma; parecia uma mãe chata.

Após tomar um banho (como ela gostava da água quente agora!), Kira vestiu a camisola simples que lhe era trazida limpa todos os dias. Foi até a caixa entalhada e levou o pedaço de tecido bordado consigo para a cama. Esperando o sono chegar, pensou na coisa que tinha ouvido nos arbustos da trilha e voltou a sentir medo.

Será verdade que não existem feras?, perguntava-se, e sua mente respondeu com um sussurro enquanto o bordado se enroscava, quente, na palma da mão.

Não tem fera nenhuma.

Mas e o meu pai, ele não foi levado por elas? Kira estava pegando no sono; as palavras deslizavam, escorregadias, de seus pensamentos. Ela sonhou com a pergunta, sua respiração suave e constante contra o travesseiro.

O bordado lhe deu uma espécie de resposta, mas que não passava de um leve tremular, como uma brisa da qual Kira não se lembraria ao acordar no dia seguinte. O pedaço de tecido lhe contou algo sobre o seu pai – algo importante, fundamental

–, mas o conhecimento se perdeu no sono, oscilando através dele como um sonho, e pela manhã ela já nem sabia que ele estivera ali.

12

Quando o sino tocou para despertar todos, Kira acordou com uma sensação de que algo havia mudado: notava uma diferença, mas não identificava o que era. Ficou sentada à beira da cama por alguns momentos, pensativa. Como não conseguiu assimilar o que quer que fosse, acabou desistindo. Às vezes, ela sabia, memórias perdidas e sonhos esquecidos voltavam mais facilmente se você os afastasse da cabeça.

Lá fora, caía uma tempestade. O vento balançava as árvores e soprava uma chuva forte contra o edifício. O chão duro tornara-se um lamaçal da noite para o dia e era óbvio que Kira não poderia ir à cabana da tintureira. *É até melhor*, pensou ela: há tanto trabalho a fazer na túnica e o início do outono, a época da Congregação, já se aproxima. Ultimamente, era comum Jamison passar duas vezes por dia para conferir os progressos que ela vinha fazendo. Parecia apreciar seu trabalho.

– Aqui – indicara ele na antevéspera, correndo a mão pelo longo espaço não decorado – é onde você começará o seu próprio trabalho. Depois da Congregação deste ano, depois que tiver concluído a restauração, terá toda esta parte para trabalhar por anos e anos.

Kira tocara aquele trecho, tentando determinar se seus dedos sentiriam a mágica ali. Mas sentira apenas o vazio. Uma necessidade não suprida.

Ele parecera notar sua insegurança e a tranquilizara:

– Não se preocupe, nós vamos explicar a você o que queremos que seja retratado aqui.

Kira havia ficado calada. Em vez de acalmá-la, suas palavras a deixaram aflita. Ela não precisaria de instruções, mas da magia.

Kira pensou de repente: *Jamison! Posso perguntar a ele sobre as feras!* Ele tinha dito que estivera com o grupo de caçadores naquele dia, que vira seu pai morrer.

E talvez ela também pudesse perguntar a Matt. Rebelde do jeito que era, sem dúvida o menino havia cruzado os limites do vilarejo e ido a lugares aos quais nenhum pequeno deveria ir. Ela riu baixinho, pensando em como Matt era levado.

Ele espiava tudo, sabia de tudo. Se não o tivessem impedido, teria ido à caça com os homens e se colocado em perigo. Talvez já tivesse feito isso antes.

Talvez tivesse visto as feras.

Quando o cuidador chegou com o café da manhã, Kira pediu que as luzes fossem acesas. A tempestade deixava o quarto escuro, mesmo junto à janela onde ela se sentava para trabalhar. Por fim, acomodou-se diante da túnica estendida e armou o tear em volta da mais recente seção a ser reparada. Como já fizera tantas vezes, deixou seus olhos e dedos acompanharem a complexa história do mundo retratada na vestimenta: o ponto de partida, consertado havia muito tempo, com a água verde, as feras negras à sua margem e homens que sangravam, feridos durante a caça. Mais adiante, vilarejos surgiam, com vários tipos de moradias; pontos curvos representando fumaça de fogueiras eram bordados em tons arroxeados e opacos de cinza. Por sorte, aquela parte não precisava de reparos, pois Kira não tinha as linhas adequadas. Ela achava que aquela tintura era obtida do manjericão; Annabella já contara que era difícil trabalhar com aquela planta e que ela manchava terrivelmente as mãos.

Em seguida, vinham os bordados complexos e espiralados do fogo em tons de laranja, vermelho e amarelo. Aquelas chamas apareciam em várias seções da túnica, um padrão repetitivo de destruição, e em meio aos pontos intrincados e luminosos, feitos de linhas flamejantes, vorazes, Kira via figuras humanas: pessoas consumidas pelo fogo, seus pequenos vilarejos em escombros. Mais à frente, até mesmo cidades maiores e muito mais majestosas ardiam e eram devastadas por incêndios implacáveis. Em algumas partes da veste, era como se mundos inteiros estivessem chegando ao fim. Mas, logo depois dessas catástrofes, sempre surgia uma nova vida. Novas pessoas.

Ruína. Reconstrução. Ruína outra vez. Renascimento. Kira corria a mão por cenas em que cidades cada vez maiores surgiam, uma mais magnífica do que a outra, seguidas por calamidades igualmente maiores e mais devastadoras. O ciclo era tão regular que assumia um padrão claro, descrevendo um movimento de subida e descida, como uma onda. Desde o seu início no pequeno canto que trazia a primeira ruína, ele se expandia sucessivamente. As chamas aumentavam de tamanho, acompanhando a evolução dos vilarejos. Tudo ainda era minúsculo, criado a partir dos menores pontos e combinações de pontos, mas ela podia notar o padrão de crescimento e como cada destruição era pior do que a anterior, e cada reconstrução, mais trabalhosa.

Os trechos de serenidade, no entanto, eram lindos. Flores em miniatura e uma infinidade de tons vicejavam por pradarias rajadas de luz do sol feita de linhas

douradas. Figuras humanas se abraçavam. Os motivos dos tempos de paz pareciam de uma imensa tranquilidade se comparados ao caos angustiante dos outros.

Acompanhando com o dedo as nuvens brancas e tingidas de rosa recortadas contra os céus claros cinzentos ou esverdeados, Kira tornou a desejar ter o azul. A cor da paz. O que Annabella tinha dito mesmo? "Eles têm azul praqueles lados"? O que isso queria dizer? Quem eram *eles*? E onde era *praqueles lados*?

Mais perguntas sem respostas.

Grandes lençóis d'água batiam contra a janela, distraindo-a. Kira suspirou e ficou olhando as árvores se curvarem e balançarem ao vento. Um trovão sussurrou ao longe.

Ela se perguntou o que Matt fazia naquele clima. Sabia que as pessoas comuns – as que viviam nos arredores de seu antigo casebre – estariam dentro de casa: os homens, mal-humorados e irritadiços; as mulheres, reclamando sem parar porque o mau tempo as impedia de fazer as tarefas habituais. Os pequenos, confinados, brigariam e então chorariam por causa dos tapas dados pelas mães.

A vida de Kira com a mãe viúva e afetuosa tinha sido diferente. Mas também a havia isolado dos demais e lhe rendido inimizades, como Vandara.

– Kira? – chamou Thomas, batendo à porta.

– Entre.

Ele obedeceu e parou em frente à janela, observando a chuva.

– O que será que Matt está aprontando nesta chuva? – perguntou Kira.

Thomas riu.

– Bem, eu posso matar sua curiosidade. Ele está terminando de comer meu café da manhã. Chegou hoje mais cedo, todo encharcado. Disse que a mãe o expulsou de casa porque ele estava fazendo muita bagunça. Mas acho que na verdade ele só queria o meu café da manhã.

– Toquinho também?

– É claro.

Como se em resposta, soaram as patas do cão no corredor e Toquinho apareceu diante da porta com a cabeça torta, as orelhas empinadas, abanando alegremente o rabo. Kira se ajoelhou e coçou atrás da sua orelha.

– Kira? – Thomas continuava a observar a chuva pela janela.

– Humm? – Ela ergueu os olhos.

– Ouvi aquilo de novo na noite passada. Desta vez, tenho certeza. O som de uma criança chorando. Parecia vir do andar de baixo.

Thomas parecia realmente preocupado.

– Estava pensando, Kira... – começou ele, hesitante. – Você iria comigo explorar um pouco? Talvez seja só o barulho do vento.

Era verdade que o vento lá fora não dava trégua. Galhos de árvores açoitavam as laterais do prédio e folhas eram sopradas para longe. O som da tempestade, no entanto, não era nada parecido com o de uma criança chorando.

– Não pode ter sido um animal? Já ouvi gatos miando tão alto que pareciam bebês com cólicas.

– Um gato? – repetiu Thomas, não muito convencido. – Bem, talvez.

– Ou um filhote de bode? O balido deles parece um choro.

Thomas balançou a cabeça.

– Não era um bode.

– Bem, ninguém nunca falou que não podemos explorar o edifício. Pelo menos não para mim.

– Para mim também não.

– Então está bem, eu vou com você. A luz está péssima para trabalhar esta manhã mesmo. – Ela se levantou e Toquinho abanou o rabo, ansioso. – E quanto a Matt? Acho que podemos levá-lo junto, não?

– Me levar junto pra onde? – Matt apareceu diante da porta, com os cabelos úmidos e os pés descalços. Seu queixo estava sujo de farelos, havia geleia nos cantos da boca e ele usava uma camisa grande demais que pertencia a Thomas. – A gente vai embarcar numa aventura?

– Matt? – Kira lembrou o que queria perguntar a ele. – Você já viu uma fera? Uma de verdade?

O rosto do menino se iluminou.

– Bilhões e bilhões delas.

Ele fez uma cara feroz, arreganhando os dentes. Soltou um rugido e seu cão pulou para longe dele, assustado.

Kira revirou os olhos e encarou Thomas.

– Aqui, Toquinho. – Abandonando o disfarce de fera, Matt se agachou ao lado do cachorro, que se aproximou e pôs-se a cheirá-lo. – Toma esses restinhos. – Ele sorriu enquanto o cão lambia os restos do café da manhã de seu rosto.

– Sim, nós vamos embarcar numa aventura. – Kira estendeu a capa protetora sobre a túnica. – Pensamos em explorar um pouco o edifício. Nunca fomos ao andar de baixo.

Matt arregalou os olhos diante da perspectiva de uma exploração.

– Eu ouvi um barulho ontem à noite – explicou Thomas. – Não deve ser nada, mas achamos melhor dar uma olhada assim mesmo.

– Quando tem barulho é sempre *alguma coisa* – argumentou Matt.

Com toda razão, pensou Kira.

– Bem, não deve ser nada de mais – consertou Thomas.

– Mas pode ser interessante! – exclamou Matt, irrequieto.

Juntos, e seguidos pelo cão, os três enveredaram pelo corredor em direção às escadas.

13

Geralmente Toquinho corria de um lado para outro, agitado, adiantando-se ao grupo e depois dando meia-volta. Naquela manhã, estava mais cauteloso e mantinha-se por último, limitando-se a segui-los. Os trovões ainda rosnavam lá fora e o corredor era mal iluminado. Thomas ia na frente. As unhas do cachorro tamborilavam o piso de lajotas, os pés descalços de Matt moviam-se silenciosos ao lado, o cajado de Kira produzia um baque surdo a cada passo e sua perna deformada se arrastava ruidosamente.

Como no andar de cima, onde eles viviam, aquele era apenas um corredor vazio ladeado de portas de madeira fechadas.

Thomas dobrou uma quina e deu um pulo para trás, como se algo o tivesse assustado. Os outros, até mesmo o cachorro, pararam no ato.

– Shhhh – Thomas pediu silêncio, levando o dedo à boca.

Mais adiante, depois da curva, eles ouviram passos. Então uma batida, uma porta sendo aberta e uma voz. Embora não pudesse ouvir com clareza, ela pareceu familiar a Kira.

– É Jamison – avisou ela a Thomas, mas apenas mexendo a boca, sem fazer barulho.

Ele assentiu e voltou a olhar para além da curva.

Ocorreu a Kira que Jamison fora seu defensor, inclusive responsável por ela estar ali, naquela nova vida. No fundo, não havia por que se esconder nas sombras do corredor. Mesmo assim, sentia um estranho medo.

Aproximou-se de Thomas na ponta dos pés e inclinou-se ao lado dele. Os dois viram que uma das portas estava aberta. Um burburinho indistinto vinha de dentro do aposento. Uma das vozes era a de Jamison. A outra era de uma criança.

A criança chorou um pouco.

Jamison falou algo.

Então, para a surpresa deles, a criança começou a cantar.

Sua voz límpida e aguda ergueu-se no ar. Não havia palavras, apenas a voz, quase como um instrumento musical de tão clara. Ela subiu, estabilizou-se em uma nota

alta e ficou pairando ali por muitos segundos.

Kira sentiu algo puxar sua saia. Olhou para baixo e viu Matt com os olhos arregalados. Gesticulou para o menino, mandando-o ficar calado.

A cantoria se interrompeu de repente e a criança voltou a chorar.

Eles ouviram a voz de Jamison, agora ríspida. Kira nunca o escutara falar daquela forma.

A porta se fechou com força e as vozes foram silenciadas.

Matt continuava a puxá-la e Kira se agachou para ouvi-lo sussurrar, aflito:

– É a minha amiga. Bem, nem tão amiga assim, porque eu e meus colegas não gostamos de pequena nenhuma. Mas eu conheço ela. Ela mora no Brejo.

– A que estava cantando? – perguntou Thomas.

Matt aquiesceu, empolgado.

– O nome dela é Jo. Ela tá sempre cantando no Brejo. Nunca tinha ouvido ela chorar daquele jeito, nunquinha.

– Shhh. – Kira tentou fazer Matt baixar o tom de voz, mas ele tinha dificuldade em sussurrar. – Vamos voltar. Podemos conversar no meu quarto.

Toquinho foi na frente, feliz por estar saindo dali e entusiasmado com a possibilidade de mais comida no local do café da manhã. Sorrateiramente, eles subiram as escadas e retornaram.

Na segurança dos aposentos de Kira, Matt empoleirou-se na cama com os pés balançando e contou-lhes sobre a garota cantante.

– Ela é menor que eu. – Matt saltou rapidamente para o chão e posicionou a mão ao lado do próprio ombro. – É mais ou menos desta altura aqui. E todo mundo lá no Brejo fica feliz à beça de ouvir ela cantar.

Ele voltou a subir na cama; Toquinho saltou para o lado dele e enroscou-se no travesseiro de Kira.

– Mas por que ela está aqui? – questionou Kira, intrigada.

Matt deu de ombros de forma exagerada.

– Ela é órfã agora. A mãe e o pai dela morreram.

– Os dois? Ao mesmo tempo?

Kira e Thomas se entreolharam. Os dois sabiam o que era perder os pais. Mas tinha acontecido outra vez? Com outra criança?

Matt assentiu, fazendo-se de importante. Estava gostando de ser o mensageiro, o dono das informações.

– Primeiro a mãe dela pegou a doença. Depois, os carregadores levaram a mãe dela pro Campo e o pai dela foi cuidar do espírito. Bem – prosseguiu Matt, com uma falsa expressão de tristeza estampada no rosto –, o pai dela ficou tão triste

sentado lá no Campo que pegou um pedaço de pau grande e pontudo e enfiou bem no coração. – Ao ver a reação chocada que sua história havia causado, ele acrescentou: – Pelo menos é o que todo mundo fala que aconteceu.

– Mas ele tinha uma pequena! Uma garotinha! – exclamou Kira, achando inacreditável que um pai fizesse uma coisa daquelas.

Matt voltou a dar de ombros e refletiu por um instante.

– Talvez ele não gostasse dela – sugeriu o menino, porém logo em seguida franziu a testa. – Mas como ele podia não gostar se ela canta tão bonito?

– E como ela veio parar aqui? – perguntou Thomas. – O que ela está fazendo aqui?

– Me disseram que tinham dado ela pra alguém que queria mais pequenos.

Kira assentiu.

– Órfãos sempre são dados para outra pessoa.

– A não ser que... – falou Thomas lentamente.

– A não ser o quê? – Kira e Matt indagaram juntos.

Ele demorou um instante para responder:

– A não ser que saibam cantar.



Como sempre, Jamison foi ao quarto de Kira mais tarde. A chuva ainda caía lá fora. Matt, destemido, tinha ido embora com o cachorro para encontrar seus colegas, seja lá onde estivessem eles com aquele tempo. Assim como Thomas, Kira havia voltado aos próprios aposentos, bordando meticulosamente durante toda a tarde com a ajuda das lamparinas extras acendidas pelo cuidador. A interrupção de Jamison foi bem-vinda. A cuidadora trouxe chá e eles se sentaram juntos, como dois amigos, enquanto a chuva fustigava as janelas.

Ele examinou seu trabalho com atenção, como de hábito. Kira já se familiarizara com seu rosto vincado e agradável. Analisando as dobras da túnica estendida, ele falava com uma voz atenciosa e gentil.

Porém, a lembrança do tom ríspido dos seus murmúrios no andar de baixo impediu Kira de lhe perguntar sobre a criança cantora.

– Seu trabalho é extraordinário – elogiou Jamison.

Ele se inclinou para a frente, avaliando a seção finalizada havia pouco tempo, onde Kira reproduzira nos mínimos detalhes as diferenças sutis entre os vários tons

de amarelo e preenchera uma área de fundo com pequenos pontos de bordado que formavam uma textura.

– Melhor que o trabalho da sua mãe, embora o dela também fosse excelente – comentou Jamison. – Foi ela quem lhe ensinou os pontos?

– Sim, a maioria deles.

Kira não queria lhe contar como outros pareciam ter vindo a ela naturalmente, sem que ninguém a ensinasse. Não desejava soar arrogante.

– E Annabella, as tinturas – acrescentou ela. – Ainda estou usando muitas linhas dela, mas comecei a fazer as minhas próprias lá na cabana.

– Ela sabe tudo o que há para saber, aquela senhora – falou Jamison, e olhou para a perna de Kira, claramente preocupado. – A caminhada até lá não é muito árdua para você? Um dia teremos a fogueira e os caldeirões aqui para o seu uso. Estou pensando em preparar um espaço logo aqui embaixo. – Ele gesticulou para a janela, indicando uma área entre o edifício e a beira da floresta mais à frente.

– Não. Eu sou forte. Mas... – Ela hesitou.

– O quê?

– Às vezes tenho medo do caminho. A floresta é muito próxima dele.

– Não há nada a temer ali.

– Tenho medo das feras.

– Com toda razão. Mas basta nunca desviar da trilha. As feras nunca se aproximarão dela.

– Ouvi rosnados um dia desses – confessou Kira, arrepiando-se um pouco diante da lembrança.

– Não há o que temer desde que você não se desvie do caminho.

– Annabella disse a mesma coisa. Ela me falou que não há motivo para ter medo.

– Ela fala com a sabedoria das quatro sílabas.

– Mas, Jamison? – Por algum motivo, ela hesitava em lhe contar isto. Talvez não quisesse questionar a sabedoria de uma anciã. Mas, encorajada pelo interesse e preocupação de Jamison, repetiu o que a velha tintureira lhe dissera com tanta certeza: – Ela afirmou que as feras não existem.

Ele fitou Kira com um olhar estranho. A expressão em seu rosto parecia uma mistura de espanto e raiva.

– Ela disse que as feras não existem?

– Ela falou "Não tem fera nenhuma" várias vezes.

Jamison largou as seções da túnica que vinha analisando sobre a mesa.

– Ela é muito velha – replicou ele com firmeza. – É perigoso que fique falando esse tipo de coisa. A mente dela está começando a devanear.

Kira olhou pare ele, desconfiada. Havia semanas vinha trabalhando com a tintureira. A lista de plantas, as várias caraterísticas de cada uma delas, os detalhes dos processos de tingimento, todo aquele conhecimento tão vasto e complexo... estava tudo ali, de forma clara e integral. Kira não tinha visto o menor sinal, o menor vestígio de uma mente delirante.

Será que a velha sabia de algo que ninguém mais sabia – nem mesmo alguém tão poderoso quanto Jamison?

– Você já *viu* alguma fera? – indagou Kira, titubeante.

– Muitas, muitas vezes. A floresta está cheia delas. Nunca vá além dos limites do vilarejo. *Não* saia da trilha.

Kira o encarou. Era difícil decifrar a expressão dele, mas sua voz soava firme e segura.

– Não se esqueça disso, Kira. Eu vi seu pai ser levado pelas feras. Foi uma coisa terrível. Pavorosa.

Jamison suspirou e afagou a mão dela com carinho. Então, virou-se para ir embora.

– Você está fazendo um ótimo trabalho – tornou a elogiar.

– Obrigada – murmurou Kira.

Ela enfiou a mão no bolso, ainda sentindo o toque de Jamison. Seu pedaço de pano especial estava ali, dobrado. Ele não lhe trouxe nenhum consolo. Enquanto a porta se fechava, acariciou o bordado, buscando seu conforto, mas ele parecia repelir o seu toque, quase como se quisesse alertá-la de algo.

A chuva continuava a cair sem trégua. Além do barulho dela, Kira teve a impressão de ouvir o choro da criança no andar de baixo.

14

O dia amanheceu ensolarado e Kira acordou sonolenta depois de uma noite maldormida. Tomou cedo o café da manhã e pôs-se a amarrar suas sandálias com cuidado, antecipando a caminhada até a cabana de Annabella. Talvez o ar límpido e mais fresco posterior à chuva a acordasse um pouco e a deixasse mais disposta. Sua cabeça doía.

A porta de Thomas estava fechada. Ele provavelmente ainda dormia. Também não havia som algum vindo do andar de baixo. Kira atravessou as portas do edifício, saboreando a brisa com cheiro de pinho que emanava das árvores ainda brilhantes e molhadas. Ela soprava os cabelos do seu rosto e o cansaço da noite agitada começou a diminuir.

Apoiando-se no cajado, Kira seguiu até o local em que normalmente se saía do vilarejo para pegar a trilha floresta adentro. Os arredores do galpão de tecelagem estavam silenciosos.

– Kira! – gritou uma mulher de dentro do estabelecimento e ela viu que era Marlena.

Ainda era muito cedo, mas ela já estava sentada em seu tear.

Kira sorriu, acenou e se desviou do caminho para cumprimentar a mulher.

– Estamos com saudade de você! Os pequenos que fazem a limpeza pra nós agora são uns imprestáveis. Preguiçosos pra danar! E um ainda roubou meu almoço ontem.

Marlena fez uma careta de indignação. Seus pés desaceleraram no tear e Kira percebeu que ela estava a fim de conversar e fofocar.

– Olha ele aí, aquele pequeno desgraçado!

Um focinho molhado familiar tocou o tornozelo de Kira. Ela esticou a mão para afagar Toquinho e viu Matt sorrindo em sua direção detrás de uma das quinas do galpão.

– Você aí! – gritou Marlena, furiosa, e ele voltou a se esconder.

– Marlena – perguntou Kira, lembrando-se que a mulher vivia no Brejo –, você conhece uma menininha chamada Jo?

– Jo? – Marlena ainda olhava para o outro lado, na esperança de vislumbrar Matt e lhe dar uma bronca. – Ei, você! – tornou a berrar Marlena, mas Matt era esperto demais para responder.

– Isso. Ela costumava cantar.

– Ah, a pequena que cantava! Sim, conheci ela. Não sabia como ela se chamava. Mas a cantoria dela era conhecida no Brejo inteiro. Era como um passarinho, isso sim.

– O que aconteceu com ela?

Marlena deu de ombros. Os pés dela voltaram a desacelerar no tear.

– Levaram ela embora. Deve ter sido dada pra alguém, imagino. Ela ficou órfã, pelo que ouvi falar. – A mulher se inclinou para a frente e sussurrou: – Dizem que ela recebia as canções por magia. Ninguém ensinou ela. As canções, elas vieram do nada.

Seus pés pararam de vez. Ela chamou Kira mais para perto. Furtivamente, como se contasse um segredo, Marlena falou:

– Ouvi dizer que as canções eram cheias de conhecimentos. Ela ainda era uma pequena muito novinha, sabe? Mas, quando cantava, tinha conhecimento de coisas que nem aconteceram ainda! Eu mesma nunca escutei, só ouvi falar.

Marlena riu e seus pés engataram um ritmo veloz no pedal. Kira meneou a cabeça para se despedir dela e se dirigiu para a trilha.

Matt a encontrou ali, surgindo de trás de uma árvore onde se escondera. Kira olhou para trás, mas Marlena estava ocupada com seu tear e já havia se esquecido dos dois.

– Você quer ir comigo esta manhã? – perguntou ela a Matt. – Pensei que achasse chato lá na cabana da tintureira.

– É melhor você não ir hoje – preveniu Matt, muito sério. Então, olhou para o seu cão e caiu na gargalhada. – Olha! O velho Toquinho tá tentando pegar um lagartinho!

Kira olhou e riu também. Toquinho tinha seguido um lagarto pequeno até a base de uma árvore e estava observando, frustrado, o réptil subir pelo tronco e fugir. O cão se apoiou nas duas patas de trás enquanto debatia as da frente no ar. O lagarto o encarava, mostrando-lhe a língua fina e úmida que entrava e saía da sua boca. Kira assistiu à cena por alguns instantes, rindo, então voltou-se outra vez para Matt.

– Como assim, é melhor eu não ir hoje? Já não fui ontem por causa da chuva. Ela está me esperando.

Matt tornou a ficar sério.

– Ela não tá esperando ninguém. Foi pro Campo assim que o sol raiou. Os apanhadores levaram ela. Eu vi.

– Para o Campo? Do que está falando, Matt? Ela não pode ter ido andando da cabana até o Campo! É longe demais! Ela é muito velha! E nunca iria querer fazer isso.

Matt revirou os olhos.

– Eu num falei que ela queria! Eu falei que *levaram* ela! Ela tá morta!

– *Morta?* Annabella? Como isso aconteceu? – perguntou Kira, chocada.

Ela estivera com a velha dois dias antes. As duas haviam tomado chá juntas.

Matt levou a pergunta ao pé da letra.

– Foi assim, ó.

Ele se atirou no chão, esparramando-se de costas com os dois braços esticados, arregalando os olhos e apontando-os para cima com uma expressão vidrada. Toquinho esfregou o focinho em seu pescoço, mas Matt continuou como estava.

Kira ficou olhando, consternada, para a sua imitação grotesca, porém precisa, da morte.

– Não, Matt. Levante daí. Não faça isso.

Matt sentou-se e pôs o cão no colo. Ele inclinou a cabeça e olhou para Kira, curioso.

– Eles devem dar as coisas dela procê.

– Tem certeza de que era Annabella?

– Vi a cara da velha quando levaram ela pro Campo.

Ele voltou a fazer a cara de morte por alguns instantes, com os olhos vidrados.

Kira mordeu o lábio e se afastou da trilha. Matt tinha razão, ela não devia entrar na floresta agora. Mas não sabia para onde ir. Talvez pudesse acordar Thomas. Mas para quê? O Entalhador não tinha sequer conhecido a tintureira.

Por fim, ela deu meia-volta e fitou o Edifício do Conselho. A porta pela qual ia e vinha ficava na ala lateral. A enorme porta da frente era a que havia usado para entrar no prédio no dia do julgamento, tantas semanas atrás. O Conselho dos Guardiões provavelmente não se reuniria naquele dia na câmara ampla. Mas Jamison devia estar lá dentro em algum lugar. Kira decidiu que iria procurá-lo: ele saberia o que havia acontecido e lhe diria o que fazer.

– Não, Matt – falou ela quando o pequeno começou a segui-la.

A expressão dele murchou; tinha pressentido uma aventura.

– Vá acordar Thomas. Conte a ele o que aconteceu. Diga que Annabella morreu e que eu fui atrás de Jamison.

– Jamison? Quem é ele?

Kira se surpreendeu com a ignorância do menino. Jamison se tornara parte tão integrante da sua vida que ela esquecera que Matt não sabia seu nome.

– É o guardião que me levou para o meu quarto naquele primeiro dia. Lembra? Um homem muito alto, de cabelos negros? Você estava conosco. Ele sempre usa um dos entalhes de Thomas. Um muito bonito, no formato de uma árvore.

– Eu vi ele! – afirmou Matt, animado.

– Onde? – Kira olhou ao redor.

Se Jamison estivesse por perto, se pudesse encontrá-lo em alguma das oficinas, não precisaria procurar por ele no Edifício do Conselho.

– Ele tava lá, olhando, andando por perto, quando os apanhadores levaram a velha tintureira pro Campo – explicou Matt.

Então Jamison já sabia.



Os corredores estavam, como sempre, silenciosos e escuros. A princípio, Kira sentiu-se dissimulada e sorrateira, como se devesse andar com o máximo de discrição possível, o que era dificultado pelo cajado e pela perna torta. Então lembrou a si mesma que não estava se escondendo, que não corria perigo. Estava simplesmente à procura do homem que vinha sendo seu mentor desde a morte da mãe. Se quisesse, poderia inclusive chamá-lo na esperança de que ele ouvisse e respondesse. Mas isso parecia inapropriado, portanto Kira continuou seguindo pelo corredor em silêncio.

Como já esperava, o grande auditório estava vazio. Sabia que ele era usado apenas em ocasiões especiais: a Congregação; julgamentos, como o seu próprio; outras cerimônias a que nunca tinha assistido. Kira entreabriu a porta gigantesca, espiou o interior do recinto e virou-se para procurar em outra parte do edifício.

Bateu timidamente em várias portas. Por fim, atrás de uma delas, uma voz respondeu com um "Sim?" ríspido. Ao abri-la, deparou com um cuidador desconhecido ocupado diante de uma mesa, organizando papéis.

– Estou à procura de Jamison – explicou Kira.

– Ele não está aqui – replicou o cuidador, dando de ombros.

Isso ela podia ver.

– Sabe onde ele poderia estar? – perguntou ela educadamente.

– Na ala superior, provavelmente.

O cuidador voltou a encarar seu trabalhos.

Kira sabia que "a ala superior" era onde seus próprios aposentos ficavam. Fazia sentido. Jamison devia estar procurando-a naquele exato momento, para lhe contar sobre a morte da velha. Ela havia saído muito mais cedo do que o normal, pois queria compensar o dia perdido por conta da chuva. Se tivesse esperado, Jamison explicaria tudo e ela não teria se sentido tão assustada e sozinha.

– Desculpe, mas como posso chegar à ala superior daqui sem ter que sair outra vez?

O cuidador gesticulou para a sua esquerda com impaciência.

– Última porta.

Kira agradeceu, fechou a porta da sala atrás de si e foi até o final do longo corredor. A porta não estava trancada e ela se viu diante de uma escada familiar. Tinha descido aqueles degraus nas pontas dos pés com Thomas e Matt no dia anterior mesmo, durante a tempestade. Sabia que a escada a levaria de volta ao corredor do andar de cima, onde encontraria seu quarto e o de Thomas.

Parou ali e apurou os ouvidos. O cuidador tinha dito que Jamison devia estar em algum lugar na ala superior, mas ela não escutava barulho algum.

Cedendo a um impulso, em vez de subir a escada até o seu quarto, continuou no primeiro andar. Foi até o canto em que ela e Thomas haviam se escondido. No silêncio do corredor vazio, ela fez a curva e aproximou-se da porta que estivera aberta na tarde anterior.

Colou a orelha à madeira e pôs-se a escutar. Mas não havia choro ou canto algum.

Depois de alguns instantes, experimentou a maçaneta. A porta estava trancada. Por fim, bateu muito de leve.

Ouviu um farfalhar vindo lá de dentro, então o som abafado de pequenos passos em um chão descoberto.

Tornou a bater bem fraquinho.

Ouviu um resmungo.

Kira ajoelhou-se diante da porta com dificuldade, por causa da perna aleijada. Mas conseguiu baixar-se até que a boca ficasse na altura do buraco grande da fechadura. Então, chamou o mais baixo possível:

– Jo?

– Eu tô sendo uma boa menina – respondeu uma vozinha cheia de medo, desesperada. – Eu tô praticando.

– Sei que está – disse Kira. Ouvia os soluços baixinhos e trêmulos da menina.

– Sou sua amiga, Jo. Meu nome é Kira.

– Quero minha mãe, por favor – implorou a pequena. Ela parecia muito nova.

Sem saber por quê, Kira pensou no cercado que estava sendo erguido no lugar do seu antigo casebre. Agora os pequenos ficavam presos ali, enclausurados por arbustos espinhosos. Parecia cruel. Mas pelo menos eles não estavam isolados. Tinham uns aos outros e podiam olhar através da folhagem cerrada e ver o cotidiano do vilarejo ao redor.

Por que aquela pequena estava presa em um quarto sozinha?

– Eu já volto – sussurrou ela.

– Ocê vai trazer minha mãe?

A vozinha estava muito perto da fechadura; Kira quase conseguia sentir o hálito da menina.

– Eu já volto – repetiu Kira, sem responder à pergunta. – Jo? Preste atenção.

A pequena fungou. Longe dali, no andar de cima, Kira ouviu uma porta se abrir.

– Preciso ir – sussurrou Kira com a voz firme. – Mas ouça, Jo: eu vou ajudar você, prometo que sim. Agora fique quietinha. Não conte a ninguém que eu estive aqui.

Ela se levantou depressa. Apanhando o cajado, seguiu de volta para a escada. Quando chegou ao segundo andar e fez uma curva, viu Jamison parado diante da porta aberta do seu quarto. Ele se aproximou, cumprimentou-a com um ar de compaixão e deu-lhe a notícia da morte de Annabella.

Subitamente desconfiada, Kira não falou nada sobre a criança no andar de baixo.

15

– Olhe! Eles estão montando um espaço para eu tingir as linhas.

Era meio-dia. Kira apontou para a área abaixo da sua janela, um pequeno terreno entre o Edifício e os limites da floresta. Thomas veio à janela olhar. Peões de obra erguiam uma estrutura que Kira reconhecia ser uma cabana; debaixo do seu teto, varas longas para pendurar os fios e linhas para secar já estavam instaladas.

– É melhor do que qualquer coisa que ela teve na vida – murmurou Kira, lembrando-se de Annabella com saudades. – Vou sentir falta dela.

Tudo tinha acontecido muito depressa. A morte tão repentina de Annabella e, apenas um dia depois, o novo local de tingimento estava sendo construído.

– O que é aquilo? – Thomas apontou.

Ao lado da construção, os peões cavavam um poço raso. Um suporte para pendurar caldeiras estava sendo fincado no chão ao seu redor.

– Vai ser para a fogueira. É preciso que o fogo esteja sempre bem alto para ferver as tinturas.

Dando as costas à janela, Kira suspirou e disse:

– Ai, Thomas, eu nunca vou conseguir me lembrar de como fazer tudo.

– É claro que vai. Eu anotei tudo o que você me disse. Só precisamos repetir e repetir até você decorar. Olhe! O que é aquilo que eles estão trazendo?

Kira viu que os homens empilhavam plantas secas ao lado da nova cabana.

– Devem ter trazido todas as plantas que Annabella tinha pendurado para secar nas vigas da cabana dela. Então pelo menos eu terei por onde começar. Acho que me lembro de todos os nomes, isto é, se não os misturei na minha cabeça por pura ignorância.

Ela riu ao ver um dos peões pousar no chão um pote tapado e desviar o rosto com uma careta de nojo.

– É o mordente. O cheiro é horrível.

Ela não queria contar a Thomas que aquilo era apenas um pote cheio de mijo, um ingrediente surpreendentemente essencial na produção de tinturas.

Os trabalhadores tinham começado a chegar bem cedo naquela manhã, trazendo panelas, plantas e equipamentos, enquanto Jamison descrevia os acontecimentos do dia anterior. Havia sido uma morte súbita, explicara ele, algo comum entre aqueles de idade mais avançada. Annabella tinha dormido, tirado um cochilo em um dia chuvoso, e nunca mais acordara. Isso era tudo. Não havia mistério.

Talvez ela tivesse sentido que já terminara de ensiná-la, sugerira Jamison com um ar solene. Às vezes, era assim que a morte chegava: deixar-se ir depois de concluída a tarefa.

– E não houve necessidade de queimar a cabana dela, pois não foi uma doença que a matou. Logo, ela ficará como está. Você pode ir morar lá um dia, se quiser, depois que terminar seu trabalho aqui.

Kira assentiu, aceitando as palavras de Jamison. Então, se deu conta de que o espírito da velha ainda estava em seu corpo.

– Ela vai precisar que alguém vele seu espírito. Posso ir até o Campo e me sentar com ela? Foi o que fiz com a minha mãe.

Jamison negou. O tempo era curto. A Congregação se aproximava. Não podiam perder quatro dias. Kira precisava trabalhar na túnica; outros velariam a velha tintureira.

Kira precisaria lamentar sua morte sozinha.

Depois que Jamison foi embora, ela ficou sentada em silêncio, lembrando-se de como a vida que Annabella escolhera para si tinha sido solitária, de como ela estava isolada do vilarejo. Foi só então que Kira se perguntou: *Mas quem a encontrou? Como sabiam que deveriam ir até lá?*



– Thomas, saia da janela. Preciso lhe contar uma coisa.

Relutante, ele foi até a mesa à qual ela estava sentada, embora parecesse continuar atento ao barulho da construção lá embaixo. *Garotos*, pensou Kira. Eles sempre se interessavam por esse tipo de coisa. Se estivesse por ali, Matt iria querer ficar descalço no meio do canteiro de obras, metendo-se no caminho, tentando ajudar.

– Hoje de manhã... – começou a falar Kira. Então, percebendo que ele a ignorava, exclamou: – Thomas! *Preste atenção!*

Ele sorriu, virou-se para ela e ouviu.

– Eu voltei ao quarto no andar de baixo – prosseguiu Kira –, àquele em que ouvimos a pequena chorar.

– E cantar – lembrou-lhe Thomas.

– Sim. E cantar.

– Segundo Matt, o nome dela é Jo. Viu? Eu estava prestando atenção. Por que você desceu até lá?

– A princípio eu estava procurando por Jamison e acabei indo parar lá embaixo. Então fui até a porta, pois achei que pudesse dar uma espiada para ver se a pequena estava bem. Mas a porta estava trancada!

Thomas assentiu, sem parecer surpreso.

– Mas eles nunca trancaram a minha porta, Thomas.

– Porque você já é crescida, já tinha duas sílabas quando chegou aqui. Eu era mais novo; ainda me chamava Tom. Eles trancavam a minha porta.

– Você era um *prisioneiro*?

Ele franziu a testa.

– Não exatamente. Era para minha própria segurança, acho. E para que eu me concentrasse mais. Era muito novo e não queria trabalhar o tempo todo. – Ele sorriu. – Era um pouco como Matt, pensando bem. Brincalhão.

– Eles não eram duros com você? – perguntou Kira, lembrando-se da rispidez de Jamison.

Ele pensou um instante.

– Eram rígidos.

– Mas, Thomas, a pequena que está lá embaixo... a Jo? Ela estava chorando. Aos *soluços*. Queria a mãe dela, foi o que disse.

– Matt nos disse que a mãe dela morreu.

– Ela não parece saber disso.

Thomas tentou se lembrar de como tinha sido com ele.

– Acho que eles me contaram sobre os meus pais. Mas talvez não de imediato. Faz muito tempo. Lembro que alguém me trouxe para cá e me mostrou onde tudo ficava, como funcionavam as coisas...

– O banheiro e a água quente – completou Kira com um sorriso maroto.

– Isso. E todas as ferramentas também. Eu já era um Entalhador. Já vinha entalhando peças de madeira havia um bom tempo...

– ... assim como eu já fazia os bordados. E assim como a pequena, Jo...

– Sim – atalhou Thomas. – Matt disse que ela já cantava antes.

Pensativa, Kira alisou as dobras da saia.

– Então cada um de nós – falou ela devagar – já era um... não sei qual seria a palavra certa.

– Artista? – sugeriu Thomas. – Acho que essa é a palavra. Nunca vi ninguém dizê-la, mas já a vi em alguns livros. Significa, bem, alguém que é capaz de fazer algo bonito. É isso que você quer dizer?

– Sim, acho que sim. A pequena "faz" o canto dela e é bonito.

– Quando não está chorando – acrescentou Thomas.

– Então somos todos artistas e órfãos e eles trouxeram todos nós para cá. Mas por quê? E, Thomas, tem outra coisa. Uma coisa estranha. Esta manhã eu conversei com Marlena, uma mulher que conheço lá do galpão de tecelagem. Ela vive no Brejo e se lembrava de Jo, embora não soubesse o nome dela. Lembrava-se de uma pequena que cantava.

– Todo mundo no Brejo saberia da existência de uma pequena como essa.

Kira aquiesceu.

– Marlena disse... como foi mesmo? Ela disse que a pequena parecia ter conhecimentos.

– Conhecimentos?

– Foi essa a palavra que ela usou.

– O que ela quis dizer com isso?

– Marlena falou que a pequena parecia ter conhecimento de coisas que não aconteceram ainda. As pessoas que vivem no Brejo achavam que era uma espécie de magia. Ela pareceu um pouco assustada ao falar no assunto. E, Thomas?

– O quê?

Kira hesitou.

– Isso me fez pensar no que acontece de vez em quando com o meu bordado. Este pequenininho aqui. – Kira abriu a caixa que Thomas havia feito para ela e retirou o retalho para que ele recordasse. – Eu contei para você como ele parece falar comigo, não contei? E você tem um pedaço de madeira que parece fazer o mesmo...

– Tenho. De quando eu era só um pequeno e estava começando a entalhar. O que eu guardo na gaveta. Eu o mostrei para você também.

– Será que é a mesma coisa? – perguntou Kira, insegura. – Será que é o que Marlena chamou de *conhecimentos*?

Thomas olhou para ela e para o bordado inerte em sua mão. Ele franziu a testa.

– Mas por que teríamos isso?

– Talvez seja algo que os artistas tenham – respondeu ela, gostando do som da palavra que acabara de aprender. – Um tipo especial de conhecimento mágico.

Thomas assentiu e deu de ombros.

– Bem, não faz tanta diferença, faz? Todos temos uma boa vida agora. Ferramentas melhores do que nunca. Boa comida. Trabalho a fazer.

– Mas e a pequena lá embaixo? Ela não para de chorar. E eles não a deixam sair do quarto. – Kira lembrou-se da sua promessa. – Thomas, eu disse a ela que iria voltar. E que iria ajudá-la.

Ele pareceu incerto.

– Acho que os guardiões não iriam gostar disso.

Kira recordou o tom austero de Jamison e como ele havia fechado a porta com violência.

– Não, duvido que iriam gostar. Mas e se for à noite? Posso descer às escondidas mais tarde, quando eles acharem que estamos todos dormindo. Só tem um problema... – Ela pareceu desanimada.

– Qual?

– A porta está trancada. Não tenho como entrar.

– Claro que tem.

– Como?

– Eu tenho uma chave – revelou ele.



Era verdade. De volta ao seu quarto, Thomas a mostrou.

– Já faz muito tempo. Mas um belo dia eu estava lá, trancado no quarto, quando me dei conta de que tinha todas essas ferramentas excelentes à minha disposição. Então entalhei uma chave. Foi bem fácil, para dizer a verdade. O trinco da porta é simples. – Ele correu os dedos pela chave entalhada com esmero. – E ela serve para todas as portas. Os trincos são todos iguais. Eu sei porque testei um por um. Eu costumava sair à noite e andar pelos corredores, abrindo as portas. Todos os quartos estavam vazios na época.

Kira balançou a cabeça.

– Você era mesmo um danadinho, hein?

Thomas sorriu.

– Eu não falei? Igual a Matt.

– Hoje à noite – falou Kira, de repente séria. – Você vai comigo?

– Está bem. Hoje à noite.

16

A noite caiu. No quarto de Thomas, Kira olhava pela janela para o vilarejo miserável e ouvia a barulheira caótica à medida que os trabalhadores nas várias cabanas terminavam os últimos afazeres do dia. Ao longe, o açougueiro jogava um balde d'água sobre a soleira de pedra do seu estabelecimento, em uma tentativa inútil de limpar a sujeira encrostada ali. Mais perto, uma mulher saía do galpão de tecelagem.

Kira se perguntou, sorrindo, se Matt teria aparecido lá. Encarregado da limpeza, ele provavelmente havia se juntado aos amigos para fazer travessuras e roubar o almoço das mulheres. Naquele dia, ela não vira nem sinal dele ou de Toquinho.

Ficou esperando ali com Thomas até bem depois do anoitecer, até os cuidadores levarem embora as bandejas de comida. Por fim, o edifício inteiro estava em silêncio e o próprio alarido do vilarejo também havia desaparecido.

– Thomas, leve seu pedacinho de madeira. O que você diz que é especial. Eu estou levando meu bordado.

– Está bem, mas por quê?

– Não sei explicar direito. Mas acho que deveríamos fazer isso.

Thomas pegou a pequena peça entalhada da sua prateleira alta e a guardou em um bolso. A chave de madeira estava no outro.

Eles enveredaram juntos pelo corredor mal iluminado até as escadas.

– Shhhh – fez Thomas, que seguia na frente dela.

– Desculpe – sussurrou Kira. – O cajado faz barulho. Mas não consigo andar sem ele.

– Espere.

Eles pararam ao lado de uma das tochas presas à parede. Thomas rasgou um pedaço da bainha da sua camisa folgada e o amarrou com destreza em volta da base do cajado de Kira, abafando o ruído contra o chão de lajotas.

Os dois desceram a passos rápidos o lance de escadas e seguiram em direção ao quarto em que Jo dormia. Pararam em frente à porta e apuraram os ouvidos. Mas não havia som algum. O bordado de Kira não deu nenhum alerta a ela. A garota

meneou a cabeça para Thomas, que, silenciosamente, enfiou a chave na fechadura e a girou.

Kira prendeu a respiração, pois temia que uma cuidadora dividisse o quarto com a pequena para protegê-la à noite. Mas o recinto, iluminado pelo luar esbranquiçado que entrava pela janela, continha apenas uma cama pequena e uma menininha que dormia a sono solto.

– Vou ficar na porta para vigiar – sussurrou Thomas. – Ela conhece você, ou sua voz pelo menos. Vá você acordá-la.

Kira se aproximou da cama e sentou-se à beirada dela, apoiando o cajado do seu lado. Ela tocou o pequeno ombro da menina com delicadeza.

– Jo – chamou em voz baixa.

A menina virou a cabeça, agitada, seus cabelos longos e embaraçados. Logo em seguida, abriu os olhos com uma expressão alarmada, de pavor.

– Não, não! – gritou, empurrando a mão de Kira para longe.

– Shhhh – fez Kira. – Sou eu. Lembra-se de quando nos falamos através da porta? Não tenha medo.

– Eu quero minha mãe – gemeu a pequena.

Ela era muito pequena. Muito menor do que Matt. Mal devia saber andar. Kira recordou-se da potência do canto que tinha ouvido e ficou impressionada por ele ter vindo daquela coisinha tão minúscula e assustada.

Kira pegou-a da cama, colocou-a no colo e pôs-se a niná-la.

– Shhhh – tornou a fazer ela. – Shhhh. Está tudo bem. Sou sua amiga. E está vendo aquele menino ali? O nome dele é Thomas. Ele é seu amigo também.

Aos poucos, a pequena foi se acalmando. Seus olhos se arregalaram e ela falou com o polegar enfiado na boca.

– Eu tava ouvindo ocê pelo buraco.

– Isso, pelo buraco da fechadura. Nós ficamos conversando baixinho.

– Ocê conhece minha mãe? Pode trazer ela aqui?

Kira balançou a cabeça.

– Não, infelizmente não. Mas vou estar sempre aqui. Eu moro no andar de cima. E Thomas também.

Thomas se aproximou e ajoelhou-se diante da cama. Jo o encarou, desconfiada, e agarrou-se a Kira.

Thomas apontou para o teto.

– Eu moro bem aqui em cima – contou ele, com a voz suave – e consigo ouvir você.

– Ocê ouve minha cantoria?

Ele sorriu.

– Ouço. Você canta muito bonito.

A pequena fez cara feia.

– Eles tão sempre fazendo eu aprender outras novas.

– Novas canções? – perguntou Kira.

Jo assentiu, tristonha.

– O tempo todo. Querem que eu lembre tudinho. As minhas antigas, é como se fosse natural eu saber. Mas agora eles ficam enfiando um monte de coisa nova na minha cabeça e a pobrezinha dói pra danar.

A pequena esfregou os cabelos embaraçados e suspirou, um som estranhamente adulto que fez Kira abrir um sorriso de compaixão.

Thomas corria os olhos pelo quarto, que tinha muitas peças de mobília iguais às dos aposentos no andar de cima. Uma cama. Uma cômoda de madeira alta. Uma mesa e duas cadeiras.

– Jo – falou ele de repente –, você é uma boa escaladora?

Ela franziu a testa e tirou o polegar da boca.

– Às vezes eu subia nas árvores lá no Brejo. Mas minha mãe, ela me batia quando eu fazia isso. Ela dizia que eu ia quebrar as pernas e aí eles iam me levar pro Campo.

Thomas aquiesceu com um ar solene.

– É bem provável que sim e sua mãe não queria que você se machucasse.

– Quando os apanhadores te levam pro Campo, ocê não volta nunca mais. As feras te levam. – Ela tornou a enfiar o polegar na boca.

– Mas veja bem, Jo. Se você puder subir ali em cima... – Thomas apontou para cima da cômoda.

Os olhos arregalados viram o lugar indicado e a pequena fez que sim com cabeça.

– Se você se esticar bastante lá em cima e se tiver alguma vara ou coisa parecida, pode bater no teto que eu vou conseguir ouvi-la.

A ideia trouxe um sorriso aos lábios da pequena.

– Mas não deve fazer isso de brincadeira – apressou-se a acrescentar Thomas. – Só se precisar de verdade da gente.

– Posso tentar? – perguntou Jo, empolgada.

Kira a colocou no chão. Como um animal ágil, a pequena subiu da cadeira para o tampo da mesa e, depois, para cima da cômoda. Então pôs-se de pé ali, triunfante. Duas pernas nuas e finas despontavam de baixo da camisola.

– O que ela poderia usar? – murmurou Thomas, olhando ao redor.

Lembrando-se de algo que havia em seus próprios aposentos, Kira foi até o banheiro. Como já esperava, deparou com uma escova de cabelos grossa com cabo de madeira sobre a prateleira ao lado da pia.

– Tente isto – sugeriu ela, entregando-a para a pequena.

Abrindo um largo sorriso, Jo se esticou e bateu no teto com o cabo da escova.

Thomas a apanhou lá de cima e colocou-a de volta na cama.

– Então estamos combinados: se precisar de nós, este é o sinal, Jo. Mas nunca de brincadeira. Só se precisar de ajuda.

– E nós viremos visitá-la mesmo que você não bata no teto – acrescentou Kira. – Depois que os cuidadores forem embora. – Ela ajeitou as cobertas em volta da pequena. – Aqui, Thomas. Pode guardar isto?

Kira lhe entregou a escova de cabelos.

– Temos que ir agora – falou para Jo. – Mas está se sentindo melhor sabendo que tem amigos lá em cima?

A pequena fez que sim com a cabeça, deslizando o polegar úmido para dentro da boca.

Kira ajeitou o cobertor.

– Boa noite, então.

Ela ficou sentada ali na cama por mais alguns instantes, tendo a vaga sensação de que deveria fazer algo mais, algo relacionado à época em que ela mesma era uma pequena muito nova, igual a Jo.

Intuitivamente, Kira se inclinou para perto da menininha. O que era mesmo que sua mãe fazia? Beijou a testa de Jo. Era um gesto estranho para ela, mas pareceu a coisa certa a fazer.

Contente, a garotinha beijou o rosto de Kira.

– Uma beijoquinha – sussurrou ela. – Igual à da mamãe.



Kira e Thomas se separaram no corredor do andar de cima e cada um foi para o próprio quarto. Já estava tarde e eles precisavam dormir, pois, como sempre, deviam trabalhar na manhã seguinte.

Enquanto se preparava para deitar, Kira pensava sobre a pequena assustada e solitária lá embaixo. Que canções eles a estariam obrigando a aprender? Aliás, para começo de conversa, por que estava ali? Normalmente uma pequena órfã seria entregue para outra família.

Era a mesma questão que ela e Thomas haviam discutido no dia anterior. E a resposta parecia ser a conclusão a que chegaram: eles eram artistas. Criavam canções, entalhes de madeira e bordados. Como eram artistas, tinham um valor que ela não conseguia compreender, por isso estavam ali, bem alimentados, bem abrigados e bem cuidados.

Kira escovou os cabelos e os dentes e deitou-se na cama. A janela estava aberta, deixando entrar a brisa. Lá embaixo, avistavam-se as estruturas ainda em construção que logo se tornariam o jardim de tinturaria, a fogueira e a cabana. Do outro lado do quarto, através da penumbra, ela podia ver o vulto dobrado e coberto sobre a sua mesa de trabalho: a túnica do Cantor.

Kira compreendeu de repente que, embora sua porta estivesse destrancada, não era livre de verdade. Sua vida se limitava àquelas coisas e àquele trabalho. Ela estava perdendo a alegria que costumava sentir quando as linhas de cores vivas tomavam forma em suas mãos, quando os bordados vinham a ela e eram só seus. A túnica não pertencia a ela, por mais que aprendesse sua história através do trabalho que fazia. Kira era quase capaz de contá-la toda agora que ela passara pelos seus dedos, agora que se debruçara sobre ela tão de perto durante tantos dias. Mas não era aquilo que suas mãos ou seu coração desejavam fazer.

Embora não tivesse o hábito de reclamar, Thomas havia mencionado as dores de cabeça que o afligiam depois de horas de trabalho. A pequena cantora no andar de baixo tinha dito algo parecido: *Eles ficam enfiando um monte de coisa nova na minha cabeça.* Ela queria ter liberdade para cantar as próprias canções, como sempre fizera.

Kira queria que suas mãos estivessem livres da túnica para que pudesse fazer os próprios bordados outra vez. De repente, desejou poder sair daquele lugar, apesar de todos os seus confortos, e voltar a viver como antes.

Ela enterrou o rosto nas cobertas e, pela primeira vez, chorou de desespero.

17

– Thomas, eu trabalhei duro a manhã inteira e você também. Não quer dar uma caminhada comigo? Quero ver uma coisa.

Era meio-dia. Os dois já haviam almoçado.

– Quer descer para ver o que os peões estão fazendo? Eu vou com você.

Thomas largou a ferramenta de entalhe que tinha acabado de pegar. Kira notou mais uma vez, admirada, como era complexo o trabalho no grande cajado do Cantor. Thomas vinha aparando os pontos desiguais quase imperceptíveis dos entalhes antigos e desgastados e reesculpindo suas minúsculas arestas e curvas. Era muito parecido com o serviço de Kira. E não havia decoração alguma em toda a parte de cima do cajado; a madeira ali era lisa e não entalhada, da mesma forma que o trecho ao longo dos ombros da túnica permanecia intocado. Kira estava se aproximando da seção não decorada, assim como Thomas.

– O que você vai entalhar aqui? – perguntou Kira, indicando a parte lisa.

– Não sei. Eles vão me dizer.

Kira observou-o deitar o cajado do Cantor com cuidado sobre a mesa.

– Na verdade – falou ela –, se você quiser ver o que os peões estão fazendo, posso ir até lá com você mais tarde. Mas não era nisso que eu estava pensando. Será que você iria comigo antes para onde *eu* quero?

Thomas assentiu amigavelmente.

– Para onde?

– Para o Brejo.

Ele a encarou, intrigado.

– Aquele lugar imundo? Por que você quer ir até lá?

– Nunca estive lá. Quero ver onde Jo morava, Thomas.

– E onde Matt mora até hoje.

– Sim, Matt também. Onde será que ele está, Thomas? – Kira estava aflita. – Eu não o vejo há dois dias. Você o viu?

Thomas balançou a cabeça.

– Talvez ele tenha encontrado outra fonte de comida – sugeriu o rapaz, rindo.

– Matt poderia nos mostrar onde Jo morava. Quem sabe até poderíamos trazer algo para ela. Talvez Jo tivesse brinquedos. Eles o deixaram trazer alguma coisa quando você veio para cá, Thomas?

Ele tornou a fazer que não.

– Só meus pedacinhos de madeira. Não queriam que eu me distraísse.

Kira suspirou.

– Ela é tão pequena... Deveria ter um brinquedo. Será que você não pode entalhar uma boneca para Jo? E eu poderia costurar um vestidinho para ela.

– Acho que sim. – Thomas entregou a Kira o cajado dela. – Vamos. A gente deve acabar encontrando Matt pelo caminho. Isso se ele não nos encontrar antes.

Os dois saíram juntos do Edifício, atravessaram a praça e desceram a rua apinhada de gente. Kira parou no galpão de tecelagem, cumprimentou as mulheres e perguntou por Matt.

– Nunca mais vi! Já vai tarde! – respondeu uma das empregadas. – Aquele moleque imprestável!

– Quando é que você vai voltar, Kira? – indagou outra fiandeira. – A gente bem que precisa da sua ajuda. E você já está velha o bastante para trabalhar nos teares! Agora sua mãe não está mais aqui, você deve trabalhar!

Mas uma terceira mulher riu alto e apontou as roupas novas e limpas de Kira.

– Ela não precisa mais da gente!

Os teares voltaram a estalar e se mover. Kira virou-se para ir embora.

Perto dali, ouviu um som estranhamente familiar, estranhamente assustador. Um rosnado grave. Ela olhou ao redor, esperando ver um cão raivoso ou algo pior. Mas o som tinha vindo de um grupo de mulheres perto do açougue, que se puseram a rir. Vandara estava entre elas e lhe deu as costas. Kira tornou a ouvir o rugido: a imitação de uma fera. A menina baixou a cabeça e passou mancando pelo grupo, ignorando as risadas cruéis.

Thomas tinha ido na frente e já estava muito além do açougue. Ele havia parado perto de um grupo de meninos que brincavam na lama.

– Num sei! – disse um deles enquanto ela se aproximava. – Me dá umas moedas que eu posso ver se encontro ele!

– Perguntei por Matt – explicou Thomas –, mas eles não o viram.

– Será que ele está doente? – indagou Kira, preocupada. – O nariz dele está sempre escorrendo. Vai ver a gente não devia ter lhe dado banho. Ele já estava acostumado a toda aquela sujeira.

Os meninos, que pisoteavam a lama com seus pés descalços, prestavam atenção à conversa.

– Matt é o mais forte de todos! – exclamou um. – Ele nunca fica doente.

Um menorzinho limpou o nariz ranhoso com as costas da mão.

– A mãe do Matt tava gritando com ele. Eu ouvi. Ela tacou uma pedra, mas ele riu e saiu correndo!

– Quando? – perguntou Kira.

– Sei lá. Uns dois dias atrás?

– Foi, sim! – intrometeu-se outro. – Faz dois dias! Eu também vi. A mãe dele tacou uma pedra porque ele roubou comida. Ele falou que ia embora pra bem longe!

– Ele está bem, Kira – tranquilizou-a Thomas, então eles seguiram em frente. – Ele sabe se cuidar melhor do que a maioria dos adultos. Olhe, acho que é aqui que precisamos virar.

Kira o acompanhou ao longo de uma trilha estreita e desconhecida. Ali, os casebres ficavam mais juntos uns dos outros e mais próximos da beira da floresta. Sombreados pelas árvores, cheiravam a umidade e podridão. Eles chegaram a um córrego malcheiroso e cruzaram uma ponte de toras de madeira precária e escorregadia para alcançar o outro lado. Thomas pegou sua mão e a ajudou; devido à perna ruim, era uma travessia traiçoeira e ela teve medo de cair no riacho que, embora fosse raso, era entulhado de lixo.

Do outro lado do córrego, além dos arbustos venenosos de espirradeira que eram tão perigosos para os pequenos, ficava a região conhecida como Brejo. Em certos aspectos, era parecido com o lugar que Kira antes chamava de lar: os barracos pequenos, próximos uns dos outros; o choro incessante das crianças; o mau cheiro da fumaça das fogueiras, de comida em decomposição e de pessoas sem banho. Porém, era mais escuro ali, graças à cobertura cerrada da copa das árvores, e o ar era contaminado pela umidade e pelo fedor de doenças.

– Por que um lugar terrível destes precisa existir? – sussurrou Kira para Thomas. – Por que as pessoas têm que viver assim?

– É como as coisas são – respondeu Thomas, franzindo a testa. – Sempre foi assim.

Uma visão repentina invadiu a mente de Kira. A túnica. Ela mostrava como tinha sido no passado, logo o que Thomas falava não era verdade. Houve épocas muito, muito distantes em que a vida das pessoas havia sido dourada e verde. Por que um tempo parecido não poderia voltar?

– Thomas, não somos nós que preenchemos os trechos vazios? Talvez possamos mudar isto.

O garoto demonstrou ceticismo, parecendo achar graça do que ouvia.

– Do que você está falando?

Ele não entendia. Talvez nunca fosse entender.

– Esqueça – disse Kira, balançando a cabeça.

Enquanto eles andavam, um silêncio ameaçador pairava no ar. Kira notou que estavam sendo observados por algumas mulheres desconfiadas, paradas à porta de suas casas. Kira seguia mancando, tentando contornar as poças cheias de lixo no caminho, sentindo a hostilidade dos olhares. Ela sabia que não fazia sentido andar sem destino por aquele lugar desconhecido, hostil.

– Thomas – sussurrou ela –, temos que perguntar a alguém.

Os dois pararam lado a lado, inseguros, no meio do caminho.

– O que querem aqui? – questionou uma voz rouca que vinha de uma janela aberta.

Kira viu um lagarto verde fugir para o meio das videiras que cobriam o peitoril; atrás das folhas molhadas, uma mulher de rosto esquelético segurava um pequeno e olhava para fora. Não parecia haver homens por ali. Ela se deu conta de que eram quase todos apanhadores ou coveiros e estariam trabalhando. Sentiu-se aliviada, lembrando como eles a haviam agarrado durante os preparos para a caçada.

Kira atravessou a vegetação rasteira espinhosa e aproximou-se da janela. Conseguiu enxergar o interior escuro do barraco, onde vários outros pequenos, seminus, fitavam-na com seus olhos vidrados e medrosos.

– Estou à procura de um menino chamado Matt – respondeu ela educadamente. – Sabe onde ele mora?

– O que vai me dar por isso?

– Dar? Desculpe – falou Kira, espantada com a pergunta. – Não tenho nada para dar.

– Nem comida?

– Não. Sinto muito. – Kira estendeu as mãos, mostrando-lhe que estavam vazias.

– Eu tenho uma maçã. – Para a surpresa de Kira, Thomas tirou uma maçã vermelho-escura do bolso. – Eu a guardei no almoço – explicou a Kira em voz baixa, estendendo a fruta para a mulher.

A desconhecida esticou o braço magro e apanhou-a. Deu uma mordida nela e começou a lhes virar as costas.

– Espere! – exclamou Kira. – O barraco em que Matt mora! Pode nos dizer onde fica, por favor?

A mulher tornou a virar para eles com a boca cheia.

– Mais lá pra baixo – informou ela, mastigando ruidosamente. A criança em seus braços tentou pegar a maçã mordida, mas ela afastou suas mãozinhas. Então, gesticulou com a cabeça e avisou: – Tem uma árvore caída na frente dela.

Kira assentiu.

– E, por favor, só mais uma coisa. O que poderia nos dizer sobre uma pequena chamada Jo?

Houve uma mudança na expressão da mulher, mas Kira teve dificuldade em interpretá-la. Por um instante, um breve lampejo de alegria atravessou seu semblante magro e amargurado. Mas foi logo substituído pelo desamparo.

– A garotinha cantora – sussurrou a desconhecida, a voz rouca. – Ela foi levada embora. Eles levaram ela.

A mulher se virou bruscamente e desapareceu nas sombras do interior do barraco. Seus filhos começaram a chorar e a arranhá-la, pedindo comida.



A árvore retorcida estava à beira da morte, tombada quase até o chão e apodrecida. Talvez um dia tivesse dado frutos. Mas agora os galhos estavam partidos, pendurados em ângulos estranhos, salpicados por um ou outro tufo de folhas marrons.

O pequeno barraco atrás dela também parecia dilapidado, entregue às moscas. Mas vinham vozes de dentro dele: uma mulher dando uma bronca em uma criança malcriada, que respondia a ela em um tom hostil e desobediente.

Thomas bateu à porta. As vozes se calaram e uma brecha se abriu na entrada.

– Quem são ocês? – perguntou a mulher, grosseira.

– Somos amigos de Matt – explicou Thomas. – Ele está em casa? Está tudo bem com ele?

– Quem é, mãe? – falou a voz infantil.

A mulher ficou olhando para Thomas e Kira em silêncio. Por fim, Thomas dirigiu-se à criança:

– Matt está em casa?

– O que ele aprontou agora? O que querem com ele? – quis saber a mulher, um brilho de desconfiança em seus olhos.

– Ele fugiu! E levou comida também! – exclamou um pequeno, surgindo ao lado da mulher com a cabeleira despenteada e embaraçada. Ele escancarou a porta.

Kira então viu, consternada, o interior escuro do barraco. Um jarro, virado sobre uma mesa, estava caído sobre uma poça de um líquido viscoso apinhado de insetos. O pequeno diante da porta enfiou um dedo no nariz e coçou-se com a outra mão enquanto os encarava. A mãe soltou uma tosse encatarrada e cuspiu algo no chão.

– Sabem para onde ele foi? – perguntou Kira, tentando não demonstrar o quanto estava chocada com as condições de vida daquelas pessoas.

A mulher balançou a cabeça e tornou a tossir.

– Num sei e nem quero saber.

Ela empurrou o pequeno para longe e fechou a porta de madeira pesada.

Após alguns instantes, Kira e Thomas viraram-se para ir embora. Atrás deles, ouviram a porta se abrir.

– Dona? Eu sei pra onde Matt foi – falou o pequeno.

Ele saiu do barraco, ignorando as broncas da mãe, e foi até os dois. Era claramente irmão de Matt: tinha os mesmos olhos brilhantes e travessos.

Eles esperaram.

– O que vão me dar?

Ele tornou a enfiar o dedo no nariz.

Kira suspirou. Pelo jeito, a vida no Brejo era uma sucessão de barganhas. Não era de espantar que Matt tivesse se tornado tão ardiloso e manipulador. Ela olhou para Thomas, sem saber o que fazer.

– Não temos nada para lhe dar – explicou ela ao pequeno.

Ele a encarou, avaliando-a.

– E isso que ocê tem aí, dona? – sugeriu, indicando o pescoço de Kira. Ela tocou o cordão com a pedra lapidada.

– Não – replicou Kira, e seus dedos se fecharam de forma protetora em volta da pedra. – Isto era da minha mãe. Não posso dar para você.

Para sua surpresa, o menino assentiu como se aquilo fizesse sentido.

– E aquilo ali? – Ele apontou para os seus cabelos.

Kira lembrou que o havia prendido naquela manhã, como de hábito, com uma simples tira de couro sem valor. Tirou-a rapidamente e a estendeu para o pequeno, que a agarrou e enfiou no bolso. Ele pareceu considerá-la um pagamento satisfatório.

– A nossa mãe bateu tão feio no Matt que ele sangrou pra danar, daí ele e Toquinho foram embora pra longe e nunca mais vão voltar pro Brejo. O Matt tem amigos que vão cuidar bem dele, que não batem nele *nunca*! E dão comida pra ele também.

Thomas riu um pouco.

– E o obrigam a tomar banho – acrescentou Thomas, mas o pequeno não esboçou reação alguma, pois não entendeu a palavra.

– Mas ele estava falando de nós! – exclamou Kira. – Nós somos os amigos a que ele se referia. – Ela estava aflita. – Se Matt tentou vir até nós, onde ele está? Faz dois dias que saiu daqui e ninguém o viu desde então. Ele sabe como chegar ao...

O irmão de Matt a interrompeu:

– Ele e Toquinho foram pralgum outro lugar antes. Ele vai levar um presente pros amigos dele. É você, dona? E você também? – Ele olhou para Thomas.

Os dois assentiram.

– Matt falou que dar presente pra uma pessoa faz ela gostar mais da gente do que dos outros.

Kira suspirou, exasperada.

– Não, não é assim que funciona. Um presente... Esqueça. Diga para onde ele foi.

– Ele foi arranjar um pouco de *azul* procês!

– Azul? Como assim?

– Sei lá, dona. Mas Matt... foi o que ele disse... falou que eles têm azul praqueles lados e que vai arranjar um pouco procês.

A mulher reapareceu no umbral e gritou, histérica e irritada; o pequeno voltou para dentro de casa. Thomas e Kira deram meia-volta e começaram a refazer seus passos pela trilha lamacenta em direção ao vilarejo. Vultos silenciosos continuavam a observá-los nos portais dos barracos. O ar permanecia fétido e úmido.

– Quando Matt desapareceu – sussurrou Kira para Thomas –, achei que fôssemos acabar descobrindo que ele também tinha sido levado embora daqui. Como Jo.

– Se esse fosse o caso, ele estaria conosco no Edifício do Conselho.

– E com Jo também. Embora talvez o tivessem trancado em um quarto, como fizeram com ela. Matt detestaria.

– Ele daria um jeito de fugir. Seja como for – acrescentou Thomas, ajudando Kira a contornar uma poça em que um rato morto boiava –, duvido que fossem querer Matt. Eles só nos querem pelas nossas habilidades e ele não tem nenhuma.

Kira pensou no menino endiabrado, em sua generosidade e em sua risada, na devoção que ele tinha pelo cachorrinho. Pensou nele agora, onde quer que estivesse, em sua missão para trazer um presente.

– Ah, Thomas, mas ele *tem*. Ele sabe como nos trazer sorrisos e alegria.

Não parecia haver nenhum sinal de alegria naquele lugar terrível ou vestígios de que ela já tivesse existido. Enquanto atravessava aquela miséria, Kira se lembrou da

risada contagiante de Matt. Pensou também na pureza cristalina da voz da pequena cantora e em como as duas crianças deviam ter sido as únicas fontes de felicidade do Brejo. Agora Jo tinha sido levada embora. E Matt também havia partido.

Kira se perguntou aonde ele poderia ter ido buscar o azul.

18

O dia da Congregação estava chegando. Sua proximidade era palpável no vilarejo. As pessoas terminavam seus projetos e adiavam o início dos próximos. Kira notou que, no galpão de tecelagem, os tecidos estavam dobrados e empilhados, mas os teares não haviam sido reabastecidos de linhas.

O nível de barulho era menor, como se as pessoas estivessem distraídas pelos preparativos e não quisessem perder tempo com os conflitos habituais.

Alguns até tomaram banho.

Em seu quarto, Thomas envernizava meticulosamente o cajado do Cantor a todo o momento. Usava óleos espessos e os esfregava na madeira com um pano macio. Lustroso e dourado, o cajado começou a assumir brilho e fragrância próprios.

Matt não voltara; havia dias estava desaparecido. À noite, antes de dormir, Kira agarrava o pedacinho de pano que tantas vezes atenuara seus medos e até respondera às suas perguntas. Ela fechava os dedos ao redor dele e concentrava-se em Matt; visualizava o menino sorridente e buscava adivinhar onde ele se achava e se estava seguro. Uma sensação de conforto, de alívio vinha do bordado. Mas nenhuma resposta.

De vez em quando, eles ouviam Jo durante o dia. Ela havia parado de chorar. Na maioria das vezes, escutavam um canto repetitivo, as mesmas frases sem parar. Em alguns momentos, pareciam permitir que ela tivesse alguns instantes para si e a voz aguda e lírica entoava melodias que faziam Kira perder o fôlego, maravilhada.

Ela descia à noite com a chave na mão e visitava a pequena. Jo tinha parado de perguntar pela mãe, mas agarrava-se a Kira na escuridão. Juntas, elas sussurravam pequenas histórias e brincadeiras. Kira escovava os cabelos de Jo.

– Eu posso bater com a escova se precisar – lembrou-lhe Jo, olhando para o teto.

– Isso. E nós viremos até aqui. – Kira afagou a bochecha macia da menininha.

– Quer que eu faça uma canção procê?

– Um dia. Mas agora não. Não podemos fazer barulho à noite. Ninguém pode descobrir que eu venho aqui. Tem que ser nosso segredo.

– Eu tô pensando numa canção. E um dia vou cantar ela procê alto pra danar.

– Está bem. – Kira riu.

– Tá chegando o dia da Congregação – comentou Jo, solene.

– Sim, eu sei.

– Eles tão dizendo que eu vou ficar bem lá na frente.

– Que bom! Assim você vai conseguir ver tudo. Vai poder ver a linda túnica do Cantor. Eu venho trabalhando nela. A túnica tem cores lindas.

– Quando eu for a Cantora – confidenciou-lhe a pequena –, vou poder fazer minhas próprias canções outra vez. Se eu aprender as antigas direitinho.



Quando Jamison veio ao seu quarto, Kira lhe mostrou que a restauração da túnica estava completa. Ele ficou claramente satisfeito com o trabalho. Juntos, estenderam a vestimenta sobre a mesa, virando-a, desdobrando suas pregas e punhos, examinando os pontos intrincados e as cenas descritas.

– Você fez um trabalho extraordinário, Kira. Principalmente aqui.

Ele apontou uma parte que ela recordava ter sido bastante difícil; embora minúscula, como o eram todas as cenas bordadas, aquela era uma representação complexa de prédios altos em tons de cinza, desabando um por um contra um fundo de explosões flamejantes. Kira substituíra com precisão os laranjas e vermelhos e obtivera toda a paleta de cinzas necessária para a fumaça e os edifícios. Mas o que havia tornado o bordado tão difícil era o fato de ela não fazer ideia do que eram aqueles prédios. Kira nunca tinha visto nada parecido. O Edifício do Conselho era a única construção de grande porte que conhecia e ele era pequeno se comparado aos que estavam representados ali. Parecia que eles se erguiam em direção aos céus até alturas incríveis, muito, muito mais altos do que qualquer árvore que ela tivesse visto.

– Esta foi a parte mais difícil – admitiu Kira. – Foi muito complicado. Talvez se eu soubesse mais sobre as construções, sobre o que aconteceu com elas... – A garota ficou constrangida. – Eu deveria ter prestado mais atenção ao Hino da Ruína. Ficava sempre tão empolgada quando ele começava, mas depois me distraía e nem sempre ouvia direito.

– Você era nova e o Hino é muito, muito longo. Ninguém ouve com atenção todas as partes, especialmente os pequenos.

– Este ano eu ouvirei! Este ano vou prestar toda a atenção, já que conheço tão bem as cenas. E ficarei mais atenta ainda a esta cena em especial, em que os edifícios estão caindo.

Jamison fechou os olhos e seus lábios se moveram, sem produzir som algum. Ele começou a cantarolar e Kira reconheceu uma melodia recorrente em um dos trechos do Hino. Então, o guardião cantou em voz alta:

Queime, mundo flagelado
Fornalha feroz
Inferno impuro...

Ele abriu os olhos.

– Creio que seja essa parte. Há muito mais do que isso, não me lembro dos versos seguintes, mas se não me engano é nesta parte em que os edifícios desabam. É claro que já ouvi o Hino muito mais vezes do que você.

– Não consigo imaginar como o Cantor faz para lembrar tudo.

Por um instante, Kira pensou em lhe perguntar sobre a criança presa no andar de baixo, a Cantora do futuro, que estava sendo forçada a aprender o interminável Hino. Mas, hesitante, acabou por perder a oportunidade.

– É claro que ele tem o cajado como guia – disse Jamison. – E começou a aprender o Hino quando ainda era apenas um pequeno. Isso foi há muito tempo. Além do mais, ele ensaia o tempo todo. Enquanto você preparava a túnica, ele vinha ensaiando o Hino deste ano. As palavras são as mesmas, naturalmente, mas creio que ele decida, a cada ano, quais partes receberão mais ênfase. Ele estuda o ano inteiro, planejando e ensaiando seu canto.

– Onde?

– Ele ocupa aposentos especiais em uma ala diferente do Edifício.

– Nunca o vi sem ser no momento do Hino.

– É que ele fica isolado.

Os dois tornaram a olhar para a túnica, examinando cada parte para se assegurarem de que Kira não havia deixado passar nada. Um cuidador trouxe chá e eles se sentaram juntos, conversando sobre a túnica e a história que ela contava, sobre a época anterior à Ruína. Jamison fechou os olhos e recitou:

Devastação total,
Bogo Tabal,
Timore Toron,

Totanben desapareceram...

Kira reconheceu os versos, que estavam entre os seus preferidos, embora não os compreendesse. Quando era uma pequena, as rimas a haviam tirado do tédio que geralmente sentia durante o interminável Hino. "Bogo Tabal, Timore Toron", costumava cantarolar para si mesma às vezes.

– O que significa essa parte? – perguntou a Jamison.

– Creio que sejam nomes de lugares perdidos.

– Fico imaginando como deviam ser esses lugares. *Timore Toron*. Gosto de como soa.

– Isto é parte do seu trabalho – lembrou-lhe o guardião. – Você usa as linhas para nos fazer lembrar como eles eram.

Kira assentiu e tornou a alisar a túnica, percorrendo as cidades tragicamente arruinadas e os prados de vegetação macia e verdejante intercalados entre elas.

Jamison largou a xícara de chá sobre a mesa, foi até a janela e olhou para baixo.

– Os trabalhadores já terminaram. Depois da Congregação e do Hino deste ano, você poderá começar a tingir novas linhas para a túnica.

Kira ergueu os olhos, angustiada, esperando ver uma expressão brincalhona em seu rosto. Mas ali havia apenas seriedade. Kira tinha pensado que, quando aquele trabalho estivesse concluído, ela poderia se dedicar aos próprios projetos, a alguns bordados elaborados que podia sentir e visualizar em sua mente. Às vezes seus dedos tremiam, tamanho o desejo de produzir aquelas cenas.

– A túnica vai ser tão danificada durante o Hino que precisará ser restaurada outra vez? – perguntou ela, tentando não demonstrar o quanto essa hipótese a afligia.

Kira queria agradá-lo. Ele tinha sido seu protetor. Mas não desejava fazer aquele trabalho para sempre.

– Não, não – respondeu ele em um tom tranquilizador. – Sua mãe fazia apenas pequenos reparos todos os anos. E agora você refez com muita habilidade as partes que precisavam ser restauradas. Após o Hino deste ano, deverá haver apenas uma ou outra linha partida para você consertar.

– E depois...? – Kira estava confusa.

Jamison indicou com um gesto o trecho não decorado ao longo dos ombros da vestimenta.

– Aqui está o futuro. E você irá contá-lo para nós, com os dedos e as linhas. – Seu olhar era penetrante, entusiasmado.

Kira tentou ocultar o espanto.

– Mas já? – balbuciou ela.

Jamison já havia mencionado aquela tarefa colossal antes, mas Kira achara que seria feita só quando ela fosse mais velha, mais habilidosa, mais experiente...

– Nós esperamos muito tempo por você – respondeu Jamison, encarando-a firme, como se a desafiasse a contrariá-lo.

19

Começou cedo. Ao raiar do dia, Kira já podia ouvir, mesmo do seu quarto, que ficava no lado oposto do Edifício, os sons das pessoas se reunindo. Ela terminou de se vestir às pressas, escovou os cabelos e foi correndo até o quarto de Thomas na outra ponta do corredor. Dali, eles podiam contemplar a praça, onde ocorriam todas as grandes reuniões.

A multidão estava apaziguada, bem diferente do dia da caçada. Até os pequenos mais novos, normalmente incontroláveis, seguravam as mãos de suas mães e aguardavam, comportados. Kira não tinha sido acordada pelo som de gritos ou confusão, mas pelos passos dos que se deslocavam pelas ruelas estreitas e juntavam-se àqueles que esperavam para entrar no prédio. Da trilha do Brejo, vinha um fluxo constante de cidadãos silenciosos, que traziam seus pequenos. Da direção oposta, da área em que Kira e a mãe viviam, apareciam outros que ela reconheceu serem os antigos vizinhos. Viu o irmão viúvo da mãe com seu filho, Dan, mas a garotinha, Mar, não estava com ele; talvez tivesse sido dada para outras pessoas.

Em um dia normal, as famílias ficavam separadas, os pequenos corriam por todo lado, sem nenhuma supervisão, enquanto os pais trabalhavam. Naquele dia, maridos, esposas e filhos estavam juntos. Todos pareciam ter um ar solene, de expectativa.

– Onde está o cajado? – perguntou Kira, perscrutando o quarto de Thomas.

– Eles o levaram ontem.

Kira aquiesceu. Também tinham pegado a túnica no dia anterior. Por mais cansada que estivesse do trabalho, ela achava que seu quarto parecia ter se apequenado sem a vestimenta.

– Devemos descer? – perguntou, embora a perspectiva de se juntar à multidão não a agradasse.

– Não, o cuidador que trouxe meu café da manhã disse que virão nos buscar. – Thomas apontou para fora. – Olhe! Ali, bem lá atrás. Está vendo, ao lado da árvore logo antes do galpão de tecelagem? Não é a mãe de Matt?

Kira avistou a mesma mulher magra que os observara com olhos desconfiados. Ela estava de banho tomado e bem-arrumada, dando a mão ao pequeno que se parecia tanto com Matt. Os dois esperavam ali, como uma família comum. Mas não havia uma segunda criança. Matt não estava com eles. Kira sentiu-se invadida por uma onda de tristeza, por uma sensação de perda.

Olhando para o mar de rostos mais abaixo, aos poucos Kira começou a reconhecer pessoas aqui e ali: as tecelãs, separadas umas das outras, cada qual com seus maridos e filhos; o açougueiro, limpo para variar, com a esposa gorda e os dois filhos altos. Todo o vilarejo estava reunido àquela altura e apenas alguns retardatários ainda vinham correndo pelo caminho.

Ela percebeu o início de uma pequena movimentação e viu que as pessoas começavam a seguir em frente. A multidão oscilava como a água se movendo à beira do rio quando um tronco passava flutuando.

– As portas devem ter sido abertas – falou Thomas, inclinando-se à frente para ver.

Eles observaram as pessoas entrarem no Edifício. Por fim, quando a multidão lá fora já havia quase toda desaparecido – agora eles podiam ouvir o burburinho e o arrastar de pés vindo do andar de baixo –, um cuidador apareceu diante da porta de Thomas e os chamou.

– Está na hora.



Com exceção de uma breve espiada através de uma porta entreaberta quando estava à procura de Jamison, Kira não tinha voltado a ver o interior do auditório do Conselho dos Guardiões desde o dia de seu julgamento, meses atrás. Na ocasião, as circunstâncias eram muito diferentes: ela entrara no salão cavernoso e se pusera a mancar, faminta, pelo corredor central, sozinha e temendo pela própria vida.

Nesse dia, Kira ainda se apoiava no cajado. Mas agora estava limpa, saudável e segura de si. Ela e Thomas foram conduzidos por uma entrada lateral perto da frente do auditório, de modo que podiam ver os rostos dos habitantes do vilarejo.

O cuidador apontou, direcionando-os a uma fileira de três cadeiras de madeira à esquerda, logo abaixo do palco, viradas para a plateia. Kira viu que havia outra mais longa do lado oposto e reconheceu os membros do Conselho dos Guardiões sentados ali. Jamison estava entre eles.

Rapidamente, lembrando-se do costume, fez uma reverência para o Objeto de Adoração no palco. Então, seguiu Thomas e os dois assumiram seus lugares. Um burburinho se espalhou pela plateia e Kira sentiu o rosto corar de vergonha. Não gostava de ficar em evidência. Não queria ficar sentada ali, na frente de todos. Lembrou-se da voz sarcástica de uma das tecelãs poucos dias atrás: "Ela não precisa mais da gente!"

Não é verdade. Eu preciso de todos vocês. Nós precisamos uns dos outros.

Contemplando a multidão ali reunida, Kira recordou os muitos anos em que cumprira o dever de ir com sua mãe à Congregação. Elas sempre se sentavam no fundo, onde Kira não conseguia ver ou ouvir nada, aturando o evento entediada e impaciente, às vezes ajoelhando-se em sua cadeira para tentar olhar por cima dos ombros dos espectadores e ter um vislumbre do Cantor. Katrina mantinha-se sempre compenetrada, reprimindo-a delicadamente quando ela se remexia em seu lugar. Mas a Congregação e o Hino eram longos e difíceis de suportar para os pequenos.

Embora respeitosas, as pessoas na plateia também se agitavam em suas cadeiras e sussurravam, mas de repente calaram-se totalmente. Todos aguardaram. Enfim, em meio ao silêncio, o guardião-chefe de quatro sílabas, que Kira não via desde o julgamento e cujo nome ainda não conseguia recordar (Bartholemew, talvez?), levantou-se de sua cadeira do outro lado do salão. Ele andou até o espaço que havia em frente ao palco e deu início ao ritual que sempre abria a cerimônia.

– Declaro iniciada a Congregação – anunciou ele. Gesticulando para o palco e fazendo uma mesura, acrescentou: – Reverenciemos o Objeto.

Toda a plateia inclinou-se respeitosamente para a cruz de madeira.

– Apresento-lhes o Conselho dos Guardiões – falou ele em seguida, meneando a cabeça para a fileira de homens que incluía Jamison.

Os guardiões se levantaram em uníssono. Durante um momento de aflição, Kira não conseguiu se lembrar se os espectadores deveriam aplaudir. Mas um silêncio pairava no recinto e a plateia continuou calada; algumas pessoas fizeram acenos de cabeça, demonstrando respeito.

– Pela primeira vez, apresento-lhes o Entalhador do futuro.

Ele gesticulou para Thomas, que parecia inseguro.

– Levante-se – sussurrou Kira baixinho, sabendo intuitivamente que era a coisa apropriada a fazer.

Thomas levantou-se, constrangido, passando o peso do corpo de um pé para o outro. A plateia tornou a assentir respeitosamente e ele voltou a se sentar.

Ela sabia que seria a próxima, por isso puxou para si seu cajado, que estava apoiado na cadeira.

– Pela primeira vez, apresento-lhes a Bordadora da Túnica, a Tecelã do futuro.

Kira levantou-se, ficando o mais empertigada possível, e retribuiu os acenos de cabeça. Depois sentou-se.

– Pela primeira vez, apresento-lhes a Cantora do futuro. Um dia, ela vestirá a túnica.

Todos os habitantes do vilarejo voltaram os olhos para a porta lateral, que havia sido aberta. Kira viu dois cuidadores empurrarem Jo para a frente, apontando a cadeira vaga. A pequena trajava um vestido novo, porém simples e sem ornamentos, e parecia confusa e insegura, mas então cruzou olhares com Kira, que sorriu e a chamou para perto. Jo retribuiu o sorriso e foi correndo até a cadeira.

– Não se sente ainda – sussurrou Kira. – Fique de pé e olhe para a plateia. Mostre que está orgulhosa.

Esfregando nervosamente um pé contra o seu outro tornozelo, Jo obedeceu. Seu sorriso, a princípio hesitante, logo se tornou confiante e contagioso. Kira viu que as pessoas também sorriam para ela.

– Agora pode se sentar – disse Kira.

– Espera – sussurrou Jo.

Ela ergueu a mãozinha e balançou os dedos para a plateia. Uma suave onda de risos se espalhou pela multidão.

Então Jo se virou e, apoiando os joelhos na cadeira, ergueu o corpo pequenino para se sentar.

– Dei um tchauzinho pra eles – falou para Kira, como se contasse um segredo.

– Por fim – anunciou o guardião-chefe quando as pessoas se calaram –, apresento-lhes o nosso Cantor, que veste a túnica.

Usando a vestimenta magnífica e segurando o cajado entalhado na mão direita, o Cantor entrou pelo outro lado. A plateia arquejou em conjunto. Naturalmente já o haviam visto, assim como a túnica, todos os anos. Mas dessa vez, por conta do trabalho de Kira, era diferente. À medida que o Cantor se aproximava do palco, as dobras do tecido brilhavam sob a luz das tochas; as cenas reluziam, sutis. Tons de dourado, amarelo-claros que escureciam até um laranja vibrante, vermelhos que iam desde o rosa mais claro até o carmesim mais escuro, todas as tonalidades de verde, bordados em motivos complexos, contavam a história do mundo e da Ruína. Quando ele se virou para subir os primeiros degraus até o palco, Kira viu o amplo espaço que se estendia ao longo das costas e ombros, o vazio de que ela tinha sido incumbida de preencher. O futuro que ela havia sido convocada a criar.

– Que barulho é este? – murmurou Thomas.

Kira distraíra-se pela túnica e por sua compreensão de tudo o que ela significava. Mas agora também estava ouvindo: um ruído metálico, surdo e intermitente, um retinir abafado. Então sumiu. Logo em seguida, ela tornou a escutá-lo. Algo que se arrastava, provocando um retinir.

– Não sei – sussurrou Kira.

Depois de fazer uma leve reverência para o Objeto de Adoração, o Cantor voltou-se para a plateia, postado no centro do palco. Ele tateou o cajado como se fosse um talismã, mas ainda não precisava daquelas orientações. Seu rosto estava impassível, inexpressivo. Então, ele fechou os olhos e começou a respirar fundo.

O som misterioso tinha sumido. Kira apurou os ouvidos, mas de fato não dava mais para ouvir nada. Olhando para Thomas, ela deu de ombros e viu que a pequena estava de olhos fechados e que sua boca formava silenciosamente as primeiras palavras do Hino.

O Cantor levantou o braço esquerdo; por conhecer tão bem a túnica, Kira sabia que ele estava mostrando a manga com a cena da origem do mundo: a separação da terra e do mar, o surgimento dos peixes e dos pássaros, tudo isso representado nos pontos minúsculos em volta da bainha do punho. Ela sentiu a admiração fascinada da plateia ao ver a túnica ser exibida pela primeira vez depois de um ano e sentiu também orgulho do próprio trabalho.

Ele cantou em uma voz potente e harmoniosa, de barítono. Mas ainda não havia melodia, não exatamente. O Hino começava com um cântico. A melodia chegaria aos poucos, lembrou-se Kira, com alguns versos lentos e de um lirismo sublime, seguidos por outros mais intensos, em um ritmo acelerado e pulsante. Mas ele surgia devagar, como havia surgido o mundo. O Hino começava com a origem do mundo, muitos e muitos séculos atrás:

No começo...

20

Thomas cutucou Kira e apontou com a cabeça. Kira olhou para onde ele indicava e sorriu ao ver Jo, antes tão empolgada e agitada, ferrada no sono na cadeira grande.

A manhã já chegava ao fim e o Hino vinha sendo cantado havia muitas horas. Provavelmente, muitos dos pequenos no enorme auditório também cochilavam.

Kira ficou surpresa por não estar entediada e sonolenta. Mas, para ela, o Hino era uma viagem pelas dobras bordadas e, à medida que o Cantor entoava os versos, erguendo as devidas partes da túnica, ela se lembrava de cada cena e dos dias que trabalhara nelas, de sua busca pelos tons exatos em meio às linhas da velha tintureira. Embora continuasse atenta, vez por outra sua mente divagava e ela pensava na tarefa colossal que o futuro lhe reservava. Agora que Annabella estava morta e suas linhas haviam acabado, Kira se viu torcendo desesperadamente para ser capaz de lembrar das tinturas e criá-las sozinha. Thomas repassava sempre com ela os nomes que tinha anotado em suas páginas.

Kira não tinha contado a ninguém, nem mesmo a Thomas, mas percebera recentemente, para sua surpresa, que conseguia ler muitas das palavras. Observando-o correr o dedo pela página certo dia, notara que *flor-de-tinturiko* e *funcho* começavam da mesma forma, com uma letra que lembrava uma agulha passando por um nó de linha. E terminavam do mesmo jeito também, com um círculo que parecia a ponta enroscada de uma gavinha. Era como um jogo, em que era preciso encontrar os símbolos que compunham os sons. Um jogo proibido, sem dúvida, mas Kira se via debruçada sobre ele várias vezes quando Thomas não observava, e seus segredos haviam começado a se desvendar.

O Cantor agora estava em uma parte serena do Hino, um daqueles momentos que se seguiam a uma grande catástrofe mundial em que o gelo – camadas brancas e cinzas dele, feitas com pontos tão pequenos e compactos que não criavam uma textura, mas longos trechos lisos, misteriosos e reluzentes – engolira os vilarejos. Era muito raro Kira ver gelo, só às vezes nos meses mais frios do ano, quando chovia granizo, quebrando os galhos das árvores, e o rio congelava perto das margens. Mas lembrava-se de como ele lhe parecera aterrorizante e destrutivo durante o trabalho

naquela seção, e de como ficou feliz, com o surgimento do verde, para além das beiradas da calamidade glacial, anunciando um período pacífico e frutífero.

Ele passou a cantar sobre a parte verde, de forma melodiosa e reconfortante, um alívio depois da destruição gélida que emprestara à sua voz um tom severo e ameaçador.

Thomas se inclinou para perto dela e voltou a cutucá-la. Ela olhou para Jo, mas a pequena não tinha se movido.

– Olhe para o corredor da direita – sussurrou Thomas.

Ela obedeceu, mas não viu nada.

– Continue olhando – murmurou Thomas.

A voz do Cantor continuava a ressoar pelo auditório. Kira ficou observando o corredor lateral. De repente, avistou o que Thomas queria lhe mostrar: algo movia-se lenta e sorrateiramente, parando de tempos em tempos, esperando, então esgueirando-se adiante outra vez.

As cabeças das pessoas bloqueavam sua visão. Kira inclinou-se um pouco para a direita, tentando enxergar; ao mesmo tempo, tentava evitar que o Conselho dos Guardiões notasse que acontecia algo fora do comum. Lançou um olhar para eles, mas todos estavam compenetrados, concentrados no Cantor.

O vulto tornou a se mover nas sombras e Kira conseguiu notar que era um humano pequeno, andando de quatro como um animal de tocaia. As pessoas sentadas à beira do corredor já começavam a perceber o movimento, embora continuassem a fitar o palco. Houve uma ligeira comoção, ombros remexendo-se um pouco, olhadelas rápidas, expressões de surpresa. O pequeno humano avançou de novo, aproximando-se sorrateiramente da primeira fileira.

À medida que ele se aproximava, Kira podia vê-lo melhor sem mudar de posição, pois sua cadeira ficava virada para a plateia, na direção oposta do palco. Quando o intruso enfim chegou à ponta da primeira fileira, ele parou de andar, agachou-se e olhou com um sorriso para onde Kira, Jo e Thomas estavam. O coração de Kira saltou no peito.

Matt! Ela não ousou falar o nome do amigo em voz alta, apenas articulou a palavra.

Ele balançou os dedos em um aceno.

O Cantor segurou o cajado em um ponto mais acima, tateando em busca do lugar certo, e então prosseguiu.

Matt sorriu e abriu uma das mãos para lhe mostrar algo. Mas a luz era fraca e Kira não enxergou nada. Ele ergueu o que trazia entre o polegar e o indicador, exibindo-lhe como se fosse muito importante. Ela balançou de leve a cabeça,

indicando que não conseguia entender o que era. Sentindo-se culpada pelo lapso de atenção, virou-se e tornou a olhar em direção ao palco e ao Cantor. Sabia que em breve haveria um intervalo, uma pausa para o almoço, e arranjaria uma maneira de encontrar o pequeno para examinar e admirar o que quer que ele houvesse trazido.

O Cantor agora entoava a melodia serena que falava de colheitas abundantes e banquetes de celebração. Essa parte do Hino coincidia com os sentimentos de Kira naquele instante. Ela foi tomada por uma enorme sensação de alívio e alegria ao ver que Matt tinha voltado e estava bem.

Quando tornou a olhar, ele já havia saído de fininho e o corredor estava vazio.



– A pequena Cantora pode almoçar comigo e com Thomas?

O intervalo do meio-dia da Congregação, uma longa pausa na cerimônia para que todos pudessem comer e descansar, já começara. O cuidador refletiu sobre o pedido de Kira e concordou. Saindo pela porta lateral pela qual tinham entrado, ela e Thomas subiram as escadas até o quarto de Kira, acompanhados de Jo, que bocejava. Esperaram que a comida fosse trazida. Na praça lá fora, as pessoas estariam consumindo suas refeições trazidas de casa e conversando sobre o Hino. Estariam também ansiosas pela próxima parte, que descreveria um tempo de guerra, conflitos e morte. Kira se lembrava dessa seção: os borrifos de sangue em tons vivos feitos de linhas carmesim. Mas, por ora, afastou as imagens da cabeça.

Thomas e Jo começaram a comer o almoço farto trazido em uma bandeja e Kira atravessou às pressas o corredor até o quarto do amigo para olhar pela janela e vasculhar a multidão. Estava à procura de um pequeno de rosto sujo e de um cãozinho de rabo torto.

Mas não precisou olhar pela janela: os dois estavam esperando por ela nos aposentos de Thomas.

– Matt! – exclamou Kira.

Largando o cajado de lado, sentou-se na cama e o abraçou. Toquinho estava agitado aos pés de Kira, passando o focinho e a língua úmidos nos tornozelos dela.

– Eu fiz uma viagem longa pra danar – contou-lhe Matt, orgulhoso.

Ela fungou e sorriu.

– E não tomou banho *nenhuma* vez durante esse tempo todo.

– Não deu tempo de me lavar – admitiu ele, rindo, e acrescentou, com os olhos irrequietos de entusiasmo: – Trouxe um presente procê.

– O que era aquilo que você tentou me mostrar na Congregação? Não consegui ver.

– Trouxe duas coisas. Uma grande e uma pequena. A grande ainda tá vindo. Mas a pequena tá aqui no meu bolso.

Ele enfiou a mão bem fundo em seu bolso e sacou um punhado de nozes e um gafanhoto morto.

– Ih, não. Tá no outro.

Matt largou o inseto no chão para Toquinho, que o apanhou com os dentes e o devorou com um barulho crocante que fez Kira se retrair. As nozes rolaram para debaixo da cama. Matt pôs a mão no outro bolso e sacou algo, triunfante.

– Agora, sim, toma! – Ele lhe entregou o objeto.

Kira pegou seu presente dobrado, curiosa, e limpou os pedaços de folhas e terra. Então, observada por um Matt contente e orgulhoso, abriu-o, erguendo-o contra a luz que entrava pela janela. Era um quadrado de pano imundo e amarrotado. Nada mais do que isso. E, ainda assim, era muita coisa.

– Matt! – sussurrou Kira, maravilhada. – Você encontrou o azul!

Ele ficou radiante.

– Tava lá onde ela falou.

– Onde quem falou?

– Ela. A velha que fazia as cores. Ela disse que tinha lá praqueles lados.

Matt se sacudia de tão empolgado.

– Annabella? É verdade, eu lembro. Ela disse *mesmo*. – Kira alisou o pano sobre a mesa, examinando-o. O azul era forte e uniforme. A cor do céu, da paz. – Mas como você sabia onde ele estava, Matt? Como sabia aonde ir?

Ele deu de ombros, sorridente.

– Eu lembrava que ela tinha apontado. Então segui pra onde ela mostrou. Tem uma trilha. Mas é longe pra danar.

– E perigoso, Matt! A trilha atravessa a floresta!

– Não tem nada de meter medo na floresta.

Não tem fera nenhuma, havia falado Annabella.

– Eu e Toquinho, a gente andou dias e dias. Toquinho comeu os insetos. E eu tinha um pouco de comida que peguei...

– ... da sua mãe.

Ele assentiu com um ar culpado.

– Mas não era muita. Depois que ela acabou, fiquei comendo praticamente só as nozes. Podia ter comido insetos também se precisasse – afirmou ele, vangloriando-se.

Kira ouviu aquela história sem prestar muita atenção, ainda alisando o tecido. Ela desejara tanto o azul... E agora lá estava ele, na palma da sua mão.

– Aí quando eu cheguei no lugar, as pessoas de lá me deram comida. Eles têm comida de montão.

– Mas não lhe deram um banho – provocou Kira.

Matt coçou orgulhosamente seu joelho sujo e a ignorou.

– Eles ficaram surpresos pra danar quando me viram chegando. Mas deram bastante comida pra mim. E pro Toquinho também. Eles gostaram do Toquinho.

Kira olhou para o cão, que agora dormia aos seus pés, e o cutucou carinhosamente com a ponta da sandália.

– É claro que gostaram. Todo mundo adora Toquinho. Mas, Matt...

– Que foi?

– Quem são eles? Essas pessoas que têm o azul?

Ele encolheu os ombros magros e franziu a testa em uma expressão de ignorância.

– Num sei. Eles são todos quebrados, o pessoal de lá. Mas têm muita comida. E é sossegado e gostoso lá praqueles lados.

– Como assim, quebrados?

Ele gesticulou para a perna deformada de Kira.

– Igual a ocê. Tem uns que não andam direito. E uns que têm outras partes quebradas. Não é todo mundo. Mas eu vi um monte. Ocê acha que eles são tranquilos e bonzinhos porque são quebrados?

Intrigada com a descrição de Matt, Kira não respondeu. *A dor deixa você mais forte*, dissera-lhe sua mãe. Ela não falara *tranquila* ou *boazinha*.

– Bom – prosseguiu Matt –, mas eles têm azul, isso tá mais que provado, tá, sim.

– Sem dúvida.

– Agora sou a sua pessoa preferida, né?

Matt sorriu para Kira, que riu e confirmou.

O garoto foi até a janela. Colocando-se na ponta dos pés, olhou para baixo e depois para longe. As pessoas continuavam reunidas ali, mas ele parecia estar à procura de algo além delas e franziu a testa.

– Ocê gostou do azul? – perguntou, por fim.

– Matt, eu adorei o azul – respondeu ela, arrebatada. – Obrigada.

– Esse é o presente pequeno. O grande vai chegar daqui a pouco. – Ele continuava a olhar pela janela. – Ainda não chegou. – Ele se virou para Kira. – Tem comida pra mim se eu tomar banho?



Eles deixaram Matt e Toquinho no quarto de Thomas quando foram convocados para a sessão da tarde da Congregação. Dessa vez, foram conduzidos ao auditório e sentaram-se com menos formalidades; agora já não havia necessidade de serem apresentados.

Mas o Cantor, que parecia revigorado depois do almoço e de um descanso, tornou a entrar de forma cerimoniosa. Parado à beira do palco, ele ergueu seu cajado no ar e a plateia o aplaudiu, reconhecendo seu desempenho admirável durante a manhã.

A expressão em seu rosto continuava impassível, como estivera desde o começo. Não exibia nenhum sorriso orgulhoso. Ele simplesmente fitava com intensidade a massa, o povo para o qual o Hino era toda a história do mundo, o relato de suas tribulações, fracassos e erros, assim como de novas tentativas e esperanças. Kira e Thomas também aplaudiram e Jo os imitou.

Enquanto o Cantor se virava e subia os degraus que levavam ao palco, Kira encarou Thomas. Em meio ao barulho dos aplausos, ele também tinha ouvido o som metálico e surdo de algo se arrastando. O mesmo de antes do início do Hino.

Kira olhou à sua volta, intrigada. Ninguém mais parecia escutar o ruído abrupto e pesado. A plateia observava o Cantor respirar fundo, preparando-se. Ele se encaminhou para o centro do palco, fechou os olhos e tateou o cajado, em busca do lugar certo. Balançou-se de leve.

Kira ouviu o barulho outra vez. Então, quase por acidente, e apenas por um segundo, conseguiu ver de onde ele vinha. Horrorizada, Kira percebeu de repente o que era aquele som. Mas agora havia apenas o silêncio. E logo em seguida o Hino recomeçou.

21

– O que houve, Kira? Diga para mim!

Thomas a estava seguindo escadas acima. A Congregação tinha finalmente acabado. Jo havia sido levada embora pelos cuidadores, mas não sem um momento extasiante de glória.

Ao fim da longa tarde, quando a plateia se levantou e todos cantaram em coro o magnífico "Amém. Assim seja" que sempre concluía o Hino, o Cantor chamara Jo para junto de si. Embora tivesse se contorcido em sua cadeira e cochilado durante as longas horas da cerimônia, a pequena ergueu os olhos para ele com toda a atenção e correu empolgada até palco. Uma vez lá, parou ao seu lado e, radiante, balançou um de seus bracinhos no ar enquanto a plateia, não mais tolhida pela solenidade, assobiava e batia os pés no chão para demonstrar seu apreço.

Kira permaneceu imóvel e quieta, assolada pelo que havia acabado de descobrir e por uma sensação esmagadora, uma combinação de pavor e de enorme tristeza.

O medo e o pesar ainda a acompanhavam durante a subida para os aposentos. Kira respirou fundo e se preparou para contar a Thomas o que sabia.

Mas, no topo da escada, depararam com Matt em frente à porta aberta de Kira. Ele exibia um sorriso largo e se remexia, impaciente, saltando se um pé para o outro.

– Ele chegou! – exclamou Matt. – O presente grande tá aqui!



Kira entrou no quarto e estacou em frente à porta. Fitou com curiosidade o estranho encurvado, sentado na cadeira dela com um ar de cansaço. Como as pernas dele eram longas, Kira deduziu que o homem fosse muito alto. Seu cabelo era grisalho, embora ele não fosse tão velho; três sílabas, pensou ela, tentando categorizá-lo de alguma forma que talvez pudesse explicar sua presença. Sim, três sílabas, mais ou menos como Jamison, talvez da idade do irmão da sua mãe.

Ela cutucou Thomas.

– Olhe – sussurrou Kira, indicando a cor na camisa folgada do homem. – *Azul*.

O intruso se levantou e virou para ela ao ouvir sua voz e as explosões de entusiasmo incontidas de Matt. Por alguns instantes, Kira se perguntou por que ele não tinha se levantado quando ela entrara. O gesto seria esperado até mesmo do estranho mais desatencioso e hostil, e aquele homem parecia amigável e cortês. Ele sorria de leve. Cicatrizes desfiguravam e cobriam seu rosto, vincando-lhe a testa e toda a extensão de uma bochecha com linhas irregulares, e seus olhos eram opacos e cegos. Kira nunca tinha visto ninguém com a visão destruída antes, embora tivesse ouvido falar que isso poderia ser causado por acidentes ou doenças. Mas as pessoas danificadas eram inúteis, sempre levadas para o Campo.

Por que aquele homem cego estava vivo? Onde Matt o encontrara?

E por que ele estava ali?

Matt continuava a saltar de um lado para outro, ansioso.

– Eu trouxe ele! – anunciou alegremente, e tocou a mão do homem, exigindo sua confirmação: – Fui eu quem trouxe você, não fui?

– Foi, sim – respondeu o estranho, com uma voz afetuosa. – Você foi um excelente guia. Trouxe-me por quase todo o caminho.

– Eu trouxe ele de muito longe, desde lá praqueles lados! – exclamou Matt, virando-se para Kira e Thomas. – Mas aí no fim ele quis fazer o resto do caminho sozinho. Eu falei que ia deixar Toquinho com ele pra ajudar, mas ele teimou que não queria. Aí ele me deu o pedacinho de pano que eu dei de presente procê. Tá vendo? – Matt puxou a camisa do homem e mostrou a bainha para Kira, na parte de trás, onde havia um rasgo.

– Sinto muito – desculpou-se Kira; sentia-se constrangida e insegura em sua presença. – Sua camisa está estragada.

– Eu tenho outras – falou o homem com um sorriso. – Ele queria muito lhe mostrar o presente. E senti necessidade de encontrar o caminho sozinho. Já estive aqui antes, mas faz muito tempo.

– E olha só! – Matt parecia um bebê ou um filhote de cachorro, de tão empolgado. Ele apanhou uma bolsa do chão ao lado da cadeira e desfez o nó que a fechava. – Agora a gente vai precisar de água – ele retirou várias plantas murchas lá de dentro com cuidado –, mas elas vão ficar boas de novo. É só a gente molhar um pouquinho que elas voltam a ficar fortes.

Então, virou para o cego e puxou sua manga para se assegurar de que ele estava presentando atenção.

– Mas ocê nem imagina!

– O quê? – O homem parecia estar se divertindo.

– Ela tem água aqui! Ocê deve estar achando que a gente ia precisar levar essas plantas lá pro rio! Mas aqui mesmo, se eu abrir aquela porta ali, ela tem água que sai pra fora!

Ele andou até porta e a abriu.

– Leve as plantas, então, Matt – sugeriu o homem. – Dê um pouco d'água para elas.

O cego se voltou para Kira e ela notou que ele conseguia sentir sua presença na escuridão.

– Nós trouxemos pastel-dos-tintureiros para você. É a planta que meu povo usa para fazer a tintura azul.

– A sua linda camisa... – murmurou ela e o homem sorriu outra vez.

– Matt me disse que é da mesma cor que o céu em uma manhã ensolarada no começo do verão.

Kira concordou.

– É mesmo. É exatamente isso!

– A cor deve ser parecida com a de uma flor de ipomeia, imagino.

– Sim, é verdade! Mas como...

– Eu nem sempre fui cego. Lembro-me dessas coisas.

Eles ouviram o barulho de água corrente.

– Matt? Não as afogue! – exclamou o homem. – Teríamos que fazer uma longa viagem de volta para pegar mais! – Ele tornou a se virar para Kira. – Seria um prazer lhe trazer mais delas, é claro. Mas não creio que será necessário.

– Vou pedir que lhe tragam comida – disse Kira. – Já está quase na hora do jantar, de qualquer forma.

Por mais confusa que estivesse, ela ainda tentou se lembrar das cortesias mais básicas. O homem lhe trouxera um presente de grande valor. Não conseguia sequer imaginar por que teria feito aquilo, tampouco como devia ter sido difícil viajar uma distância tão longa sem enxergar e tendo como guia apenas um menino cheio de energia e um cão com o rabo torto.

E, na última parte do trajeto, quando Matt foi correndo na frente com o estimado retalho de tecido azul, ele viera sozinho. Como era possível?

– Deixe que eu chamo os cuidadores – falou Thomas.

O homem pareceu espantado e aflito.

– Quem é esse?

– Eu moro na outra ponta do corredor – explicou Thomas. – Entalhei o cajado do Cantor enquanto Kira trabalhou na túnica. Talvez você não entenda do que se trata a Congregação, mas ela acabou agora mesmo e é muito impor...

– Eu sei tudo sobre ela – interrompeu o homem, então acrescentou com uma voz firme: – Por favor, não peça comida. Ninguém deve saber que estou aqui.

– Comida? – perguntou Matt, saindo do banheiro.

– Vou pedir que levem nosso jantar para o meu quarto, do outro lado do corredor, portanto ninguém vai perceber – sugeriu Thomas. – Podemos todos dividi-lo. Sempre mandam mais do que o necessário.

Kira fez que sim com a cabeça e Thomas saiu do quarto para chamar os cuidadores. Matt saiu correndo atrás dele, alerta diante da perspectiva de comida.

Então Kira se viu sozinha com o estranho de camisa azul. Notava pela sua postura que ele estava muito cansado. Sentou-se na beirada da cama, de frente para ele, e vasculhou a mente em busca das coisas certas para lhe dizer, das perguntas certas para fazer.

– Matt é um bom menino – comentou ela após alguns instantes de silêncio –, mas é tão esbaforido que às vezes se esquece de algumas coisas importantes. Ele não lhe disse meu nome. Eu me chamo Kira.

O cego assentiu.

– Eu sei. Ele me contou tudo a seu respeito.

Ela aguardou. Por fim, quebrou o silêncio:

– Ele não me contou quem é você.

O homem fixou seus olhos cegos em algum ponto além de onde Kira estava sentada. Fez menção de falar, mas sua voz falhou. Respirou fundo. Esperou.

– Está começando a escurecer. Estou virado para a janela e consigo sentir a mudança na luz.

– Tem razão.

– Foi assim que soube como chegar até aqui depois que Matt me deixou nos limites do vilarejo. Nosso plano era esperar e chegar à noite, quando já estivesse escuro. Mas não havia ninguém por perto, logo foi seguro para nós entrarmos de dia. Matt percebeu que era o dia da Congregação.

– Sim. Começou de manhã bem cedo.

Ele não vai responder à minha pergunta, pensou ela.

– Eu me lembro das Congregações. E me lembrava da trilha. As árvores cresceram, é claro. Mas eu pude sentir as sombras. Encontrei o caminho ao longo do centro da trilha pela maneira como a luz incidia ali. – O homem abriu um sorriso irônico. – Senti o cheiro do açougue.

Kira deu uma risadinha.

– Ao passar pelo galpão de tecelagem, senti o cheiro dos tecidos dobrados lá dentro e até o da madeira dos teares. Se as mulheres estivessem trabalhando, teria

reconhecido os sons.

Estalando a língua contra o céu da boca, ele imitou o clique-claque surdo e repetitivo da lançadeira; depois, simulou o sussurro das linhas transformando-se em tecido.

– E foi assim que eu vim até aqui sozinho. Então Matt me encontrou e me trouxe até o seu quarto.

Kira aguardou que ele continuasse.

– Por quê? – indagou finalmente.

O homem tocou o próprio rosto. Correu a mão pelas cicatrizes, tateando suas beiradas, acompanhou a linha de pele que descia em zigue-zague pela sua bochecha, até o pescoço. Por fim, enfiou a mão na camisa e puxou para fora uma tira de couro. Ela viu a metade polida de uma pedra idêntica à sua.

– Kira – falou o homem, mas ele não precisava mais lhe dizer o seu nome, pois ela sabia –, meu nome é Christopher. Eu sou o seu pai.

Chocada, ela o encarou firme. Fitando seus olhos arruinados, Kira viu que eles ainda eram capazes de chorar.

22

Em algum lugar escondido para onde Matt o levara à noite, seu pai estava dormindo. Mas, antes de deixá-la, ele lhe contou sua história.

– Não, não foram feras – negou o homem, respondendo à sua primeira pergunta. – Foram homens. Não há nenhuma fera lá fora.

Sua voz soava tão segura quanto a de Annabella. *Não tem fera nenhuma.*

– Mas...

Kira pensou em revelar o que Jamison lhe contara – *Eu vi seu pai ser levado pelas feras* –, mas ela continuou a ouvir.

– Ah, existem criaturas selvagens na floresta, é claro. Nós as caçávamos para comer. Ainda fazemos isso. Cervos. Esquilos. Coelhos. – Ele suspirou. – Fizemos uma caçada grande naquele dia. Os homens se reuniram para a distribuição das armas. Eu tinha uma lança e um saco de comida que Katrina havia preparado para mim. Ela sempre fazia isso.

– Sim, eu sei – sussurrou Kira.

Ele não pareceu ouvi-la. Com seus olhos vazios, parecia fitar o passado.

– Ela estava esperando um bebê – disse ele, sorrindo.

Seu pai fez um gesto com a mão, descrevendo uma curva no ar acima da própria barriga. Kira sentiu-se como se estivesse ali, pequenina, no espaço criado pelos seus dedos arqueados, dentro da lembrança de sua mãe.

– Nós entramos como sempre fazíamos: primeiro juntos, em grupos, depois nos separamos em pares e, por fim, ficamos sozinhos à medida que seguíamos nossas próprias trilhas e sons floresta adentro.

– Você sentiu medo? – perguntou Kira.

Ele abandonou o tom lento e calculado com que relatava suas lembranças e sorriu.

– Não, não. Não havia perigo. Eu era um caçador experiente. Um dos melhores. Nunca tive medo da floresta. – Ele franziu a testa. – Mas devia ter suspeitado. Eu sabia que tinha inimigos. A inveja estava sempre presente e havia rivalidades. Fazia parte da maneira como as pessoas viviam aqui. Talvez ainda faça.

Kira assentiu, mas se lembrou de que ele não podia ver o gesto.

– Sim. Ainda faz.

– Eu estava prestes a ser nomeado para o Conselho dos Guardiões – prosseguiu ele. – Era um posto de grande poder. Outros o queriam para si. Imagino que tenha sido isso. Quem sabe? Sempre houve hostilidade aqui. Palavras duras. Há muito tempo que não pensava nisso, mas agora recordo as discussões e a raiva, mesmo naquela manhã, enquanto as armas eram atribuídas...

– Aconteceu de novo recentemente, no começo de uma caçada – interrompeu-o Kira. – Eu vi. Brigas e discussões. É sempre assim. É o jeito de agir dos homens.

Ele deu de ombros.

– Então nada mudou.

– Como poderia mudar? É como as coisas são. Os pequenos aprendem desde cedo a agarrar as coisas e empurrar os outros. É a única maneira que as pessoas têm de conseguir o querem. Eu teria aprendido o mesmo, se não fosse pela minha perna.

– Sua perna?

Ele não sabia. Como saberia?

Kira se sentiu constrangida por ter que contar.

– Ela é deformada. Eu nasci assim. Eles queriam me levar para o Campo, mas minha mãe não deixou.

– Ela os desafiou? Katrina? – Um sorriso iluminou seu rosto. – E venceu!

– O pai dela ainda estava vivo e ele era uma pessoa muito importante, pelo que ela me contou. Então eles a deixaram ficar comigo. Devem ter achado que eu acabaria morrendo de qualquer maneira.

– Mas você é forte.

– Sou. Minha mãe dizia que a dor me deixou forte.

Agora que lhe contava sua história, Kira já não estava envergonhada, mas orgulhosa, e queria que ele tivesse orgulho dela também.

Cristopher se esticou para tomar a mão dela na sua.

Kira queria que ele prosseguisse; precisava saber o que acontecera.

– Não sei ao certo quem foi – continuou ele. – Tenho um palpite, é claro. Sabia que ele era muito invejoso. Parece que ele se aproximou sorrateiramente pelas minhas costas e me atacou enquanto eu observava um cervo que vinha seguindo; primeiro com um porretada na cabeça, para me deixar tonto e desnorteado, depois com a faca. Então, me largou ali para morrer.

– Mas você sobreviveu. Você era forte. – Kira apertou sua mão.

– Eu acordei no Campo. Imagino que os apanhadores tenham me levado e me deixado ali, como sempre fazem. Você já foi ao Campo?

Kira aquiesceu, então tornou a lembrar da cegueira dele e respondeu em voz alta:

– Já.

Teria que lhe dizer quando e por quê. Mas ainda não era a hora.

– Eu teria morrido ali; deveria ter morrido. Não conseguia me mexer, não enxergava. Estava confuso e com muita dor. Eu *queria* morrer. Mas, naquela noite, estranhos vieram ao Campo. A princípio, achei que fossem coveiros. Tentei lhes dizer que ainda estava vivo. A resposta veio na nossa língua, mas com um sotaque diferente, com uma cadência ligeiramente modificada. Por mais graves que fossem meus ferimentos, pude notar a diferença. E suas vozes eram suaves. Gentis. Eles levaram algo à minha boca, uma bebida feita de ervas. Ela aliviou minha dor e me deixou sonolento. Colocaram-me em cima de uma maca feita de galhos grossos...

– Quem eram eles? – perguntou Kira, fascinada.

– Eu não sabia ainda. Não conseguia vê-los. Meus olhos estavam destruídos e eu estava quase delirante de tanta dor. Mas podia ouvir suas vozes reconfortantes. Então bebi o líquido e deixei que cuidassem de mim.

Kira ficou pasma. Durante toda a sua vida no vilarejo, nunca tinha encontrado uma só pessoa capaz de fazer algo parecido. Não conhecia ninguém que estivesse disposto a acalmar, ajudar ou trazer conforto a outro ser vivo gravemente ferido. Ou que soubesse *como*.

Com exceção de Matt, pensou ela, lembrando-se de como o menino tinha cuidado do cãozinho ferido e o trazido de volta à vida.

– Eles me carregaram para muito longe através da floresta – continuou seu pai. – Foram vários dias de viagem. Eu acordei, dormi e voltei a acordar. Todas as vezes que despertava, eles falavam comigo, limpavam minhas feridas, davam-me água para beber e mais doses do remédio para aliviar a dor. Minha mente estava confusa. Eu não recordava o que havia acontecido. Mas eles me curaram, até onde foi possível, e me contaram a verdade: eu nunca mais voltaria a enxergar. Mas poderiam me ajudar a ganhar a vida sem a visão.

– Mas quem *eram* eles? – tornou a perguntar Kira.

– Quem *são* eles, é o que você deveria perguntar – falou Cristopher com ternura –, pois eles ainda existem. E eu sou um deles agora. São apenas pessoas. Mas que foram danificadas, como eu. Que foram abandonadas para morrer.

– Que foram levadas do nosso vilarejo para o Campo?

– Não só daqui. Existem outros lugares. Elas vieram de todas as partes, essas pessoas que foram feridas: às vezes não só em seus corpos, mas de outras formas também. Algumas fizeram viagens muito, muito longas. Os relatos de suas duras

jornadas são impressionantes. E os que chegaram ao lugar ao qual fui levado formaram a própria comunidade, que agora também é minha...

Kira se lembrou da descrição de Matt de um lugar onde pessoas quebradas viviam.

– Elas se ajudam – explicou seu pai. – *Nós* nos ajudamos. Os que podem ver são meu guias. Nunca faltam olhos para me ajudar. Os que não podem andar são carregados.

Kira esfregou inconscientemente a perna deformada.

– Sempre há alguém em quem você possa se apoiar – contou ele. – Ou um par de mãos fortes para aqueles que não têm nenhuma. O vilarejo da cura existe há muito tempo. Ainda recebemos pessoas feridas vindas de outros lugares. Mas agora ele está começando a mudar, pois crianças nasceram e estão crescendo. Então temos jovens fortes e saudáveis entre nós. E há também outros que nos encontraram e decidiram ficar porque queriam viver como nós.

Kira tentava visualizar o lugar que o pai descrevia.

– Então é um vilarejo, como este aqui.

– É bem parecido. Temos jardins. Casas. Famílias. Mas é muito mais pacífico do que aqui. Não há brigas. As pessoas dividem tudo o que têm e ajudam umas às outras. Os bebês quase nunca choram. As crianças são tratadas com carinho.

Kira olhou para o pingente de pedra que descansava contra a camisa azul de seu pai.

– Você tem uma família lá? – perguntou ela, hesitante.

– Todo o vilarejo é como uma família para mim, Kira. Mas não tenho esposa ou filhos. É isso que está perguntando?

– Sim.

– Eu deixei minha família aqui. Katrina e a criança ainda por nascer. – Ele sorriu. – Você.

Ela sabia que havia chegado a hora de lhe contar.

– Katrina...

– Eu sei. Sua mãe está morta. Matt me contou.

Kira assentiu e, pela primeira vez em muitos meses, começou a chorar sua perda. Não havia chorado quando a mãe morrera. Obrigara-se a ser forte na ocasião, a decidir o que fazer e não se permitir outra coisa. Agora lágrimas quentes escorriam pelo rosto e ela o cobriu com as mãos. Seus ombros sacudiam com os soluços. Cristopher lhe ofereceu um abraço, mas Kira se virou para longe dele.

– Por que você nunca voltou? – perguntou ela enfim, engasgando em suas próprias palavras, enquanto tentava parar de chorar.

Por entre os dedos, ela pôde ver que a pergunta o magoara.

– Durante muito tempo – respondeu ele após uma longa pausa –, eu não conseguia me lembrar de nada. Os golpes que levei na cabeça eram para me matar, mas falharam. Entretanto, levaram embora minha memória. Quem era eu? Por que estava ali? Quem era minha esposa? Onde era meu lar? Eu não sabia a resposta para nenhuma dessas perguntas. Então, muito devagar, à medida que eu sarava, as lembranças começaram a voltar. Pequenos detalhes do passado. A voz da sua mãe. Uma canção que ela entoava: "A noite chega e as cores vão embora; o céu se apaga, pois o azul não se demora..."

Surpresa ao ouvir a familiar canção de ninar, Kira murmurou as palavras junto com ele.

– Sim – sussurrou ela. – Eu também me lembro.

– Então, pouco a pouco, fui me lembrando de tudo. Mas eu não podia voltar. Não sabia como encontrar o caminho. Estava cego e fraco. E, mesmo que conseguisse retornar, seria para ir ao encontro da minha morte. As pessoas que me queriam morto continuavam aqui. Por fim, decidi ficar. Chorei pelas coisas que tinha perdido. Mas fiquei e construí uma vida ali, sem sua mãe. Sem você. – De repente, a expressão em seu rosto se suavizou. – Mas, depois de tantos anos, o menino apareceu. Ele chegou exausto e faminto.

– Ele está sempre faminto – replicou Kira com um pequeno sorriso.

– Ele disse que tinha ido até lá porque ouvira dizer que nós tínhamos azul. Queria levar o azul para uma amiga especial, que havia aprendido a fazer todas as outras cores. Quando ele me contou a seu respeito, Kira, eu soube que você devia ser minha filha. E que precisava deixá-lo me trazer de volta. – Cristopher se espreguiçou um pouco e bocejou. – O menino vai encontrar um lugar seguro onde eu possa dormir.

Kira tomou a mão dele na sua. Até ali havia cicatrizes.

– Pai – falou ela, experimentando, insegura, chamá-lo assim –, eles não vão ferir você agora.

– Não, eu estarei mais seguro escondido. E, depois que estiver descansado, fugirei com você. O menino nos ajudará a conseguir comida para a viagem. Você será meus olhos no caminho de volta para casa. E eu serei as pernas fortes que lhe darão apoio.

– Não, pai! – exclamou Kira, aflita. – Olhe! – Ela fez um gesto amplo com o braço, indicando o quarto confortável, então se deteve, constrangida. – Desculpe. Sei que não pode ver. Mas pode *sentir* como estou confortável. Existem outros

quartos como este ao longo do corredor; estão todos vazios, com exceção dos que eu e Thomas ocupamos. Um deles pode ser preparado para você.

– Não – negou o pai, balançando a cabeça.

– Você não entende, pai, porque esteve longe daqui, mas eu tenho uma função importante no vilarejo. E, por causa dela, tenho um amigo especial no Conselho dos Guardiões. Ele salvou minha vida! E cuida de mim. Ah, é muito complicado para que eu possa explicar agora e sei como você está cansado. Mas, pai, pouco tempo atrás eu corria um grande perigo. Uma mulher chamada Vandara queria que eu fosse levada para o Campo. Houve um julgamento e...

– Vandara? Eu me lembro dela. Não é a mulher da cicatriz?

– Isso, ela mesma – confirmou Kira.

– O acidente dela foi uma coisa terrível. Eu me lembro de quando aconteceu. Ela culpou o próprio filho. Ele escorregou em umas pedras molhadas e agarrou a saia da mãe, então ela caiu e rasgou o queixo e pescoço em uma pedra pontuda.

– Mas achei que...

– Ele era muito novo, mas ela o culpou mesmo assim. Mais tarde, quando ele morreu por ter comido folhas de espirradeira, houve boatos. Alguns suspeitaram que... – Cristopher se interrompeu e suspirou. – Mas não havia provas de que ela fosse a culpada. Seja como for, ela é uma mulher cruel. Ela se voltou contra você? E houve um julgamento?

– Sim, mas eles permitiram que eu ficasse. Recebi, inclusive, um lugar de honra. Eu tive um defensor, um guardião chamado Jamison. E agora ele cuida de mim, pai, e supervisiona o meu trabalho. Estou certa de que ele encontrará um lugar para você!

Kira apertou a mão do pai, feliz, pensando no futuro que eles teriam juntos. Mas então a atmosfera no quarto mudou. O rosto do pai ficou carregado. Ele retesou a mão que ela segurava e a recolheu.

– O seu defensor... Jamison? – Cristopher voltou a tocar o próprio rosto coberto de cicatrizes. – Sim, ele já tentou encontrar um lugar para mim antes. Jamison é o homem que tentou me matar.

23

Sozinha sob o luar tênue de antes do amanhecer, Kira desceu até o jardim de tinturas que havia sido criado com tanto esmero e plantou o pastel-dos-tintureiros, afofando delicadamente a terra em volta das raízes úmidas.

– "Ocê vai precisar de pastel-dos-tintureiros. De folhas frescas do primeiro ano dessa planta" – repetiu as palavras de Annabella. – "E água da chuva; é assim que se faz o azul."

Ela trouxe água de um balde que havia no galpão de tecelagem e molhou o solo ao redor das plantas frágeis. Ainda faltava muito para o primeiro ano delas; não estaria ali para colher aquelas folhas.

Depois de regar as plantas, ela ficou sentada sozinha, com o queixo apoiado nos joelhos, balançando-se para a frente e para trás enquanto o sol começava a nascer, uma mancha rosa suave que se elevava acima do horizonte leste. O silêncio ainda pairava sobre o vilarejo. Ela tentou juntar as peças em sua cabeça, encontrar algum sentido naquilo tudo.

Mas não fazia sentido, não havia explicação.

A morte de sua mãe: uma doença repentina, violenta e isolada. Era raro acontecer algo assim. Em geral, doenças acometiam todo o vilarejo, causando várias mortes.

Será que sua mãe tinha sido envenenada?

Mas por quê?

Porque eles queriam Kira.

Por quê?

Para poderem se apossar do seu dom: a habilidade com as linhas.

E Thomas? Os pais deles também? E os de Jo?

Por quê?

Para eles terem controle sobre todos os seus dons.

Desesperada, Kira olhou para o jardim sob os primeiros raios da aurora. As plantas reluziam e balançavam ao sabor da brisa, algumas ainda exibindo as flores do início do outono. Agora, finalmente, o pastel-dos-tintureiros tinha sido acrescentado

ao jardim para lhe dar o azul pelo qual ela tanto ansiara. Mas outra pessoa iria colher suas primeiras folhas.

Em algum lugar perto dali, o pai dormia, recobrando as forças para voltar com a filha recém-descoberta ao vilarejo onde as pessoas se curavam e viviam em harmonia. Juntos, fugiriam e abandonariam o único mundo que ela conhecia. Kira estava ansiosa por essa jornada. Não sentiria falta da miséria e do caos que deixariam para trás.

Sentiria falta de Matt e de suas travessuras, pensou ela com tristeza. E de Thomas, tão sério e dedicado.

E de Jo. Ela sorriu ao pensar na cantora pequenina que acenara com tanto orgulho para a plateia durante a Congregação.

Então, Kira lembrou-se de algo. Em meio à confusão e à emoção da chegada de seu pai, tinha se esquecido completamente do assunto. Agora a compreensão e o horror estavam de volta e ela mal conseguia respirar.

O barulho surdo e clangoroso que tanto a intrigara durante a cerimônia! Ela o rememorava agora, um som de metal sendo arrastado. Kira havia vislumbrado o que o provocava no início da segunda metade do Hino. Ao término da Congregação, o Cantor agradeceu os aplausos da plateia e Jo desceu correndo alegremente do palco. Ele se encaminhou para os degraus a fim de atravessar o corredor e levantou um pouco a túnica no topo da escada. De seu lugar à beira do palco, Kira viu os seus pés, descalços, grotescamente desfigurados.

Seus tornozelos exibiam cicatrizes grossas, mais danificados do que o rosto de Cristopher. Estavam encrostados de sangue seco, coagulado. Sangue fresco escorria em filetes pelos seus pés, vindo da pele ferida, infeccionada, em volta das algemas de metal que prendiam o Cantor. Entre as argolas grossas, arrastando-se pesadamente enquanto ele descia devagar do palco, havia uma corrente.

Ele baixou a túnica e ela não viu mais nada. *Será que foi fruto da minha imaginação?*, pensou Kira. Mas ela escutou o raspar da corrente contra o chão e viu atrás dele um rastro escuro de sangue.

Ao recordar a cena, Kira compreendeu, de forma repentina e com total clareza, o que tudo aquilo significava. Era muito simples.

A nova e pequenina Cantora que um dia assumiria o lugar do Cantor acorrentado; Thomas, o Entalhador, que escrevia a história do mundo com suas ferramentas meticulosas; e ela mesma, que dava cor àquela história... Todos eram os artistas capazes de criar o futuro.

Kira conseguia sentir isso na ponta dos seus dedos: sua habilidade de entrelaçar e tramar as cores nas cenas de extraordinária beleza que havia feito totalmente

sozinha, antes de lhe atribuírem a tarefa de restaurar a túnica. Thomas dissera que um dia também tinha entalhado peças de madeira extraordinárias que pareciam ganhar vida. E ela podia ouvir a melodia sublime e inesquecível que a criança entoara com sua voz mágica, sozinha em seu quarto, antes de eles a obrigarem a abandoná-la e lhe ensinarem canções.

Os guardiões, com seus rostos severos, não tinham nenhum poder criativo. Mas eram poderosos e astutos e haviam encontrado uma maneira de roubar e controlar os poderes das outras pessoas para o seu benefício. Estavam forçando as crianças a descrever o mundo que eles queriam, e não o mundo que poderia surgir.

Kira observou o jardim oscilar e se mover. Ela sabia que a muda recém-plantada de pastel-dos-tintureiros iria vingar, aninhada onde ela a havia colocado com todo o carinho, ao lado da garança amarela. "Ela morre quase toda depois da primeira floração", dissera Annabella, descrevendo a planta. "Mas às vezes você consegue encontrar um brotinho ainda vivo."

Kira plantara um desses pequenos brotos e algo dentro dela lhe dava a certeza de que ele iria sobreviver. Estava convicta de outra coisa também e, nesse momento, levantou-se da grama úmida para encontrar seu pai e lhe dizer que não poderia ser seus olhos. Ela precisava ficar.



Matt iria levar Christopher para casa.

Eles se reuniram na calada da noite à beira da trilha que se afastava do vilarejo, o mesmo caminho que passaria pela clareira de Annabella e se estenderia por dias até o vilarejo da cura. Matt estava inquieto, ansioso por começar viagem, orgulhoso de seu papel de líder. Toquinho, também louco para embarcar em uma aventura, cheirava tudo o que via pela frente e zanzava para lá e para cá.

– Eu sei que ocê vai sentir uma falta danada de mim – disse Matt – e é capaz de eu demorar um tempão pra voltar, porque eles podem querer que eu fique lá de visita. – Ele se virou para Christopher. – Eles sempre têm comida de montão lá? Pros visitantes? E pros cachorros?

Christopher assentiu, sorrindo.

Matt puxou Kira de lado para sussurrar um segredo importante em seu ouvido, em um tom de voz compassivo:

– Eu sei que ocê não pode arranjar marido por causa da sua perna troncha.

– Não tem importância – replicou Kira para tranquilizá-lo.

Matt puxou a manga dela com força.

– Eu tô querendo falar procê desde que voltei que aquele pessoal de lá, os quebrados, casam uns com os outros. E eu vi um menino lá, um menino de duas sílabas, que nem é quebrado, mais ou menos da sua idade. Aposto que, se quisesse, ocê podia casar com ele – sussurrou Matt, muito sério.

Kira o abraçou.

– Obrigada, Matt. Mas não quero, não.

– Ele tem os olhos dum azul muito bonito – falou Matt, solene, como se fosse fazer diferença.

Kira apenas sorriu e balançou a cabeça.

Thomas carregava a trouxa com a comida que eles haviam separado e embalado; na entrada da trilha, colocou-a sobre as costas fortes de Christopher. Então, os dois trocaram um aperto de mãos.

Kira ficou esperando em silêncio.

O pai compreendera sua decisão.

– Venha assim que puder. Matt estará sempre indo e vindo. Manteremos contato através dele. E um dia ele levará você.

– Um dia nossos vilarejos se conhecerão – garantiu-lhe Kira. – Já consigo sentir isso.

Era verdade. Ela sentia o futuro pulsar em suas mãos, nas imagens que elas a exortavam a fazer. Sentia o grande trecho não decorado à sua espera.

– Tenho um presente para você – avisou o pai.

Kira o encarou, intrigada, pois ele tinha vindo de mãos vazias e vivera escondido durante os últimos dias. Cristopher depositou algo macio em suas mãos, algo que lhe pareceu reconfortante.

Ela conseguia sentir o que era, embora a escuridão não lhe permitisse ver.

– São linhas? Um rolo de linhas?

O pai sorriu.

– Enquanto estava sozinho, esperando a hora de voltar, eu tive tempo de sobra. E minhas mãos são muito habilidosas, pois tive que aprender a fazer as coisas sem enxergar. Pouco a pouco, fui desfiando o tecido da minha camisa azul. O menino trouxe outra para mim.

– Eu roubei ela – anunciou Matt, cheio de si.

– Assim você terá linhas azuis – prosseguiu o pai –, enquanto espera as plantas crescerem.

– Adeus – sussurrou Kira, abraçando o pai.

Em meio à penumbra, ela observou o cego, o menino desertor e o cão de rabo torto se afastarem pela trilha. Quando já não podia mais vê-los, dirigiu-se ao que o futuro lhe reservava. O azul estava em sua mão e ela conseguia senti-lo palpitar, como se tivesse recebido o sopro da vida e começasse a renascer.

Sobre a autora

LOIS LOWRY tem mais de 40 livros publicados e já recebeu diversos prêmios, como o Boston Globe-Horn Book, o Dorothy Canfield Fisher, o Mark Twain e a Medalha California Young Readers. Ganhou duas vezes a Medalha John Newbery, da Association for Library Service to Children, uma delas por *O doador de memórias*, o primeiro volume da série formada por *A escolhida*, *Messenger* e *Son*.

www.loislowry.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, *O símbolo perdido*, *O código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma longa jornada, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento*, *À primeira vista* e *O resgate*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*, *Praticamente inofensiva* e *O salmão da dúvida*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
Sobre a Autora
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro